



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

BEATRIZ DE OLIVEIRA MATOS

**OS NOMES DA TERRA SERIGY:
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO DOS NOMES DA
LÍNGUA TUPI NA GEOGRAFIA DO ESTADO DE SERGIPE**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

BEATRIZ DE OLIVEIRA MATOS

**OS NOMES DA TERRA SERIGY:
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO DOS
NOMES DA LÍNGUA TUPI NA GEOGRAFIA DO ESTADO DE
SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos
Linha de pesquisa: Linguagem, usos e tecnologias

Orientador: Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M433n

Matos, Beatriz de Oliveira

Os nomes da terra Serigy : descrição e análise do glossário etimológico dos nomes da língua tupi na geografia do estado de Sergipe / Beatriz de Oliveira Matos ; orientador Cezar Alexandre Nen Santos – São Cristóvão, SE, 2024.

116 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Língua portuguesa - Etimologia - Nomes. 2. Língua tupi-guarani. 3. Lexicografia - Dicionários. 4. Toponímia - Dicionários. 5. Sergipe. I. Santos, Cezar Alexandre Nen, orient. II. Título.

CDU 81'21

BEATRIZ DE OLIVEIRA MATOS

OS NOMES DA TERRA SERIGY:

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO DOS NOMES DA
LÍNGUA TUPI NA GEOGRAFIA DO ESTADO DE SERGIPE

Exame de defesa da Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linguagem, Usos e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos (orientador)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

À minha mãe, a melhor pessoa do mundo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, instituição à qual agradeço pelo suporte ao longo desta jornada acadêmica.

Dois anos se passaram desde o início da minha jornada no mestrado. Dois anos infinitos, repletos de experiências que proporcionaram a sensação de uma vida inteira. O mestrado era um sonho e assim comecei essa trajetória, realizando-o, porém, impasses aconteceram para me fazer achar que o meu sonho teria virado um pesadelo. Mas não virou. E eu demorei algum tempo para perceber que ele ainda estava ali, vivo, pronto para ser realizado! Hoje agradeço a todas as pessoas que me fortaleceram ao longo desses meses para que eu redescobrisse o meu sonho de um dia ser Mestra em Letras.

Agradeço à minha mãe, Jane, a melhor pessoa do mundo, a minha alma gêmea, por ser sempre verão e, assim, não deixar meu coração esfriar. Por ser a mulher mais forte do mundo, por me amar incondicionalmente e infinitamente, por nunca medir esforços para me ver feliz e realizada, sempre abraçando todos os meus sonhos e fazendo o possível e impossível para torná-los reais. Sempre foi tudo por você, minha vida!

Quero estender esse agradecimento a toda a minha família, os Oliveira e os Matos, que sempre acreditou em mim. Em especial, quero expressar minha gratidão à minha avó Zazá, ao meu avô-painho, à minha tia Teté, ao meu pai, Alessandro, e a Mabi. Eles nunca pouparam esforços para me ver sorrindo, sempre fazendo questão de demonstrar o amor infinito e o orgulho que têm por mim. Eu sempre serei grata por ter a melhor família do mundo!

Agradeço a Gabriel, o melhor companheiro do mundo, o meu amor e melhor amigo, por sempre conseguir acalmar meu coração, por ser a minha paz, por me ouvir e me apoiar, por estar sempre comigo, tornando os dias mais leves e possíveis de serem enfrentados. Obrigada por acreditar em mim, meu amor, por nunca me deixar esquecer que sou capaz, por todo o amor e carinho. Os dias são felizes com você!

Agradeço aos meus amigos da vida toda, André, Glaucilane, Isabela, Jean, Jhennifer, Larissa, Marcela, Natalia, Pedro, por me escutarem até mesmo no meu silêncio, pelas risadas, pelo apoio e incentivo. Vocês são os melhores do mundo!

Agradeço aos amigos que o mestrado trouxe para mim, Emily, Juliana, Maria Caroline, Robson, por toda ajuda e conforto, pelas risadas e fofocas compartilhadas. Vocês agora são para a vida toda!

Agradeço ao meu querido orientador, Cezar Neri, por me acolher e mostrar que, apesar de todas as dificuldades da vida acadêmica, é possível existir leveza quando há diálogo e compreensão. Estendo este agradecimento à professora Roana Rodrigues e ao professor Sandro Marengo: vocês mostraram o melhor lado da academia, inclusive, que o lado ruim não precisa ser tão ruim. Vocês três são essenciais para o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS.

Agradeço aos meus professores do Instituto Federal de Sergipe – Lagarto, que para sempre serão inspirações para mim, Anselmo Machado, Carla Norma Correia, Jonas Jandson, Luciana Bitencourt, Rubens Matos, Sérgio Lima, Silvio Sandes. Com eles aprendi que, sim, tudo é possível através de uma educação de qualidade. Obrigada por não medirem esforços para levar o melhor para a sala de aula! Vocês levam esperança através das suas aulas!

Por fim, agradeço a Deus e a todos os Encantados, por terem colocado todas essas pessoas incríveis na minha vida, assim, consigo ser forte! Essa é a maior prova do amor divino e a razão principal para eu nunca perder a fé.

RESUMO

Esta pesquisa analisa aspectos morfossemânticos e extralinguísticos referentes aos 341 topônimos presentes no *Glossário Etimológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia de Sergipe*, elaborado por Armindo Guaraná (1916), considerando a Toponímia, disciplina que estuda os nomes de lugares, um importante elemento na compreensão e preservação da sócio-história e do patrimônio linguístico-cultural de uma comunidade. A descrição desse corpus, datado não raro de um período pré-colonial, remete à multietnicidade e ao multilinguismo do território de Sergipe, cujo grau de manutenção total e/ou parcial desse léxico toponímico na geografia atual do estado é considerável, em especial da nomenclatura de municípios, rios e de praia. Para um estudo extensivo dessa importante fonte lexicográfica, toma-se como fundamentação teórico-metodológica a Toponímia, a Lexicografia, a História do Português brasileiro e a Geografia e a História de Sergipe, de modo a catalogar e classificar esses nomes de lugares. A classificação do corpus toponímico confirma a interseção língua, cultura e ambiente nesses signos semanticamente opacos, cujas características físico-naturais configuram a hidrografia, o relevo, a flora e a fauna locais, tal qual atesta a literatura (Dick, 1990, 1992; Santos, 2012; 2019; dentre outros).

Palavras-chave: Toponímia indígena. Língua Tupi. Dicionário Toponímico. Etimologia. Lexicografia.

ABSTRACT

This research analyzes morphosemantic and extralinguistic aspects related to the 341 toponyms present in the Etymological Glossary of the Names of the Tupi Language in the Geography of Sergipe, elaborated by Armindo Guaraná (1916). It considers Toponymy, a discipline that studies place names, as an important element in understanding and preserving the socio-history and linguistic-cultural heritage of a community. The description of this corpus, often dated from a pre-colonial period, refers to the multiethnicity and multilingualism of the territory of Sergipe. The degree of total and/or partial maintenance of this toponymic lexicon in the current geography of the state is considerable, especially in the nomenclature of municipalities, rivers, and beaches. For an extensive study of this important lexicographical source, the theoretical and methodological foundation includes Toponymy, Lexicography, the History of Brazilian Portuguese, Geography, and the History of Sergipe. This approach aims to catalog and classify these place names. The classification of the toponymic corpus confirms the intersection of language, culture, and environment in these semantically opaque signs, whose physical-natural characteristics involve local hydrography, topography, flora, and fauna, as evidenced by literature (Dick, 1990, 1992; Santos, 2012; 2019; among others).

Keywords: Indigenous Toponymy. Tupi Language. Toponymic Dictionary. Etymology. Lexicography

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia e classificação das obras dicionarísticas	39
Quadro 2 – Esquema de representação dicotômica do léxico.....	40
Quadro 3 – Grupos indígenas e respectivas famílias linguísticas em Sergipe quando dos primeiros contatos interétnicos.....	49
Quadro 4 – Administração Religiosa nas Aldeias Sergipanas.....	50
Quadro 5 – Modelo de quadro toponímico para tratamento do corpus.....	54
Quadro 6 – Demonstração do quadro feito para a comparação entre a escrita do topônimo no <i>Glossário</i> e como ela se apresenta atualmente.....	55
Quadro 7 – Taxonomia toponímica propostas por Dick (1990)	59
Quadro 8 – Elementos geográficos presentes no <i>Glossário</i>	62
Quadro 9 - Fitotopônimos listados no <i>Glossário</i>	66
Quadro 10 – Zootopônimos listados no <i>Glossário</i>	73
Quadro 11 – Hidrotopônimos listados no <i>Glossário</i>	79
Quadro 12 – Litotopônimos listados no <i>Glossário</i>	83
Quadro 13 – Topônimos remanescentes em municípios, rios e praias sergipanas.....	85
Quadro 14 – Topônimos do corpus com alteração gráfica.....	87
Quadro 15 – Atualização lexicográfica, focando em municípios, rios e praias.....	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de microestrutura de verbetes toponímicos.....	44
Figura 2 – Verbetes <i>Aracajú</i>	45
Figura 3 - Verbetes <i>Canindé</i>	45
Figura 4 - Verbetes <i>Indiaroba</i>	45
Figura 5 - <i>Glossário</i> em formato digitalizado PDF.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Contagem de Taxes.....	60
------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 NOMES DE LUGARES: CONCEITOS, HISTORIOGRAFIA E ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS	17
2.1 REVISÃO DA LITERATURA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS	17
2.1.1 Os estudos toponímicos em Sergipe	23
2.2 A TOPONÍMIA COMO PATRIMÔNIO CULTURA IMATERIAL	26
2.3 O TUPI COMO ELEMENTO ETNOLINGUÍSTICO DA TOPONÍMIA BRASILEIRA E SERGIPANA	31
3 REGISTRO DE NOMES PRÓPRIOS E A CONTEXTUALIZAÇÃO GEO-FÍSICA E SOCIOHISTÓRICA DO LÓCUS	37
3.1 DICIONARIZAÇÃO DE NOMES DE LUGARES: LEXICOGRAFIA E TOPONÍMIA	37
3.1.1 Macro e microestrutura dos verbetes	41
3.2 SERGIPE: A DIVERSIDADE ÉTNICA, A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E A PRESERVAÇÃO DAS RAÍZES INDÍGENAS	46
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	53
4.1 COLETA E CODIFICAÇÃO DOS DADOS	53
4.2 FONTES DE CONSULTA: DICIONÁRIOS TUPI-PORTUGUÊS	56
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	58
5.1 QUADRO FÍSICO-NATURAL DA TOPONÍMIA SERGIPANA DE ORIGEM TUPI	58
5.1.1 Fitotopônimos	64
5.1.2 Zootopônimos	72
5.1.3 Hidrotopônimos	78
5.1.4 Litotopônimos	83
5.2 A TOPONÍMIA TUPI NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA DE SERGIPE	85
5.3 TOPÔNIMOS TUPI DO ESTADO DE SERGIPE: UM OLHAR COMPARATIVO ENTRE 1916 E 2024	89
6 CONCLUSÕES	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A - CLASSIFICAÇÃO COMPLETA DOS TOPÔNIMOS	101

1 INTRODUÇÃO

A Toponímia, disciplina que estuda os nomes de lugares, desempenha um importante papel na compreensão sócio-histórica dos espaços nomeados e na preservação do patrimônio linguístico e cultural de uma comunidade. Assim, os nomes geográficos revelam e refletem aspectos linguísticos e extralinguísticos dessas comunidades. O Estado de Sergipe, localizado na região nordeste do Brasil, como um espaço multiétnico, marcado por um processo de colonização europeia desde o século XVI e de migração cativa africana, tem, em sua toponímia de origem linguística indígena, um relevante objeto de investigação.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral descrever e analisar os 341 topônimos presentes n’O *Glossário Etimológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe*, obra de cunho lexicográfico, publicado por Armindo Guaraná, publicado no volume II da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (RIHGSE), em 1916. Como objetivos específicos, buscou-se identificar e classificar signos toponímicos do corpus em questão remanescentes na geografia sergipana, em especial a nomenclatura de municípios, de rios e de praias; também se investigam a origem linguística e aspectos morfossemânticos desses nomes de lugares cunhados em línguas de substrato, para compreender o *modus nominandi* em línguas indígenas no território de Sergipe e, por extensão, do Brasil; em prol da patrimonialização linguístico-cultural autóctone.

As questões norteadoras abrangem tanto aspectos linguísticos quanto extralinguísticos, a saber: Qual é a influência da língua tupi na toponímia de Sergipe? Como os topônimos em tupi expressam características físico-naturais do ambiente local? Em que medida os topônimos que compõem o corpus mantêm-se na geografia contemporânea de Sergipe? Espera-se encontrar no *Glossário*, muitos nomes classificados com taxonomias de natureza física, principalmente, os fitotopônimos, alinhando-se ao trabalho de Santos (2019). Além disso, é esperado também identificar, na geografia atual de Sergipe, topônimos presentes no *Glossário*.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a dissertação tem como fonte primária de dados o *Glossário Etimológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe*, de autoria de Manoel Armindo Cordeiro Guaraná (1848-1924) e revisado por Beaurepaire-Rohan (1812-1894) e Theodoro Sampaio

(1855-1937), publicado em 1916. Na apresentação do material, o autor destaca que sua organização teve início em 1886 e foi ampliado ao longo dos anos até 1914, totalizando um período de três décadas de investigação. Essa obra lexicográfica é composta por 341 verbetes relacionados a nomes de lugares do Estado de Sergipe derivados da língua tupi, organizada em ordem alfabética e fornece informações sobre a origem e a decomposição etimológica das lexias e seus significados, bem como o contexto geográfico dos topônimos. Como esperado, a grafia do material segue as normas vigentes na época em que a obra foi escrita e publicada.

A publicação do *Glossário* representa um marco na preservação e documentação da herança linguística tupi presente na geografia do Estado de Sergipe, como argumentado por Santos (2019). Dessa forma, um estudo analítico do conteúdo linguístico e extralinguístico permite aprofundar o “[...] reconhecimento da sua singularidade e para o bem das novas gerações de estudiosos da toponímia e das línguas indígenas” (Santos, 2019, p. 69). Problematisa-se a generalização dos povos indígenas como pertencentes exclusivamente à etnia tupi e, portanto, no papel do tupi antigo na toponímia sergipana.

No tratamento do corpus em questão, são mobilizados diversos saberes interdisciplinares, como a toponímia, a lexicografia e a história de Sergipe. A toponímia, que se dedica ao estudo dos nomes de lugares, é fundamental para a compreensão das origens e dos significados dos termos geográficos presentes no corpus. A lexicografia, que é a ciência responsável pela elaboração de dicionários, contribui para a análise precisa do *Glossário*. Por sua vez, a história de Sergipe, como uma disciplina que se concentra na pesquisa e na narrativa dos eventos passados da região, fornece conhecimentos específicos sobre aspectos culturais, sociais e políticos que podem influenciar a compreensão e interpretação do corpus. A combinação desses saberes possibilita uma abordagem mais ampla e aprofundada do tema em estudo, enriquecendo a análise e a produção de conhecimento interdisciplinar de forma significativa.

Os dados do *Glossário* servem como *corpus* da pesquisa. São adotados procedimentos qualiquantitativos para a análise dos topônimos registrados e são consultadas fontes geográficas atualizadas, como mapas e registros oficiais de nomenclatura geográfica, a fim de cumprir os objetivos estipulados. Inicialmente, o *Glossário* foi submetido ao Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) para tornar

o conteúdo pesquisável. A análise da microestrutura e macroestrutura do *Glossário* foi feita, a fim de observar a organização das entradas, conectando informações com a literatura revisada. Por isso, o estudo parte de leituras e fichamentos para embasar a revisão de literatura multidisciplinar, uma vez que se vale da Toponímia, da Lexicografia e da História e Geografia de Sergipe.

Os verbetes presentes no *Glossário* foram inseridos em uma tabela contendo os seguintes campos: toponímia, taxa e elementos morfossemânticos, cujos dados se subdividem em fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos e litotopônimos ao longo da análise. Posteriormente, quantificou-se o grau de preservação do corpus na toponímia atual em Sergipe, limitando-se aos elementos geográficos municípios, rios e praias. A comparação entre a grafia dos topônimos no *Glossário* e sua forma (orto)gráfica atual identificou divergências e permitiu uma análise linguística dessas alterações. Em resumo, a pesquisa seguiu um esquema pré-definido de revisão de literatura, coleta e codificação de dados, análise comparativa e atualização do *Glossário*.

A revisão da literatura sobre os estudos toponímicos em Sergipe busca justificar a importância da toponímia como patrimônio cultural imaterial, abordando o papel do tupi como elemento etnolinguístico na toponímia brasileira e sergipana, bem como as especificidades da dicionarização de nomes de lugares e da estrutura de tais verbetes. Para isso, foi necessário descrever aspectos geossócio-históricos e etnolinguísticos desde o povoamento pré-colonial em Sergipe, bem como os procedimentos metodológicos adotados e a apresentação da análise qualiquantitativa e interpretação dos dados.

A próxima seção está destinada a apresentar a revisão de literatura.

2 NOMES DE LUGARES: CONCEITOS, HISTORIOGRAFIA E ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS

Esta seção apresenta um panorama teórico e historiográfico da Toponímia, especialmente relacionada a línguas indígenas. Para isso, apresenta-se uma revisão da literatura toponímica como objeto autônomo e, ao mesmo tempo, interdisciplinar, na busca por enfatizar conceitos e filiação teórica desta pesquisa. Considerando a metáfora de Dick (1990, p. 22) de que os nomes geográficos são “testemunhos históricos”, tomam-se os nomes de lugares como patrimônio cultural imaterial e a língua tupi, como substrato/adstrato linguístico da toponímia brasileira, permite uma compreensão língu cultural das comunidades relacionadas.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS

A compreensão de que a toponímia pode ser útil à compreensão de diversos fenômenos, de múltiplas áreas, como a Geografia, a História, a Filosofia, a Antropologia e a Linguística Histórica, remete à Antiguidade Clássica. Nesta seção, registra-se uma breve revisão da literatura sobre os estudos toponímicos no mundo, no Brasil e em Sergipe, são apresentados os principais conceitos e abordagens metodológicas utilizadas nos estudos toponímicos, bem como as principais discussões e resultados obtidos nessas pesquisas, tomando como norte a constituição do nome de lugar como marco da identidade linguístico-cultural de um povo num determinado tempo-espaço.

A Toponímia, segundo o *Glossário de Termos para a Padronização de Nomes Geográficos*, “é a ciência que tem por objeto o estudo de topônimos em geral”, ou seja, o estudo dos nomes geográficos. De acordo com Dick (1990, p. 35-36), a Toponímia é “um imenso complexo língu-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. Dick destaca a natureza complexa da Toponímia, área da Onomástica que estuda os nomes de lugares. Segundo ela, a Toponímia é um campo de estudo que abrange uma variedade de aspectos linguísticos e culturais e sua compreensão requer a interseção com outras disciplinas acadêmicas. O estudo dos nomes geográficos envolve não apenas aspectos linguísticos, como a origem e a evolução dos nomes, mas também aspectos

culturais, como a influência histórica, as tradições e os valores associados aos nomes dos lugares.

A Toponímia é, portanto, um campo multidimensional que requer uma abordagem interdisciplinar para compreender plenamente a sua complexidade. Assim, ela não pode ser compreendida isoladamente através de uma única perspectiva disciplinar. A interseção com outras ciências permite uma análise mais abrangente e uma compreensão mais profunda da origem, do significado e da importância dos nomes geográficos em uma determinada região ou cultura. Por exemplo, a Geografia fornece informações sobre a localização e as características físicas dos lugares, enquanto a História pode revelar as razões históricas e os eventos que influenciaram a atribuição de nomes específicos. A Arqueologia, a Antropologia e outras disciplinas também podem contribuir para a compreensão dos aspectos culturais e sociais relacionados aos nomes geográficos.

O ato de nomear lugares sempre foi uma atividade comum na relação homem-ambiente-língua. Dias (2016) assinala que

Desde os tempos mais remotos, os registros antigos da história da civilização humana confirmam essa ação do homem sobre o lugar em que habita ou pretendia habitar, o que sugere uma forma de posse ou dominação, assim como significação, organização e orientação do espaço (Dias, 2016, p. 50).

No entanto, o estudo científico da toponímia como disciplina autônoma se deu no último quarto do século XIX, na Europa, como ramo da Linguística, com foco na etimologia dos nomes geográficos, influenciado pela dialetologia e pelo método histórico-comparativo, na busca por recuperar a origem e significado(s) linguístico(s) dos topônimos não apenas de línguas indo-europeias (Silva, 2014, p. 16-17). Nomes como Auguste Longnon e Albert Dauzat impulsionaram o estudo dos nomes de lugares (Sartori, 2016, p. 18).

O segundo fundou a *Révue des Études Anciennes*, além de publicar uma *Chronique de Toponymie*, com bibliografias críticas sobre fontes e trabalhos já publicados e organizar os primeiros *Congressos Internacionais de Toponímia e Antroponímia*, sociedade em prol da organização de departamentos oficiais, da elaboração de glossários de nomenclatura geográfica e da sistematização dos processos de pesquisa na área (Dick, 1987, p. 1-2). Ao longo desse século e meio de estudos toponímicos sistematizados, as pesquisas têm se disseminado em diversas instituições, com focos teórico-metodológicos diversos, publicados em múltiplas

revistas, sendo as mais abalizadas *Names: a Journal of Onomastics* e *Onoma*.

A proposição de classificações também tem sido parte substancial das investigações da área, como as significações e os mecanismos nos processos de nomeação dos lugares, baseados em critérios tanto linguísticos quanto extralinguísticos (Tent; Blair, 2011). Também no Brasil, durante as últimas décadas, os estudos toponímicos têm crescido em importância no meio acadêmico: sendo a toponímia brasileira multilíngue – constituída principalmente por uma nomenclatura em línguas de origem portuguesa, africana e indígena – reproduz a influência de diferentes línguas e culturas na formação do país.

Na mesa redonda "A Pesquisa Toponímica no Brasil: estudos contemporâneos", realizada em 2020 pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Isquierdo apresentou uma atualização de sua proposta anterior (Isquierdo, 2012) sobre os estudos toponímicos brasileiros. Nessa nova abordagem, Isquierdo dividiu os estudos em quatro fases, aprimorando sua proposta anterior de três fases.

A primeira fase, compreendida no período de 1901 a 1979, foi caracterizada pela atenção voltada à toponímia indígena e destacou-se por importantes obras, como as de Teodoro Sampaio (1901), Armando Levy Cardoso (1961) e Carlos Drummond (1965). Esses estudos pioneiros concentraram-se na análise dos nomes geográficos de origem indígena. É válido destacar que o corpus analisado nesta pesquisa começou a ser produzido antes mesmo da toponímia ser uma disciplina, uma vez que seu início é marcado em 1901 e a produção do corpus teve início em 1886.

Segundo Dick (1987), a publicação d'O *Tupi na Geographia Nacional*, de Teodoro Sampaio, pode ser tomada como marco inaugural dos estudos toponímicos no Brasil. Nele, Sampaio (1901) explora a expansão da língua tupi e o seu papel predominante na geografia nacional. Ele examina como essa língua indígena se espalhou por todo o território brasileiro e influenciou a toponímia, ou seja, a nomenclatura geográfica do país. Além disso, são apresentados breves apontamentos sobre a língua tupi. Sampaio oferece um resumo da gramática tupi, destacando elementos importantes para uma compreensão mais aprofundada da língua e de sua relação com a geografia.

As alterações fônicas ocorridas no tupi sob a influência da língua portuguesa também são discutidas na obra. Nesse contexto, o autor analisa como o contato com o idioma dos colonizadores europeus afetou a pronúncia e a fonética do tupi. Essa

análise linguística revela aspectos da evolução da língua tupi ao longo do tempo. Ademais, Sampaio se dedica à interpretação dos nomes tupis utilizados na geografia e na história nacional. Ele desvenda os significados e os contextos culturais por trás dos nomes geográficos do Brasil, oferecendo uma visão profunda e enriquecedora da relação entre a língua tupi e a identidade geográfica e histórica do país.

Armando Levy Cardoso, em 1961, publicou a obra *Toponímia Brasileira*, na qual estudou a etimologia de topônimos brasileiros da Amazônia, com foco especial nos de origem caribe e aruaque (Dick, 1987, p. 04-05). Em sua obra, Cardoso (1961, p. 314-315) ressaltou que, naquela época, ainda não havia sido realizado no Brasil um plano sistemático de estudo que abrangesse as diferentes regiões do nosso território, destacando, dessa forma, a necessidade de um maior esforço para compreender e documentar os nomes geográficos do país.

Em 1965, o geógrafo Carlos Drumond publicou a tese intitulada *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, na qual enfatizou a importância da cultura indígena para a compreensão da toponímia brasileira. Seu estudo revelou que a toponímia Bororo, amplamente registrada em mapas e obras geográficas, é significativa dentro do contexto toponímico do Brasil. Esses topônimos foram atribuídos diretamente pelos próprios indígenas, sem interferência ou influência da colonização, como ocorreu com a maioria dos topônimos de origem tupi-guarani. Assim, fica incontestável que esses nomes testemunham a ocupação real dos Bororo na região geográfica identificada por esses topônimos. Além disso, a análise da toponímia revelou uma predominância de referências a animais, tanto em relação aos morros quanto aos rios, evidenciando a habilidade desse grupo indígena como excelentes caçadores. Esses dados não apenas proporcionam evidências sobre o estilo de vida dos Bororo, mas também sugerem que sua principal atividade, a caça, teve influência na denominação dos acidentes geográficos.

Dessa forma, a pesquisa de Carlos Drumond destaca a conexão entre os povos indígenas e a toponímia brasileira, ressaltando a importância da cultura indígena e contribuindo para a valorização dessas comunidades. Ao reconhecer a toponímia Bororo como um reflexo dessa conexão e evidenciar a presença e o conhecimento dos Bororo na área geográfica nomeada com esses topônimos, a tese de Drumond oferece uma perspectiva enriquecedora para a compreensão da história e da geografia do Brasil.

A segunda fase, ocorrida na década de 1980, teve início com a defesa da tese de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick intitulada *A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos*. Dick é considerada o maior nome dos estudos toponímicos do país. Aposentada da Universidade de São Paulo e autora de livros e dezenas de artigos teóricos e práticos sobre a toponímia nacional, sua tese de doutorado, orientada por Carlos Drumond, foi fundamental para o desenvolvimento teórico-metodológico da toponímia de orientação linguística no Brasil, visto que, ao propor um modelo para a classificação dos nomes geográficos nacionais, considera a origem linguística e a motivação semântica. Publicada em 1990 como *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, Drumond destaca a importância da obra:

É trabalho fundamental para ser compulsado não só por especialistas no assunto, mas por um público amplo que encontrará nele um conjunto de fatos até então latentes no próprio indivíduo e que, sistematizados neste volume, permitirão o conhecimento dos princípios expoentes toponímicos do Brasil, elaborados a partir de uma visão física e antropocultural (Drumond, 1990, p. 12-13).

De acordo com Isquerdo (2020), a maior contribuição deste trabalho foi sua capacidade de estar alinhado com a tendência predominante na época, que era a toponímia indígena, enquanto avançava ao propor uma diretriz teórica abrangente baseada em um amplo estudo da toponímia brasileira com uma abordagem que valorizou as influências das bases portuguesa, indígena e africana na formação da matriz toponímica do país, tratando-se, assim, de uma proposta teórica original e inédita desenvolvida especificamente para a toponímia do Brasil.

Assim, Dick tem sido uma referência na categorização e na compreensão dos nomes geográficos brasileiros, inclusive aqueles de origem linguística não portuguesa. Essa abordagem tem auxiliado na identificação de padrões na toponímia e revelado características físicas e culturais para uma melhor compreensão e valorização e preservação da cultura e do patrimônio presentes na toponímia brasileira.

A terceira fase dos estudos toponímicos no Brasil ocorreu entre 1990 e 2009 e foi marcada pela descentralização das pesquisas nessa área. Antes disso, conforme apontado por Isquerdo (2020), o estudo da toponímia no Brasil estava concentrado na USP até a década de 1980. No entanto, a partir dos anos 90, essa situação começou a mudar, pois novos projetos de atlas toponímicos surgiram em outras universidades públicas brasileiras, contando com a consultoria científica de Dick.

Essa descentralização impulsionou a diversificação dos estudos toponímicos,

permitindo que diferentes regiões do Brasil fossem contempladas com pesquisas e estudos sobre os nomes de lugares. Essa expansão ampliou o conhecimento da toponímia em todo o país, enriquecendo a produção acadêmica e promovendo uma abordagem mais abrangente e diversificada no estudo dos nomes geográficos. A participação de outras universidades públicas brasileiras no desenvolvimento de projetos de atlas toponímicos enriqueceu a pesquisa e contribuiu para uma visão mais abrangente da toponímia no contexto nacional. Esse movimento de descentralização representou um avanço significativo, permitindo a inclusão de diferentes perspectivas e enfoques regionais no estudo dos nomes de lugares, refletindo a riqueza e a diversidade cultural do Brasil.

A partir disso, surgiu a quarta fase, que teve início em 2010 e perdura até os dias atuais, caracterizando-se pelo surgimento de uma nova expansão nos estudos toponímicos no Brasil. Esse período é marcado pela produção de dissertações e teses em diversos programas de pós-graduação de diferentes universidades do país, incluindo a Universidade Federal de Sergipe. Essa ampliação abrangeu várias regiões do Brasil, evidenciando um maior envolvimento e interesse acadêmico na pesquisa toponímica. Além disso, também está incluída na quarta fase, o estudo da toponímia em Libras, em que se destacam os autores Alexandre Sousa e Ronice Quadros.

Ademais, é importante destacar a importância do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os estudos toponímicos no Brasil, visto que, dentre suas funções, estão a de coletar os nomes de lugares do país; e elaborar e atualizar o Banco de Nomes Geográficos do Brasil (BNGB), que apresenta dados oficiais sobre atividades econômicas, características físico-naturais, históricas e cartográficas relevantes^{1 2}.

A partir disso, é possível constatar a relevância e a complexidade dos estudos toponímicos, que oferecem subsídios para a preservação e revitalização das línguas indígenas, contribuindo para o reconhecimento e a valorização das identidades culturais dessas comunidades. Diante disso, torna-se evidente a necessidade de

¹ Disponível em: <[https://mundogeo.com/2011/09/22/ibge-divulga-banco-de-nomes-geograficos-do-brasil/#:~:text=O%20Banco%20de%20Nomes%20Geogr%C3%A1ficos%20do%20Brasil%20\(BNGB\)%20%C3%A9%20o,aspectos%20hist%C3%B3ricos%2C%20geogr%C3%A1ficos%20e%20cartogr%C3%A1ficos](https://mundogeo.com/2011/09/22/ibge-divulga-banco-de-nomes-geograficos-do-brasil/#:~:text=O%20Banco%20de%20Nomes%20Geogr%C3%A1ficos%20do%20Brasil%20(BNGB)%20%C3%A9%20o,aspectos%20hist%C3%B3ricos%2C%20geogr%C3%A1ficos%20e%20cartogr%C3%A1ficos)>. Acesso em: 04 de maio de 2023.

² Atualmente, esse Banco de Nomes está desativado, mas ainda é possível ter acesso aos topônimos no site do IBGE pelo link: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html?caminho=cartas_e_mapas/bases_cartograficas_continuas/bc250/versao2021/>>. Acesso em: 04 maio 2023.

aprofundar ainda mais essas investigações, promovendo o diálogo interdisciplinar e o respeito aos conhecimentos tradicionais indígenas, a fim de enriquecer o entendimento sobre a diversidade linguística e cultural presente no Brasil.

2.1.1 Os estudos toponímicos em Sergipe

Ao longo das últimas décadas, estudos sobre a toponímia de Sergipe têm sido realizados. Seguindo as quatro fases dos estudos toponímicos brasileiros estabelecidas por Isquierdo (2020), Sergipe já possui pesquisas na primeira fase (1901-1979), que tinha como foco a toponímia indígena. Um exemplo para isso é O *Glossário Etimológico dos nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe*, considerado o “estudo mais representativo de um corpus toponímico do território sergipano” (Santos, 2019, p. 69).

O *Glossário* apresenta os nomes geográficos em Tupi do estado de Sergipe, contribuindo para a preservação da história e da cultura dos nomes indígenas. O estudo engloba diversos tipos de nomes, como rios, lagos, serras e cidades, todos com origem na língua Tupi. Ao propor acepções etimológicas para essa nomenclatura, o *Glossário* oferece uma fonte valiosa de informação para entender a diversidade linguística e cultural da região de Sergipe, contribuindo para a preservação da memória e do patrimônio cultural, além de enriquecer o conhecimento sobre a geografia e a toponímia do estado.

Francisco José Alves, doutor em História, destaca-se como um pesquisador no estudo da toponímia em Sergipe. Sua contribuição é evidenciada por meio de suas publicações acadêmicas e orientações, que trazem um significativo avanço nessa área de pesquisa. Entre suas obras notáveis, encontram-se *Mocambos e quilombos na toponímia de Sergipe* (2000), *Aracaju, o que significa?* (1999), *Abaís: o que significa?* (2003) e *Mussuca, um topônimo sergipano de origem africana* (2004). Esses textos representam uma grande contribuição para os estudos da toponímia em Sergipe, enriquecendo o conhecimento sobre a região e suas origens toponímicas. O trabalho de Francisco José Alves é de suma relevância para compreendermos a história e a significância dos nomes de lugares em Sergipe.

O artigo de Menezes (2008), *Considerações sobre a etimologia da palavra ‘itabaiana’*, tem como foco a análise do topônimo Itabaiana, assim, descreve e

problematiza variantes gráficas ao longo dos séculos, chegando à ortografia atualmente utilizada; e explora os significados etimológicos para essa lexia. Com isso, traçou sua evolução histórica, e, para chegar ao objetivo, Menezes examinou diferentes fontes, como documentos históricos, registros cartográficos e tradições locais.

Em 2012, Santos defendeu sua dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, intitulada "De Cirigype a Sergipe Del Rey: os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623)". O objetivo do autor foi analisar os nomes de lugares presentes nas certidões de cartas de sesmarias³ da capitania de Sergipe Del Rey, emitidas entre 1594 e 1623. A dissertação buscou comparar a transcrição paleográfica de Felisbello Freire em 1891 com os manuscritos originais, destacando uma relação ativa entre colonizadores e indígenas, evidenciada pelo grande número de topônimos indígenas presentes nas certidões. A abordagem adotada considerou aspectos estruturais, discursivo-semântico-históricos e utilizou fichas lexicográfico-toponímicas para catalogar, classificar e interpretar os topônimos coletados. O resultado da pesquisa contribui para a criação de um glossário toponímico abrangente para o período estudado, fornecendo uma compreensão da toponímia local e das relações entre colonizadores e indígenas nesse contexto histórico.

Uma outra dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe que abordou os estudos toponímicos foi realizada por Cruz (2016) sob o título "Região da Jabotiana, anos 2000: história e discurso no processo de nomeação". A pesquisa investigou a nomeação na região da Jabotiana, analisando conceitos como toponímia, motivação toponímica e categorias da Análise do Discurso francesa. Foram utilizados arquivos como fonte de pesquisa, incluindo mapas, listas de nomes de ruas e localidades e propagandas de condomínios. O objetivo foi descrever os efeitos de sentido relacionados à nomeação na região, considerando seu contexto histórico, discursivo e suas características urbanas e rurais.

³ "As cartas de Sesmarias eram documentos passados pelas autoridades para doar terras; nelas, os donatários ou governadores de províncias autorizavam ou não as doações". Disponível em: <

Santos (2019) realizou um estudo detalhado sobre os nomes dos 464 núcleos de povoamento em Sergipe, visando identificar os elementos etnolinguísticos, linguísticos e sócio-históricos presentes na toponímia do estado. Para isso, utilizou os dados oficiais do Cadastro de Localidades brasileiras do IBGE e aplicou abordagens teórico-metodológicas da Onomástica e da Toponímia. Os resultados revelaram que a maioria dos topônimos é em língua portuguesa, seguidos por nomes de origem Tupi, enquanto os nomes de origem africana são menos comuns. A escolha dos nomes está relacionada principalmente às características físicas, como elementos geográficos e vegetação, bem como a aspectos culturais, como utensílios, entidades religiosas e personalidades históricas. O estudo também abordou os processos de mudança de nomes geográficos e analisou exemplos de translação toponímica.

Este estudo contribui para a compreensão da história e cultura da região. Além disso, destaca a importância de preservar o patrimônio cultural e ambiental presente nos nomes geográficos, evidenciando a relevância da toponímia como um elemento representativo da identidade local. Os resultados obtidos também estabelecem uma base sólida para o desenvolvimento futuro do Atlas Toponímico de Sergipe, uma valiosa ferramenta que poderá fornecer informações geográficas, linguísticas e históricas detalhadas sobre os núcleos de povoamento do estado.

É válido ressaltar que, com a chegada do Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS), vislumbra-se o início de uma tradição de estudos toponímicos no estado. Sua prática e interesse nessa área promovem a continuidade e o aprofundamento dessas pesquisas, abrindo caminho para um maior conhecimento e valorização dos nomes geográficos e sua relação com a história e a cultura de Sergipe. Dessa forma, o estudo e a atuação do Prof. Dr. Cezar Santos são um marco para o desenvolvimento e consolidação dos estudos toponímicos em Sergipe, possibilitando futuras pesquisas que fornecerão informações valiosas sobre a geografia, linguística e história dos núcleos de povoamento do estado.

A análise do *Glossário* amplia a compreensão da geografia, da linguística e da história dos núcleos de povoamento em Sergipe, fornecendo informações sobre a região e os grupos que a habita(va)m. A seguir, discute-se a importância da toponímia para a preservação do patrimônio cultural e ambiental de Sergipe.

2.2 A TOPONÍMIA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

A toponímia colabora com a preservação e o estudo das raízes linguísticas e culturais de uma determinada região. Ao analisar os nomes de lugares, é possível identificar influências coloniais, resgatar línguas antigas e extintas e compreender a evolução das línguas ao longo do tempo. A toponímia se revela, assim, como uma ferramenta indispensável para a compreensão das línguas e culturas passadas e presentes, sendo um valioso testemunho linguístico que permite mergulhar na história e na diversidade cultural.

Exercendo na Toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica (Dick, 1990, p. 21- 22).

Os nomes de lugares têm o poder de unir pessoas e localidades, permitindo que uma comunidade se relacione com sua história e identidade por meio das denominações geográficas. Eles refletem a ligação entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Como testemunhos históricos, os nomes de lugares registram eventos e marcos importantes, tornando-se uma forma concreta de preservar a memória coletiva de uma sociedade. À medida que esses nomes se espalham além de suas origens, também podem influenciar a definição de fronteiras políticas, criando conexões simbólicas entre regiões distantes. Dessa forma, os nomes de lugares representam uma conexão entre o passado, o presente e o futuro, sendo essencial na transmissão e na preservação da identidade cultural de uma comunidade ao longo do tempo.

O Artigo 216 da Constituição Federal estabelece o que constitui o patrimônio cultural brasileiro. Ele abrange tanto os bens materiais, como objetos e construções, quanto os bens imateriais, como práticas, costumes e expressões culturais, que individualmente ou em conjunto, fazem referência à identidade, ação e memória dos

diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Constituição Federal de 1988).

Além dos fatores acima, o conceito de patrimônio cultural brasileiro, conforme estabelecido no Artigo 216 da Constituição Federal, também se relaciona com a toponímia, pois os nomes possuem significado histórico, cultural e identitário para a sociedade, contribuindo para a construção da identidade local e nacional. A toponímia, como parte integrante do patrimônio material, abrange os nomes geográficos atribuídos a diferentes lugares, como cidades, rios, montanhas, ruas e praças. Esses nomes possuem uma estreita relação com a paisagem física e natural de um lugar específico, refletindo sua história, geografia e diferentes características.

A partir dessas reflexões, é válido destacar o conceito de topofilia, desenvolvido pelo geógrafo Yi-Fu Tuan. Ele se refere “ao elo afetivo entre a pessoa e o seu lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1980, 05). Essa ideia ressalta a importância da relação entre indivíduos e o ambiente em que vivem, demonstrando como os lugares podem evocar sentimentos de pertencimento, amor e conexão emocional.

Os nomes de lugares, carregados de história, tradição e significado cultural, podem despertar um profundo sentimento de topofilia. Assim, a toponímia não se limita apenas a atribuir nomes geográficos, mas colabora com a construção da topofilia, promovendo uma conexão emocional e cultural entre as pessoas e os lugares em que vivem.

Dessa forma, pode-se observar a conexão entre as pessoas e o ambiente em que estão inseridas, o que contribui para a preservação do patrimônio cultural relacionado a esses locais. Além disso, a toponímia pode ser considerada um patrimônio imaterial de imensa relevância cultural e histórica. Isso ocorre porque os nomes de lugares carregam uma carga simbólica significativa e representam a identidade e memória coletiva de uma comunidade.

Assim como a toponímia, a geografia, antropologia e sociologia destacam a

importância dos nomes de lugares como um componente essencial da identidade de uma terra (Arroyo-Ilera, 2018, p. 43-44). Além de suas funções tradicionais de identificação, descrição e localização geográfica, os topônimos contribuem com a construção da identidade das pessoas que habitam um determinado território.

De acordo com Arroyo-Ilera (2018, p. 44), à medida que os topônimos são considerados como patrimônio imaterial, surge a necessidade de proteger, estudar e preservar esses elementos. Eles passam a ser vistos como um bem imaterial que merece atenção e cuidado, assim como qualquer outro patrimônio cultural. Isso implica uma abordagem mais abrangente no estudo dos nomes de lugar, considerando o seu valor histórico, cultural e social, além de seu significado geográfico, visto que é reconhecido que os topônimos desempenham um papel importante para os habitantes de uma região, influenciando a sua identidade e conexão emocional com o local em que vivem.

Assim, é possível afirmar que o topônimo é essencial para a identidade cultural de uma comunidade ou região. Como já dito, mais do que uma nomenclatura geográfica, o topônimo tem uma carga simbólica e traz consigo diversos significados culturais, históricos e emocionais.

Santos (2008, p. 14) afirma que “toda identidade seja no âmbito nacional ou local é uma construção”, sendo assim, ela é moldada por aspectos históricos, geográficos, biológicos e sociológicos, tanto no nível individual quanto coletivo. Esses elementos contribuem para a formação e a definição da identidade de um lugar, sendo o topônimo uma expressão concreta desse processo de formação, fornecendo uma conexão direta entre o nome e a identidade associada a um determinado local.

Os indivíduos estabelecem relações significativas com os nomes dos lugares, fortalecendo assim um profundo sentimento de pertencimento (Andrade, 2017, p. 145). Ao longo de suas vidas, eles desenvolvem vínculos emocionais com diversos espaços, como cidades, bairros e praças. Essa ligação com os topônimos envolve memórias, experiências e uma sensação de identificação, o que faz com que as pessoas se sintam parte desses locais específicos. Consequentemente, essas relações afetivas promovem um maior apreço e uma conexão mais profunda com tais lugares, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade e pertencimento.

A toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. A toponímia, em realidade, articula linguagem, política territorial e identidade. Nomear e renomear rios,

montanhas, cidades, bairros, e logradouros têm um significado político e cultural, envolvendo etnias ou grupos culturais, hegemônicos ou não (Corrêa, 2007, p. 176).

Desse modo, fica claro que os nomes de lugares possuem uma importância para a expressão da cultura e para identidade de um grupo, uma vez que, além de simplesmente nomear locais geográficos, a toponímia abrange diversos aspectos linguísticos, políticos e identitários. Além disso, atribuir nomes e renomear lugares carrega consigo um significado político e cultural, refletindo a influência de diferentes grupos étnicos e culturais, tanto dominantes quanto não-dominantes, sobre o espaço geográfico. Assim, a toponímia representa uma forma simbólica de apropriação do espaço e se manifesta como uma poderosa expressão das identidades culturais.

Uma questão problemática relacionada a isso é a chamada "topoamnésia", que se caracteriza pela perda ou esquecimento dos nomes originais de locais. Essa condição costuma surgir em decorrência de mudanças políticas, sociais ou culturais ao longo do tempo, levando à falta de conhecimento ou reconhecimento dos nomes históricos de determinados lugares.

Segundo Carvalhinhos (2022, p. 14), apesar de possuir um papel de poder, o nome enfrenta dificuldades diante das estruturas de poder estabelecidas, pois políticos, frequentemente, carecem da capacidade de compreender o valor do nome como um componente essencial e um patrimônio imaterial da cultura. Como resultado dessa falta de compreensão, o nome muitas vezes é submetido a mudanças arbitrárias, perdas de significado e até mesmo apropriações inadequadas. Essas ações podem causar danos à identidade cultural de uma comunidade, afetando a conexão emocional e histórica que o nome estabelece com seu povo.

Azaryahu menciona níveis conotativo e denotativo presentes na decodificação de nomes de lugares, o primeiro relacionado à intenção de homenagem e o segundo ligado ao fim utilitário do topônimo (cf. Azaryahu 2009, 321). Há um paradoxo, de certo modo, que se instala quando, imbuído de seu valor conotativo no ato de substituição, um topônimo é esvaziado pelo próprio denominador – em geral, um político em posição de representação popular – ao ser tomado como um elemento vazio, de troca, denotativo (Carvalhinhos, 2022, p. 14).

De acordo com esse pensamento, existem dois níveis de interpretação ao analisar nomes de lugares: o nível conotativo e o nível denotativo. O nível conotativo está relacionado à intenção simbólica ou de homenagem presente no nome de um lugar. Por exemplo, um lugar pode ser nomeado em homenagem a uma pessoa

importante, um evento histórico significativo ou um valor cultural específico. Por outro lado, o nível denotativo está relacionado ao propósito prático e utilitário do nome de um lugar. Nesse nível, o nome é visto como uma simples designação geográfica que indica a localização física de um lugar.

O paradoxo mencionado surge quando um nome de lugar, carregado de significado conotativo, é esvaziado de seu valor simbólico pelo próprio agente responsável por sua substituição. Geralmente, esse agente é um político em posição de representação popular. Ao tomar o nome do lugar como um elemento vazio e de troca, o significado conotativo é perdido, restando apenas o propósito utilitário e denotativo do nome.

O fato de um topônimo ser esvaziado de seu valor conotativo e tratado apenas como um elemento denotativo e utilitário pode ter um impacto significativo na sua função como signo de identidade cultural, pois, quando um topônimo perde seu valor conotativo e é reduzido a um mero termo geográfico, sua capacidade de representar e preservar a identidade cultural é comprometida. Ao ser esvaziado de seu significado simbólico, o topônimo deixa de evocar as memórias coletivas e o sentimento de pertencimento que estão ligados à comunidade local. Isso pode levar a uma perda de conexão emocional e a uma diminuição da valorização da identidade cultural associada ao lugar. Quando um topônimo é utilizado apenas como uma ferramenta utilitária, sua capacidade de transmitir e preservar a riqueza cultural de uma comunidade é enfraquecida, o que pode levar ao enfraquecimento da identidade cultural em si.

A ausência de medidas governamentais destinadas à preservação dos nomes de lugares contribui para a falta de reconhecimento do topônimo como um elemento cultural a ser protegido (Carvalhinhos, 2022, p. 17). Ao reconhecer e proteger os topônimos como elementos culturais a serem preservados, há a valorização da história e da diversidade cultural de uma região. Por essa razão, é imprescindível implementar políticas públicas e projetos de pesquisa que visem à preservação dos signos toponímicos, pois eles desempenham um papel fundamental na proteção da diversidade linguística e cultural e na construção de sociedades que valorizam e respeitam as tradições e identidades locais. Este estudo, portanto, na intencionalidade de tratamento de um glossário toponímico publicado há mais de um século e ainda sem reedição, pretende preencher tal lacuna.

2.3 O TUPI COMO ELEMENTO ETNOLINGUÍSTICO DA TOPONÍMIA BRASILEIRA E SERGIPANA

A Etnolinguística procura estabelecer uma ligação entre a linguagem e a cultura, investigando como esses dois elementos se inter-relacionam, visto que a linguagem é uma habilidade intrinsecamente humana significativa na interação social, estando profundamente entrelaçada com a cultura. Dessa forma, a etnolinguística é comumente considerada como uma área de estudo que explora as interações entre língua, cultura e sociedade. De maneira mais precisa, é uma disciplina linguística que investiga a diversidade e as mudanças da linguagem em relação à civilização e à cultura (Barreto, 2010).

Ao analisar a toponímia de uma região, entende-se sobre a história, a cultura e a evolução linguística desse lugar. Um exemplo interessante é o estudo da toponímia relacionada à língua tupi. Muitos nomes de lugares em todo Brasil têm raízes na língua tupi, refletindo a influência e presença dessas comunidades indígenas. A análise da toponímia tupi pode revelar informações sobre a presença indígena na região, bem como a forma como eles se relacionavam com o ambiente ao seu redor. Além disso, a toponímia tupi também é um testemunho linguístico da diversidade cultural que era o Brasil antes da chegada dos colonizadores europeus.

Quando os portugueses chegaram em 1500, o território já estava habitado por indígenas, estimados em uma população de 1 a 6 milhões, que falavam aproximadamente 300 línguas distintas. Essas línguas se dividem em dois grandes troncos, o macrotupi e o macrojê, cada um com suas próprias línguas, famílias e dialetos, além de vinte línguas isoladas que não foram classificadas em nenhum tronco específico (Castilho, 2014, p. 177). Segundo Castilho (2014, p. 179), os indígenas pertencentes ao tronco macrojê estabeleceram suas moradias nos cerrados do Brasil Central e não levavam uma vida nômade. Eles eram caracterizados por sua estatura elevada e físico robusto e optavam por erguer aldeias circulares em terrenos amplos. Em contrapartida, os indígenas do tronco macrotupi eram conhecidos por sua natureza nômade e ocupavam toda a extensão da costa brasileira durante a chegada dos portugueses. Eles apresentavam uma postura mais discreta e arreada em comparação aos indígenas do tronco Macrojê, possuindo uma estatura média e preferindo construir suas aldeias de maneira mais irregular.

De acordo com Ribeiro (2006, p. 28), os povos nativos que foram encontrados ao longo do litoral pelos colonizadores eram, em sua maioria, pertencentes ao tronco Macro tupi. Por ocuparem a extensa costa brasileira, os povos pertencentes a esse tronco tiveram um contato mais intenso com os colonizadores, sendo sua língua chamada pelos portugueses de Língua Brasília, atualmente conhecida como Tupi Antigo. Foi essa a língua que os colonizadores do Brasil aprenderam e falaram por um longo período (Navarro; Tessuto Júnior, 2016, p. 25-26).

Desde os primeiros tempos do território que configuraria o Brasil de hoje, os portugueses procuraram conhecer essa língua falada pela maioria de nações indígenas que vivia na costa para que pudessem colonizar o Brasil, uma vez que a população lusitana em terras brasileiras era muito inferior à de índios tupis. (Navarro; Tessuto Júnior, 2016, p. 26)

A desestruturação das sociedades originárias durante o processo de colonização e o estabelecimento das bases de uma nova formação socioeconômica na sociedade colonial impactou as línguas envolvidas. Esses impactos variaram desde o desaparecimento completo das línguas originais, seja devido ao extermínio de seus falantes ou à sua diluição na nova formação socioeconômica, até o surgimento de direções evolutivas provocadas pelos inusitados cenários de contato resultantes desse contexto, por exemplo, o bilinguismo. Esse processo de transformação linguística deu origem às chamadas línguas gerais. Além disso, traçou as primeiras linhas que moldaram o modo polarizado pelo qual a língua portuguesa se disseminou no Brasil (Faraco, 2016, p. 121).

Desse modo, a comunicação entre as diferentes tribos indígenas e os colonizadores foi facilitada pela adoção dessas línguas, as línguas gerais, principal instrumento para catequizar os indígenas. Enquanto os mercadores e exploradores inicialmente utilizavam um jargão baseado no tupi, os jesuítas buscaram a conversão dos nativos, incentivando o uso do tupi simplificado, despojado de suas características fonológicas e gramaticais mais distintas. Esse processo resultou na criação de duas variantes principais da língua geral, conhecidas como a variante paulista e a amazônica, cada uma adaptada às suas respectivas regiões. O nheengatu na Amazônia e o abanheenga na região paulista representaram formas evoluídas do tupi dos jesuítas.

A língua geral paulista, possivelmente estabelecida nas primeiras décadas do século XVII, foi difundida ao sul e oeste de São Paulo pelos bandeirantes, que

expandiram as fronteiras coloniais. Gradualmente, entre meados e o final do século XVIII, observou-se seu desuso. Já a língua geral amazônica teve sua configuração iniciada no século XVII, durante a ocupação do futuro Estado do Grão-Pará e Maranhão, abrangendo Maranhão e território amazônico. Seu número de falantes cresceu até meados do século XIX, quando, devido a diversas circunstâncias, começou a declinar, sendo hoje falada em uma área restrita no Alto Rio Negro (Faraco, 2016, p. 131). Com o tempo, o português gradualmente substituiu as línguas gerais, levando ao declínio do bilinguismo e ao predomínio da língua portuguesa (Assis, 2011, p. 90).

No contexto do processo de nomeação e demarcação de territórios, observou-se que a maioria expressiva dos topônimos referentes ao período da colonização tem origem indígena, sendo predominantemente de raiz tupi (Centurión, 2014, p. 20). Contudo, Dick (1990, p. 54-55) afirma que houve medida para mudar essa realidade.

[...] existe documentação suficiente para determinar, com precisão, o deslocamento de topônimos portugueses, já consagrados em Portugal, para localidades da região norte do país, denominadas com os nomes indígenas dos primitivos habitantes. [...] numa primeira fase, a denominação autóctone foi alterada por motivos de convicção religiosa dos padres missionários e colonizadores, e, num segundo momento, a alteração consubstanciou medida régia pelo Marquês de Pombal, ao perceber, na permanência dos nomes de lugares indígenas, uma forma indireta de se conservarem vivos os idiomas nativos, tornados proibidos de se difundir, a partir de então. (Dick, 1990, p. 54-55)

Apesar da tentativa dos portugueses de apagar os topônimos indígenas, muitos deles persistiram no Brasil, inclusive no estado de Sergipe. Segundo Dick (2002, p. 182), quando diferentes grupos culturais com hábitos, percepções e formas de se expressar linguisticamente se confrontam, é possível que as circunstâncias de vida de cada grupo sejam afetadas, apreciadas, aceitas ou até rejeitadas. As interações entre esses grupos podem levar a mudanças na rede de relações específicas de cada um, tornando-os abertos a outros sistemas.

Conseqüentemente, a estrutura lingüística da comunidade pode não permanecer alheia a esse contexto, abrindo-se a outros níveis de contribuição étnica, e tornando-se mutável, ainda que não totalmente, na expressão e no conteúdo, pela transferência e incorporação de novos elementos idiomáticos (Dick, 2002, p. 182).

A estrutura lingüística de uma comunidade pode ser afetada pela influência étnica e pela incorporação de novos elementos idiomáticos ao longo do tempo. Essa

interação entre diferentes grupos étnicos resulta na transferência de palavras, expressões e estruturas gramaticais entre as línguas faladas, o que pode levar a mudanças na forma de se expressar e no conteúdo da língua. No entanto, essas mudanças não ocorrem de maneira uniforme ou completa, e a preservação de traços culturais e identidade linguística também são importantes na evolução da língua.

A interação e comunicação com as diversas nações indígenas que habitavam a região foram indispensáveis para a colonização. Os portugueses reconheciam que a população indígena, especialmente os povos indígenas tupis, era significativamente maior do que a população portuguesa, o que os levou a buscar o conhecimento da língua falada pelos indígenas. Essa busca pelo conhecimento da língua indígena tinha como objetivo facilitar a colonização e o estabelecimento dos portugueses no território brasileiro. Através do domínio da língua indígena, os portugueses poderiam realizar acordos comerciais, obter informações sobre o território e sua geografia, além de entender os costumes e as práticas culturais dos indígenas. Essa interação linguística entre portugueses e indígenas teve impactos significativos na formação da língua portuguesa no Brasil. Muitas palavras de origem indígena foram incorporadas ao vocabulário brasileiro, enriquecendo a língua com elementos linguísticos e culturais dos povos nativos.

Um ponto importante para discussão acerca da língua tupi é de como esta pode ser classificada tendo como base as definições de substrato e adstrato. Os termos substrato e adstrato são utilizados, na linguística, para descrever o nível de influência que uma língua tem sobre a outra durante o contato linguístico. Para Bagno (2012, p. 133), o contato linguístico é “um fator social importantíssimo para a implementação da mudança linguística”. Quando um território habitado é invadido e conquistado por outro grupo étnico, algumas situações podem ocorrer. Por exemplo, os colonizadores podem impor sua própria língua ao povo conquistado, que, por sua vez, acaba adotando-a e abandonando sua língua ancestral. Em outra possibilidade, os colonizadores podem optar por adotar a língua do povo conquistado. Também é possível que o colonizador não imponha sua língua nem adote a língua do povo conquistado (Bagno, 2012, p. 134).

As línguas que se encontram nessas situações podem ter as seguintes classificações de acordo com Bagno (2012, p. 134):

estrato: é a língua do povo conquistador que é adotada pelo povo conquistado;

substrato: é a língua do povo conquistado que desaparece, mas influencia o estrato nos níveis fonológicos e morfossintático, mas com pouca contribuição lexical;

superestrato: é a língua do povo conquistador que não é imposta aos conquistados, mas deixa contribuições no estrato, basicamente no nível lexical;

adstrato: é a língua do povo conquistador que não adota a língua dos conquistados nem impõe a sua; aqui também a contribuição ao estrato é basicamente lexical. (Bagno, 2012, p. 134)

Outra definição é a de Mattoso Câmara Júnior (1981), para Mattoso, substrato é o termo que se refere ao abandono da língua de um povo em favor da imposição de outra língua e isso, geralmente, acontece por conquista política. Já o adstrato refere-se a uma língua que coexiste com outra língua em um determinado lugar, uma influenciando a outra de forma permanente e servindo como uma fonte constante de empréstimos linguísticos. Segundo Basseto (2010, p. 163), para que ocorra a situação de adstrato linguístico, basta que dois grupos étnicos com diferentes línguas mantenham algum tipo de contato ou interação entre si.

A língua tupi é considerada um substrato, pois segundo Garcia (2002, p. 575), “os empréstimos de línguas indígenas, nas áreas em que estas não são mais faladas, são contribuições de substratos”. Esses empréstimos acontecem em razão dos substratos já terem sido adstratos em algum momento (Garcia, 2002, p. 574). Outro ponto que faz da língua tupi um substrato é o fato dessa ser uma língua antiga, mas que deixou influências na língua que prevaleceu no Brasil, a língua portuguesa. É possível identificar essas influências em diferentes aspectos do vocabulário do português brasileiro, por exemplo, na fauna, na flora e, também, na toponímia. Além disso, a presença marcante de nomes tupi na toponímia sergipana também corrobora a classificação da língua tupi como um substrato linguístico.

Santos (2019, p. 183) observou que, na toponímia de Sergipe, a utilização de nomes de línguas de substrato foi a segunda categoria mais frequente nos dados analisados. Era esperado que os topônimos de origem tupi fossem predominantes, e de fato o são, enquanto os nomes de outras famílias linguísticas, como kariri e guarani, são mínimos. A grande quantidade de topônimos de origem tupi em Sergipe evidencia a influência desses povos indígenas na formação da identidade local e na ocupação do território ao longo do tempo. Essa constatação reforça a compreensão da língua tupi como um importante substrato linguístico que deixou sua marca no léxico e na cultura da região.

A análise da toponímia relacionada à língua tupi e a influência étnica na formação da língua portuguesa no Brasil levanta questões críticas sobre a colonização e seus impactos nas culturas indígenas. A interação linguística entre os colonizadores e os povos indígenas revela a assimetria de poder e dominação cultural que ocorreu durante a colonização. Os colonizadores buscaram entender e utilizar a língua indígena como uma ferramenta para seus próprios interesses, enquanto impunham sua própria língua e cultura como hegemônicas. No entanto, a presença da língua tupi como substrato linguístico e a influência cultural indígena na toponímia brasileira também são provas da resistência dessas comunidades. Apesar das tentativas de supressão cultural, traços da língua e da cultura indígena sobreviveram e deixaram sua marca na identidade brasileira.

3 REGISTRO DE NOMES PRÓPRIOS E A CONTEXTUALIZAÇÃO GEO-FÍSICA E SOCIOHISTÓRICA DO LÓCUS

Esta seção discute particularidades da dicionarização de nomes de lugares, tomando a interface da Onomástica com a Lexicografia. São examinadas a macro e a microestrutura de verbetes toponímicos, detalhando, tão quanto possível, sua composição e organização em obras lexicográficas, como glossários e dicionários. Além disso, destacam-se como os dicionários de língua Tupi registram tanto nomes comuns quanto próprios e são receptáculos linguístico-culturais. Ademais, aborda sobre o estado de Sergipe, abrangendo desde o histórico de povoamento até dados socioeconômicos e étnico-raciais, além de aspectos físico-naturais que compõem a identidade desse lugar.

3.1 A DICIONARIZAÇÃO DE NOMES DE LUGARES: LEXICOGRAFIA E TOPONÍMIA

A Lexicografia é conhecida como a ciência dos dicionários, visto que é responsável pela elaboração dessas obras linguísticas que, de acordo com Biderman (2001, p. 159), “faz a descrição de um determinado idioma, dos signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura”. Silva (2011) assim assinala sua importância:

A obra lexicográfica, por sua vez, constitui-se como um instrumento linguístico imprescindível na fixação do léxico de uma língua e para a consolidação de uma língua escrita, fazendo uma descrição do seu respectivo vocabulário, registrando as unidades lexicais referentes aos conceitos elaborados e consolidados em uma dada cultura. Isto é, haja vista que registra a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes, caracteriza-se como um lugar oficializado para os registros do acervo lexical inerente a uma dada cultura (Silva, 2011, p. 17).

Assim, obras lexicográficas ajudam na preservação e na consolidação de uma língua e cultura, dedicando-se à descrição e ao registro do vocabulário de uma língua. Esse caráter de preservação da herança linguístico-cultural de uma comunidade permite, inclusive, a (re)afirmação identitária. Por séculos, a Lexicografia não foi reconhecida como disciplina científica, sendo vista como forma de arte e/ou técnica (no sentido clássico de *ars*), conforme argumenta Seabra (2011):

ainda que o fazer dicionarístico remonte às culturas mais antigas do Oriente, até a metade do século XX, definia-se o termo lexicografia como ‘a arte de compor dicionários’. A partir desse período, com o

interesse crescente de linguistas, essas obras, tradicionalmente consideradas como meros instrumentos práticos, passam a ser objeto de estudo da linguística moderna (Seabra, 2011, p. 29).

Essa disciplinarização transformou a compreensão da Lexicografia, com o crescente reconhecimento dos dicionários como objetos relevantes, revelando seu potencial como fontes de informações. Portanto, a Lexicografia passou a ser concebida em suas dimensões teóricas e metodológicas, contribuindo para o desenvolvimento da linguística moderna. Segundo, Zavaglia (2012, p. 233-234), “a Lexicografia pode ser entendida como a técnica de se registrar e repertoriar o léxico, ou seja, de se compilar um dicionário”. A autora assinala que a Lexicografia é mais do que uma técnica, é uma ciência, por isso, está sujeita à teoria e a etapas metodológicas, assim,

suas etapas de trabalho devem estar bem delimitadas no processo de feitura de um dicionário, embasadas em critérios científicos desde a identificação da unidade lexical a ser tratada e a forma de sua recolha até a determinação da macro e da microestrutura da sua obra (Zavaglia, 2012, p. 234).

Considerando a multiplicidade e complexidade do léxico de uma língua, deve-se refletir sobre como a Lexicografia propõe o registro e codificação desses itens linguísticos. Com base nisso, pode-se pensar na diferença entre os dicionários de nomes comuns e nomes próprios, ou onomásticos. Um dicionário de nomes comuns é pensado para fornecer informações sobre os nomes que são utilizados pelas pessoas em diferentes culturas e idiomas. Por outro lado, um dicionário onomástico é voltado para fornecer informações específicas sobre nomes próprios, geralmente relacionados a indivíduos e lugares. Esses dicionários podem abranger detalhes sobre a etimologia, a história, as características culturais e as variações dos nomes.

O registro das palavras no dicionário é de extrema importância por várias razões. Em primeiro lugar, ele facilita a comunicação eficaz ao fornecer significados e outras informações sobre as palavras de um idioma. Além disso, registrando as palavras usadas em diferentes épocas e refletindo a evolução da língua ao longo do tempo, contribuem para a preservação cultural. Ademais, o dicionário é uma fonte linguística confiável, ajudando aprendizes de línguas, estudantes e falantes nativos a compreenderem, estudarem e usarem a linguagem de forma precisa, além de acompanhar as mudanças e evolução da língua.

Welker (2004, p. 35-42) dedica-se a explorar as classificações de diferentes

autores em relação aos dicionários, oferecendo uma perspectiva sobre a tipologia e as particularidades dessas obras lexicográficas. No Quadro 1, pode-se observar essas classificações, com foco na categorização dos dicionários de nomes próprios.

Quadro 1: Tipologia e classificação das obras dicionarísticas

Scerba (1940)	Inclusão de nomes próprios em dicionários e enciclopédias
Malkiel (1962)	Sugere três critérios para classificar dicionários:
	1) Abrangência (densidade das entradas, número de línguas e concentração em dados lexicais).
	Observação: Os dicionários de nomes próprios destacam-se quanto à abrangência, incluídos na área de concentração em dados lexicais, junto aos dados enciclopédicos, comentários e definições
	2) Perspectiva (sincrônica vs. diacrônica, arranjo alfabético vs. semântico vs. não sistemático, tom objetivo vs. prescritivo vs. jocoso)
Haensch (1982)	3) Apresentação (definições, exemplos, ilustrações gráficas e características especiais)
	Apresenta duas classes de obras lexicográficas:
	1ª) Baseada na perspectiva da linguística teórica; inclui, por exemplo, vocabulários de obras literárias, atlas lexicais, dicionários de regionalismos, dicionários inversos, bilíngues, enciclopédicos e onomasiológicos
Martinez de Souza (1995)	2ª) Considera critérios histórico-culturais e práticos, como o formato e extensão, caráter linguístico ou enciclopédico, número de línguas e finalidades específicas da obra, sendo que, nesta categoria, estão incluídos os dicionários onomásticos
	Inclui os dicionários onomásticos no critério terminológico, junto com os dicionários de abreviaturas e gramaticais
Finatto (1998)	Apresenta três classificações:
	Dicionários comuns de língua: definições lexicográficas caracterizam-se pela predominância de informações linguísticas, tratando mais de “palavras”
	Dicionários enciclopédicos: definições enciclopédicas se ocupam mais de referentes e de descrição de “coisas”
	Dicionários especializados: definições terminológicas trazem predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos
Welker (2004)	Apresenta três tipos de classificações:
	1ª) Obras de consulta, em formato de livro, e as computadorizadas, pois, segundo ele, “a divisão é importante porque já existem muitos dicionários eletrônicos, e no futuro, todos poderão ter esse formato”
	2ª) Dicionários monolíngues e dicionários bilíngues/multilíngues

	3ª) Dicionários gerais e especiais. O autor propõe que um tipo seja classificado como “geral” e os outros sejam considerados especiais, assim, o dicionário geral “se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum”, enquanto os demais são classificados como especiais, por exemplo, os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos, os onomásticos etc.
--	--

Elaboração própria.
Fonte: Welker (2004).

Os dicionários onomásticos são frequentemente incluídos na categoria de dicionários enciclopédicos. Isso se deve ao fato de que essas obras vão além da definição e significação dos nomes geográficos, ao oferecer informações adicionais, como a história e a origem dos nomes, tornando-se fontes abrangentes de conhecimento sobre os nomes geográficos. Eles combinam elementos de um dicionário tradicional e de uma enciclopédia temática, fornecendo um entendimento mais completo e detalhado dos nomes de lugares. É possível observar esse aspecto no Quadro 2, no qual Teixeira (2015) inclui os nomes próprios em enciclopédias.

Quadro 2 – Esquema de representação dicotômica do léxico

Dicionários	Enciclopédias	
Significação	Referência	
Significado linguístico	Conhecimento do mundo	
1. Léxico comum	2. Terminologias	3. Nomes próprios (Antropônimos e topônimos)

Fonte: Teixeira (2015, p. 282).

O dicionário de topônimos, portanto, pode ser identificado como um dicionário de tipo especial, com temática e finalidades específicas. Além disso, ele oferece informações linguísticas e enciclopédicas (Tavares; Isquardo, 2022, p. 07). Segundo Castiglioni (2018), o dicionário toponímico,

apesar de pouco comum, é deveras relevante, uma vez que registra, além dos nomes próprios de uma região e sua respectiva localização, causas que levaram os designadores a escolherem determinada palavra para nomear uma localidade, contribuindo, dessa forma, para o resgate e o registro social, histórico e cultural da região (Castiglioni, 2018, p. 1097).

Assim, o dicionário toponímico se apresenta como instrumento para compreender, preservar e valorizar a(s) língua(s), a história, a geografia e a cultura de uma comunidade. No presente estudo, toma-se o *Glossário Etimológico dos nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe* como obra que preserva, como

patrimônio imaterial, a identidade e a memória coletiva da comunidade sergipana e saberes relacionados a uma língua e etnia autóctone numa sincronia pretérita com pouca documentação.

A seguir destringem-se elementos relacionados a uma fonte lexicográfica, de modo a caracterizar como dicionários toponímicos e, em especial, o *Glossário* se configura no âmbito dos postulados teórico-metodológicos da Lexicografia.

3.1.1 Macro e microestrutura dos verbetes

A criação de um dicionário costuma requerer duas etapas principais: a organização da macroestrutura e o estabelecimento dos modelos da microestrutura (Biderman, 2001, p. 163). Esses conceitos, caros à Lexicografia, são destringidos a seguir.

Bertonha (2022) relaciona macroestrutura

à nomenclatura (lista de palavras) e sua disposição estabelecida pelo lexicógrafo no dicionário, podemos dizer que é tudo aquilo que se relaciona com a progressão temática vertical do dicionário, ou seja, o corpo do dicionário, formado pelo conjunto de entradas organizadas e ordenadas, geralmente, em ordem alfabética (Bertonha, 2022, p. 81).

Assim, a macroestrutura determina como as palavras são apresentadas e organizadas e envolve a padronização dos verbetes, incluindo seu formato e estrutura interna, bem como a inclusão de elementos gráficos, tabelas e informações sintáticas. Em suma, a macroestrutura representa as características gerais e a disposição do repertório lexical dentro do dicionário, visando facilitar a consulta e localização rápida de palavras pelos usuários. A macroestrutura do dicionário, de acordo com Finatto (1996, p. 55) “é a sua totalidade enquanto signo-texto”, ou seja, é a organização e estrutura global que permite ao usuário acessar e compreender as informações contidas nele. Já, de acordo com Silva (2011, p. 26), a macroestrutura é caracterizada por uma seleção das palavras existentes em uma língua, organizadas de forma alfabética em uma lista disposta verticalmente. Essa estrutura lexicográfica facilita a consulta e a localização rápida de palavras dentro de um conjunto específico de vocabulário.

A macroestrutura diz respeito à seleção, organização e estruturação geral do dicionário. É o conjunto de elementos que determinam a forma como as informações são apresentadas e organizadas dentro do dicionário. Para o autor, pode ser

identificada por perguntas como: “O arranjo das entradas é temático ou alfabético?; Os verbetes têm todos o mesmo formato?; Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes?; Informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do bloco do verbete?” (Welker, 2004, p. 81). Segundo Melo e Silva (2019, p. 128), a macroestrutura se refere à “organização e a ordenação interna do dicionário, isto é, a nomenclatura que está relacionada às características gerais do repertório lexical”.

Já a microestrutura abrange um conjunto organizado e detalhado de informações contidas em cada entrada do dicionário, “constituindo-se como um ordenamento estruturado dessas informações” (Silva, 2011, p. 26). Para Finatto (1996, p. 56), a microestrutura

corresponde ao verbete ou entrada, resultado do processo de lematização⁴ sofrido pelo signo linguístico. É nesta dimensão que ocorre o que, por extensão, poderíamos chamar “signo-verbeta”, ou a unidade constituinte do arrolamento de signos linguísticos. Na verdade, a dimensão microestrutural é a mais importante do dicionário, já que, obviamente, sem um conjunto de microestruturas o dicionário não existe.

A microestrutura do dicionário, ou estrutura do verbete, corresponde a toda a construção do verbete, incluídas eventuais subentradas, indicações gramaticais, de outras ordens e principalmente a indicação do significado (Finatto, 1996, p. 56).

Conforme Melo e Silva (2019, p. 130), a microestrutura “é a parte do texto lexicográfico que contém a organização dos dados contemplados no enunciado verbete”. Isto é, sendo o verbete, por sua vez, a entrada em uma obra lexicográfica, e a microestrutura é a parte do verbete que trata da organização das informações e dos elementos que o compõem. Os autores destacam que “a microestrutura determina e é determinada pela macroestrutura” (Melo; Silva, 2019, p. 130) e chamam atenção para o fato do seu trabalho ter teor toponomástico, por isso, a microestrutura é composta por elementos que, muitas vezes, não aparecem nos dicionários de uso geral da língua, como: localização do município, motivação do topônimo, informações históricas e/ou enciclopédicas, dentre outras. Bertonha (2020, p. 89-90), tratando-se da microestrutura, entende

que se constitui de toda informação, após a palavra-entrada, isto é, a

⁴ De acordo com o dicionário on-line Michaelis, lematização é o “processo linguístico que consiste em reduzir uma palavra flexionada a sua parte essencial”. Isso acontece para facilitar a busca e a compreensão das palavras. Por exemplo, as palavras “correr”, “correndo”, “corri” e “corrido” seriam reduzidas ao lema “correr” durante o processo de lematização. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=lematiza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

parte interna da macroestrutura, a ordenação dos elementos que compõem o verbete, normalmente formada por informações gramaticais, etimologia, definição, marcas de uso, sinônimos, antônimos, abonações e exemplos (Bertonha, 2020, p. 89-90).

A microestrutura refere-se à parte interna e detalhada de um verbete. É responsável pela organização e ordenamento estruturado das informações contidas no verbete, incluindo subentradas, indicações gramaticais, etimologia, definição, marcas de uso, sinônimos, antônimos e exemplos. Essa estrutura é fundamental para a existência do dicionário, pois é nessa dimensão que ocorre a representação dos signos linguísticos e a disponibilização das informações necessárias para a compreensão e uso adequado desses signos. Vale ressaltar que a composição da microestrutura pode variar de acordo a proposta lexicográfica adotada, podendo incluir informações adicionais específicas, como no caso de dicionários toponímicos.

Quanto às obras lexicográficas toponímicas, estas têm o objetivo de oferecer informações básicas e especializadas, levando em consideração que esse usuário pode ser tanto uma pessoa sem conhecimentos especializados quanto um pesquisador no campo da Toponímia (Tavares; Isquerdo, 2022, p. 8)

Castiglioni (2014), em sua tese de doutorado, propõe desenvolver um modelo de dicionário para topônimos. A partir disso, a autora classifica o que entende por macro e microestrutura dos verbetes. A macroestrutura é entendida como o conjunto de verbetes organizados em ordem alfabética, que apresentam dados enciclopédicos e terminológicos (Castiglioni, 2014, p. 184 e 206). Para definir microestrutura, Castiglioni (2014, p. 207) apresenta a definição de Barros (2004, p. 156), a qual diz que a microestrutura é a “organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete.”

Com base nisso, Castiglioni (2014, p. 226) sugere três tipos de microestrutura: “dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico tratado; o segundo para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos; o terceiro modelo que é de verbete remissivo”. O segundo modelo de microestrutura proposto por Castiglioni, que pode ser utilizado para o desenvolvimento de dicionários toponímicos de forma mais ampla, apresenta a seguinte organização:

Figura 1: Modelo de microestrutura de verbetes toponímicos

Entrada (sintagma toponímico) + 2. Taxionomia + 3. Etimologia (+ fonte)+ 4. Informações enciclopédicas (+ fonte) + 5. Outras denominações + 6. Código no sistema conceptual.

Fonte: Castiglioni (2014, p. 210).

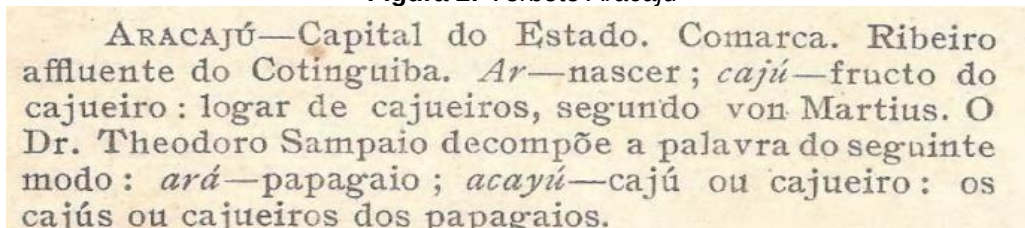
A entrada do verbete é formada pelo sintagma toponímico sobre o qual são fornecidas todas as informações. Essa entrada é destacada em negrito e as primeiras letras de cada palavra que compõe o sintagma toponímico são escritas em maiúsculas. Na seção de taxonomia, é informada a classificação taxonômica do topônimo de acordo com o modelo de Dick (1987). A etimologia fornece dados sobre a origem dos topônimos. As informações enciclopédicas trazem detalhes de natureza extralinguística e são subdivididas em dados geográficos, históricos e de contexto. Em outras denominações, são apresentados outros sintagmas toponímicos que se referem ao mesmo elemento toponímico. Por fim, a seção de sistema conceptual refere-se à localização do sintagma toponímico no sistema conceptual organizado pela autora, específico para seu trabalho (Castiglioni, 2014, p. 210-216).

Entre a macro e a microestrutura existe outra “estrutura”, chamada por Welker (2004, p. 177) de medioestrutura. O autor destaca que esse termo é mais utilizado na Alemanha. Essa estrutura “trata-se de um sistema de remissões, isto é, de maneiras de se remeter o usuário de um lugar a um outro” (Welker, 2004, p. 177). As remissões podem ser internas ou externas, as internas referem-se a outras entradas dentro do próprio dicionário, evitando repetições e facilitando a consulta. Já as externas remetem para as fontes nas quais o lexicógrafo obteve seus dados. Os meios utilizados para as remissões variam, sendo comuns o uso do verbo “ver” (abreviado como “v.”) ou setas. O objetivo principal delas é tornar a consulta mais eficiente e evitar redundâncias. (Welker, 2004, p. 177-178)

O *Glossário Etimológico dos nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe*, objeto desse estudo, possui uma macroestrutura de acordo com a ordem alfabética dos nomes da língua tupi na geografia do estado de Sergipe, organizados verticalmente. A microestrutura do *Glossário* é composta pela entrada com inicial maiúscula, após ela é informado o elemento geográfico, bem como a descrição de sua localização geográfica. Além disso, são fornecidos detalhes adicionais, como a etimologia das palavras e seus significados. Em alguns casos, há uma decomposição

etimológica dos termos, fornecendo uma análise mais detalhada das palavras utilizadas. Essa microestrutura segue um padrão consistente ao longo do *Glossário*, fornecendo definições e informações relevantes de forma clara e organizada, como pode ser visto nas figuras 2, 3 e 4. Já as remissões são indicadas pelo termo “vide”.

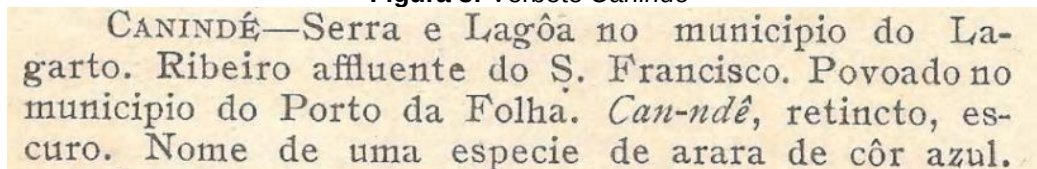
Figura 2: Verbete *Aracajú*



ARACAJÚ—Capital do Estado. Comarca. Ribeiro
affluente do Cotinguiba. *Ar*—nascer; *cajú*—fructo do
cajueiro: logar de cajueiros, segundo von Martius. O
Dr. Theodoro Sampaio decompõe a palavra do seguinte
modo: *ará*—papagaio; *acayú*—cajú ou cajueiro: os
cajús ou cajueiros dos papagaios.

Fonte: Guaraná (1916, p. 298)

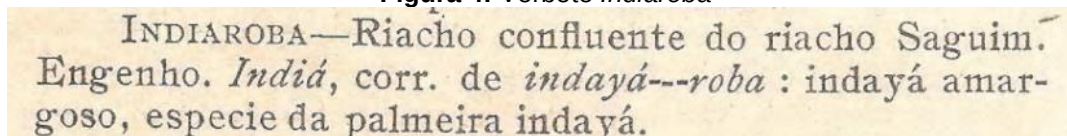
Figura 3: Verbete *Canindé*



CANINDÉ—Serra e Lagôa no municipio do La-
garto. Ribeiro affluente do S. Francisco. Povoad no
municipio do Porto da Folha. *Can-ndê*, retincto, es-
curo. Nome de uma especie de arara de côr azul.

Fonte: Guaraná (1916, p. 302)

Figura 4: Verbete *Indiaroba*



INDIAROBÁ—Riacho confluyente do riacho Saguim.
Engenho. *Indiá*, corr. de *indayá--roba*: indayá amar-
goso, especie da palmeira indayá.

Fonte: Guaraná (1916, p. 308)

É possível observar diferenças do padrão de microestrutura proposto por Castiglioni (2014), nesse contexto, deve-se reconhecer que o conhecimento científico é um processo contínuo e em constante evolução. Conforme novas pesquisas são conduzidas e novas descobertas são feitas, as teorias e abordagens podem ser aprimoradas e atualizadas. Portanto, é compreensível que o padrão de microestrutura do *Glossário* em questão apresenta diferenças em relação ao modelo proposto por Castiglioni em 2014.

A taxonomia, por exemplo, é uma das atualizações na área ao longo do tempo. À medida que novos conhecimentos são adquiridos e novas técnicas são desenvolvidas, é possível que sejam introduzidas novas categorias e classificações para uma melhor organização e compreensão dos conceitos relacionados à microestrutura.

3.2 SERGIPE: A DIVERSIDADE ÉTNICA, A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E A PRESERVAÇÃO DAS RAÍZES INDÍGENAS

Sergipe, do tupi Cyrygy-pe, rio dos siris (Guaraná, 1916, p. 321), estado localizado na região Nordeste do Brasil, é conhecido por sua menor extensão territorial, abrangendo cerca de 21.918,443 km². O estado é composto por 75 municípios e abriga aproximadamente 2.210.004 habitantes (IBGE, censo 2022).

De acordo com Santos (2019, p. 27-28), Sergipe possui uma população urbana concentrada principalmente na região metropolitana de Aracaju, além das cidades de Estância, Lagarto e Itabaiana. No entanto, ainda apresenta uma população rural expressiva, representando cerca de 30% do total, e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) relativamente baixo, embora em crescimento. Quanto à etnia, a ocupação europeia em Sergipe ocorreu de maneira semelhante à região norte da Bahia, com a colonização por portugueses que conviveram com os indígenas nativos e africanos trazidos como escravos. Do ponto de vista econômico, o estado reflete influências da cultura açucareira escravista no leste e na zona da mata, onde também se destacam atividades como a criação de gado e o cultivo de mandioca. No agreste, são comuns plantações de tabaco, algodão e milho, enquanto no sertão predomina a criação de gado miúdo.

A presença humana no território que atualmente é conhecido como estado de Sergipe remonta a aproximadamente 9000 a.P.⁵, de acordo com os primeiros vestígios encontrados, como cacos de cerâmica, ossos, registros rupestres etc. (Carvalho, 2003, p. 21; 55). De acordo com Carvalho (2003, p. 55), “dentre os agrupamentos pré-históricos sergipanos, as sondagens, escavações e raras citações bibliográficas permitem, como hipótese preliminar, a identificação de três culturas: Canindé, Aratu e Tupi-Guarani”.

Tomando como foco a cultura tupi, Carvalho (2003, p. 124) destaca que a presença Tupi-guarani no Nordeste brasileiro ocorreu em duas ondas migratórias. A primeira onda, no período médio (900-1300) e a segunda onda, no período tardio (1300-1500). Cada onda trouxe características culturais distintas na cerâmica pré-

⁵ “A sigla AP (antes do presente) é uma medida de tempo associada a certas datações em campos científicos como a arqueologia e a geologia, a fim de situar um acontecimento do passado. Para converter um ano datado em AP, basta subtraí-lo do ano de 1950, assim obterá o seu correspondente na datação que usamos”. Disponível em: <<http://www.professoramanuka.com.br/2016/08/o-que-significa-a-expressao-antes-do-presente.html>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

histórica, refletindo as diferentes fases de ocupação e migração das populações Tupi-guarani na região.

Outro ponto acerca do povo Tupi, é que, de acordo com Carvalho (2003, p. 124), eles preferiam se estabelecer em regiões próximas a rios navegáveis e em terras baixas, evitando áreas secas e serradas, como as caatingas. No Nordeste, os tupis buscavam principalmente as áreas cobertas por floresta mesófila, decídua e semidecídua, descartando a caatinga. Essa preferência pode ser utilizada para localizar sítios arqueológicos Tupis, que geralmente são encontrados próximos a rios navegáveis e em zonas de mata. No litoral e na zona da mata, situavam-se os Tupinambás, uma das nações Tupi estabelecidas no nordeste do recôncavo baiano, perto da foz do rio São Francisco. No século XVI, os Tupinambás ocupavam, aproximadamente, trinta aldeias ao longo do litoral do estado de Sergipe.

De acordo com Nunes (2006, p. 201), no início da colonização portuguesa em Sergipe, a região abrigava uma população indígena significativa, incluindo diversas tribos Tupinambás entre os rios Real e São Francisco, estimadas em mais de 20.000 membros. A rivalidade intensa entre essas tribos resultava em conflitos frequentes. Os colonizadores portugueses exploravam essas disputas internas para obter escravos, aproveitando-se das tensões e conflitos que permeavam a região. A sociedade dos Tupinambás em Sergipe era caracterizada por uma organização social baseada na propriedade coletiva, cooperação, distribuição igualitária e uma divisão natural do trabalho por idade e sexo (Nunes, 2006, p. 202).

Houve uma demora na colonização do Brasil devido ao foco de Portugal no comércio das Índias, mesmo havendo evidências das riquezas presentes no Brasil. O processo de colonização do Brasil foi semelhante ao adotado nas ilhas da Madeira e dos Açores, por meio das capitanias hereditárias, que concediam amplos poderes aos capitães donatários nos assuntos civis e criminais. (Freire, 1891, p. 1). Após a chegada dos portugueses, o território de Sergipe foi doado ao capitão Francisco Pereira Coutinho pelo Rei Dom João III em 5 de abril de 1534, integrando a Capitania da Bahia de Todos os Santos (Nunes, 2006, p. 19). No entanto, vivendo em uma “comunidade primitiva incompatível com o sistema escravista dos portugueses” (Nunes, 2006, p. 202), os indígenas resistiram às tentativas de colonização portuguesa. Caciques como Surubi, Serigi, Aperipê, Muribeca, Siriri, Japaratuba e Pindaíba lideraram a resistência em diferentes regiões, defendendo suas terras e

modos de vida tradicionais.

Devido a desentendimentos com os colonos que o acompanhavam, Coutinho retirou-se para a Capitania de Porto Seguro e acabou morrendo em um naufrágio próximo à Ilha de Itaparica, em 1547, vítima dos indígenas Tupinambás. Devido ao abandono da região por parte dos portugueses, os piratas franceses aproveitaram-se da situação para realizar contrabando de pau-brasil e outros produtos da região, com a colaboração dos indígenas locais (Nunes, 2006, p. 19).

O confronto entre os colonizadores portugueses e os indígenas de Sergipe foi marcado por uma violência implacável. Os portugueses empregavam armas de fogo e táticas de guerra avançadas, resultando em um conflito desigual e devastador para a população indígena. A expedição de Luís de Brito em 1575 resultou na devastação da população indígena de Sergipe, levando ao surgimento dos Kiriri como vingadores.

Dessa forma, o território sergipano permaneceu desconhecido pelos portugueses. A exploração da região de Sergipe tornou-se uma responsabilidade de Tomé de Sousa, conforme as instruções do rei D. João III. No entanto, devido a diversas outras responsabilidades, Tomé de Sousa e seus sucessores não conseguiram se dedicar adequadamente à exploração e desenvolvimento dessa região (Nunes, 2006, p. 19-20).

Freire (1891, p. 2-3) argumentou que o processo colonial adotado no Brasil era ineficaz e que o governo português estava ciente disso. Esse modelo de colonização não estava produzindo resultados positivos em termos de desenvolvimento civilizacional. Havia uma preocupação com a deterioração moral nas capitanias devido ao contato com elementos indesejáveis, como condenados e exilados enviados de Portugal para o Brasil. Além disso, o despotismo na administração das capitanias indígenas exercia um poder absoluto sobre os indígenas, o que, embora pudesse ser visto como um estímulo ao trabalho, também levantava questões de abuso de poder. Os donatários, responsáveis por administrar as capitanias, detinham um poder arbitrário e excessivo, o que contribuiu para o fracasso das capitanias em se estabelecerem como colônias bem-sucedidas.

Dentre as capitanias cujos donatários não obtiveram sucesso, está a de Francisco Pereira Coutinho, onde fazia parte o território de Sergipe. Após sua morte, seu filho Manuel Pereira Coutinho assumiu, mas devido à falta de recursos, teve que cedê-la ao governo. Sergipe recebeu o nome de Sergipe d'El-Rei devido à sua

conquista pela coroa. Sua localização intermediária entre as capitanias da Bahia e Pernambuco facilitava as comunicações entre elas. A conquista e descoberta de Sergipe foi considerada de grande valor para a colonização da Bahia e de Pernambuco, as duas capitanias mais populosas na época, pois Sergipe estava localizado entre elas, facilitando as comunicações, especialmente porque as viagens marítimas entre Bahia e Pernambuco eram mais difíceis e perigosas do que entre Bahia e Portugal (Freire, 1891, p. 3). Em 1820, o Rei Dom João VI, governante do Brasil e de Portugal, promulgou uma Carta Régia que conferiu a Sergipe o status de Capitania Independente.

Como é sabido, antes da chegada dos colonizadores, o atual território sergipano já era habitado por povos indígenas, como pode ser visto no Quadro 3. Esse quadro traz a diversidade étnica indígena que existia no território de Sergipe durante os séculos XVI e XVII, quando ocorreu o processo de colonização, indicando que a presença indígena não se limitava a um único grupo étnico e linguístico, como os Tupi.

Quadro 3 – Grupos indígenas e respectivas famílias linguísticas em Sergipe quando dos primeiros contatos interétnicos

Grupos indígenas	Classificação linguística segundo Curt Nimuendaju
Tupinambá, Tupinauê, Caeté	Tupi
Kiriri	Kiriri
Xocó, Natu	Línguas isoladas
Acunã, Aramuru, Boimé	Línguas desconhecidas
Carapotó, Capajó, Huamoi	Línguas desconhecidas
Romaris, Uruma	Línguas desconhecidas
Oromarais, Caacicas, Moritses	Não figuram na relação de Nimuendaju

Fonte: Dantas (1983-1987, p. 45).

A diversidade étnica evidencia que os povos indígenas de Sergipe possuíam variadas culturas, línguas, tradições e formas de organização social. Cada grupo étnico detinha sua própria identidade e estilo de vida, adaptados às particularidades do ambiente em que habitavam. Assim, deve-se reconhecer que a presença de topônimos de origem tupi no *Glossário* não necessariamente reflete a influência exclusiva da cultura tupi na região. Isso traz à tona a questão da "tupimania", termo utilizado por Dantas (1983-1987), que se refere à tendência de supervalorização da cultura tupi. Essa tendência acarreta uma confusão frequente na historiografia brasileira, principalmente em relação a Sergipe, ao generalizar todos os povos indígenas como pertencentes à etnia Tupi. Portanto, a existência de topônimos que

possam ser erroneamente atribuídos à língua tupi pode ser um reflexo da complexidade histórica e cultural da região, exigindo uma análise mais aprofundada e cuidadosa para uma compreensão precisa de suas origens.

Desses povos, eram reconhecidas oficialmente cinco aglomerações indígenas: a vila de indígenas de Geru, a missão de Japaratuba, a missão de Pacatuba, a missão de São Pedro de Porto da Folha e a aldeia de Água Azeda, próxima a São Cristóvão, antiga capital (Souza, p. 186). Figueiredo (1981, p. 64) conceituou as aldeias indígenas como “aglomerações de nativos sob a direção e autoridade dos jesuítas. Verdadeiras ‘organizações autárquicas’ e autônomas, com meios e fins específicos”. Esses aldeamentos tinham dois propósitos principais: desocupar territórios tradicionais dos povos indígenas para acomodar os colonos e facilitar a catequese dos indígenas à religião católica, pois, os colonos acreditavam que os indígenas já catequizados e aldeados seriam mais propensos ao trabalho, pois consideravam que eles eram mais “civilizados” em comparação aos indígenas que viviam de forma selvagem. Além disso, os indígenas assentados já tinham algum conhecimento de trabalho manual, adquirido por meio da influência dos padres (Santana, 2004, p. 24-25).

Nessas aldeias indígenas, diferentes grupos indígenas acabavam coexistindo na mesma região, como pode ser visto no Quadro 4. Essa coexistência levou à perda de identidades culturais distintas, ocorrendo uma homogeneização cultural, assim, levando à perda de línguas, costumes e conhecimentos tradicionais.

Quadro 4 - Administração Religiosa nas Aldeias Sergipanas

Aldeamento	Fundação	Grupo Indígena	Administração Religiosa
Geru	1666	Kiriri	Jesuítas
São Pedro de Porto da Folha	Meados do séc. XVII	Aramuru e posteriormente outras etnias como Uruma, Carapotós, Romaris e Xocó	Capuchinhos vindos de Pernambuco
São Félix de Pacatuba	Fim do séc. XVII	Carapotós, Caxagó e Natu	Fundada por Capuchinhos franceses
Japaratuba	Meados do séc. XVII	Boimé, Tupinambás Caacicas	Constituída pelos Capuchinhos franceses e administrada conjuntamente por Capuchinhos e Carmelitas
Água Azeda	Meados do séc. XVII	Boimé, Tupinambá	Não foram aldeados por nenhuma ordem religiosa

Fonte: Dantas (2013, p. 49).

Durante o período imperial, os aldeamentos no Brasil foram deixados em uma situação de abandono após a expulsão dos jesuítas em 1758. Em 1840, o governo regencial atribuiu aos capuchinhos italianos a tarefa de cuidar dos aldeamentos. No entanto, havia apenas 45 missionários capuchinhos em comparação aos cerca de 500 jesuítas que foram expulsos, o que resultou em dificuldades para manter uma presença consistente nas comunidades indígenas. Os capuchinhos fundaram e desfizeram aldeamentos frequentemente, sem estabelecer uma continuidade efetiva no cuidado dos indígenas. Com a chegada da República, o número de missionários diminuiu ainda mais, em grande parte devido à falta de disposição de muitos deles em trabalhar com os indígenas, alegando dificuldades para sobreviver nas Missões. Essa diminuição drástica de missionários agravou ainda mais a precária situação dos aldeamentos, que já estavam abandonados desde a expulsão dos jesuítas (Santana, 2004, p. 27).

De acordo com Sousa (p. 186), os aldeamentos indígenas em Sergipe, durante a primeira metade do século XIX, desfrutavam de terras coletivas protegidas por leis específicas, o que despertava o interesse dos proprietários rurais. Essa situação resultava em conflitos frequentes entre indígenas, fazendeiros e missionários nas aldeias. Nessa mesma época, o Brasil promulgou a Lei de Terras em 1850, que regulamentou a propriedade fundiária. Logo em seguida, foi estabelecido que os indígenas que tivessem tido contato prolongado com os civilizados perderiam o direito de posse das terras coletivas que ocupavam. Em 1853, o Governo decretou a extinção da Diretoria dos Índios em Sergipe e a existência dos indígenas passou a ser sistematicamente negada. No final do século, os registros oficiais já não mencionavam indígenas em Sergipe, e os habitantes das antigas aldeias eram chamados de caboclos.

Em Sergipe, ainda é possível observar características físicas e culturais remanescentes da influência indígena. A presença física é evidente em traços somáticos, por exemplo, a cor da pele. Além disso, a influência indígena se reflete fortemente na toponímia local, evidenciando a ocupação histórica da região pelos povos nativos. Nomes de cidades e localidades são testemunhos dessa presença duradoura. Nomes como Sergipe, Aracaju, Itabaiana, Boquim, Indiaroba, entre outros, revelam a ligação com a terra e os elementos naturais que impressionaram os primeiros habitantes. Essa herança cultural se estende também para a nomenclatura

de frutos locais, plantas e animais, evidenciando a importância da cultura indígena na alimentação e na vida cotidiana das populações. Nomes de frutos como caju, cajá, oiti, pitanga, ouricuri, ingá, araçá, bem como de animais como urubu, jiboia, sagui, arara, sabiá, pitu, curimatá, ainda são comuns e preservam a memória das origens culturais do estado de Sergipe (Nunes, 2006, p. 219).

A história e a diversidade cultural de Sergipe refletem as complexidades e contradições inerentes ao processo de colonização e às relações entre diferentes grupos étnicos ao longo dos séculos. A presença indígena, representada por diversos povos e culturas, foi gradualmente marginalizada e homogeneizada, resultando na perda de identidades culturais e conhecimentos tradicionais. A colonização portuguesa, baseada no modelo das capitanias hereditárias, revelou-se ineficaz e injusta, levando ao fracasso das colônias e ao abuso de poder. Além disso, a falta de continuidade no cuidado dos aldeamentos indígenas após a expulsão dos jesuítas e a posterior negação da existência indígena contribuíram para a marginalização e a perda de direitos dos povos nativos. Esses aspectos históricos e as realidades contemporâneas dos povos indígenas em Sergipe chamam a atenção para a necessidade de valorização, preservação e respeito às culturas e territórios indígenas, bem como para a superação de estereótipos e preconceitos em relação a esses povos. A preservação das línguas, tradições e conhecimentos ancestrais, bem como a luta pelos direitos territoriais, são aspectos centrais na busca por justiça e dignidade para esses povos.

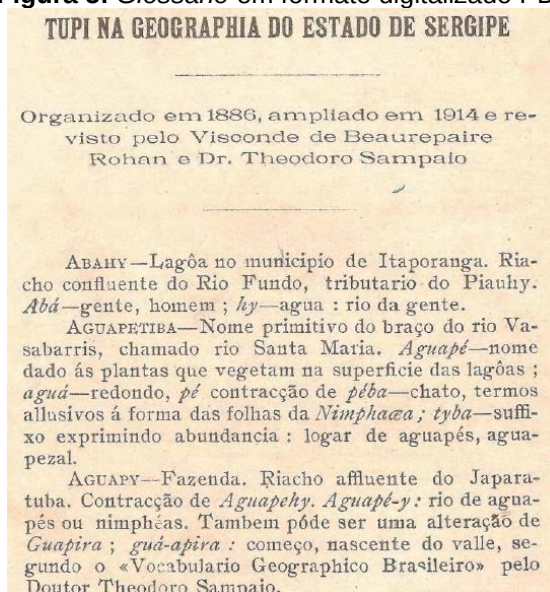
4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, serão explorados os procedimentos metodológicos adotados ao longo da pesquisa. Além disso, serão apresentados os dicionários tupi utilizados. Os procedimentos metodológicos apresentam o caminho seguido para o tratamento, análise e interpretação dos dados. Ademais, os dicionários tupi foram recursos linguísticos que enriqueceram a pesquisa, possibilitando uma abordagem mais precisa.

4.1 COLETA E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

O estudo foi conduzido seguindo uma série de procedimentos metodológicos bem definidos. Inicialmente, foram realizadas leituras e fichamentos para aprofundar o conhecimento nas áreas de estudo relevantes. Essa revisão bibliográfica permitiu estabelecer uma base sólida para a pesquisa. Em seguida, o *Glossário*, que estava disponível apenas em formato digitalizado em PDF, como pode ser visto na Figura 5, passou por um processo de Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) utilizando o site "ilovepdf.com". O objetivo dessa etapa foi converter o conteúdo em texto pesquisável, facilitando sua manipulação e análise.

Figura 5: *Glossário* em formato digitalizado PDF



Fonte: Guaraná (1916)

Após a conversão, realizou-se a análise da microestrutura e macroestrutura do

Glossário. Utilizando as informações obtidas nas leituras, foi possível observar como as entradas do *Glossário* estão organizadas nesses dois níveis, conforme pode ser observado no 3.1.1. Essa análise também permitiu traçar paralelos e conexões com as informações obtidas na revisão de literatura, enriquecendo assim o estudo com informações contextualizadas.

A próxima etapa envolveu a inserção das entradas do *Glossário* em uma planilha do Excel composta por quatro colunas: Topônimo, taxa, elementos morfosemânticos, sendo esta última subdividida em duas partes: Guaraná (1916) e outros dicionários. A coluna denominada *Topônimo* refere-se aos nomes dos lugares incluídos no *Glossário*. A coluna *Taxe* representa a classificação desses topônimos, seguindo os critérios estabelecidos por Dick (1987, p. 38-40). A coluna *Elementos Morfossemânticos* indica os componentes linguísticos e semânticos que compõem o nome do lugar. Esta coluna é subdividida em duas partes: *Guaraná (1916)*, que apresenta as informações etimológicas do *Glossário*, e *Outros Dicionários*, que contém informações adicionais ou variações dos topônimos encontradas em dicionários distintos.

Quadro 5: Modelo de quadro toponímico para tratamento do corpus

TOPÔNIMO	TAXE	ELEMENTOS MORFOSSEMÂNTICOS	
		Guaraná (1916)	Outros dicionários

Fonte: Adaptado de Dick (2004).

Após o preenchimento do quadro, procedeu-se à sua subdivisão em quatro categorias distintas. Foi elaborado um quadro para os fitotopônimos, outro para os zootopônimos, um terceiro para os hidrotopônimos e um último para os litotopônimos, uma vez que essas foram as taxas mais encontradas no *Glossário*. Com base nessa segmentação, cada quadro foi analisado de forma independente, destacando aspectos relevantes de cada classificação. Vale destacar que todas as etapas foram realizadas no Excel, incluindo a criação dos gráficos.

O próximo passo consistiu em avaliar o grau de preservação dos topônimos na atual geografia do estado. Para realizar essa análise, restringimos a avaliação aos nomes dos municípios, rios e praias de Sergipe. Os nomes das outras localidades não puderam ser identificados em documentos ou em outras fontes disponíveis. A lista contendo os topônimos dos municípios sergipanos atuais foi obtida no site do IBGE.

Quanto aos topônimos dos rios e praias, embora tenham sido encontrados em fontes não oficiais, foi realizada uma pesquisa meticulosa, verificando topônimo por topônimo para assegurar sua vinculação efetiva a Sergipe. Posteriormente, elaborou-se um quadro para comparar a grafia dos topônimos no *Glossário* com a forma atualmente utilizada, a fim de identificar possíveis divergências. Com base nisso, procedeu-se a uma análise linguística dos topônimos que apresentaram alterações na grafia.

Quadro 6: Demonstração do quadro feito para a comparação entre a escrita do topônimo no *Glossário* e como ela se apresenta atualmente

TOPÔNIMO	TOPÔNIMO CONTEMPORÂNEO (VARIAÇÃO GRÁFICA <> MUDANÇA LEXICAL)
	(IBGE, 2023) + E NÃO OFICIAL

Elaboração própria.

Com base na análise do Quadro 6, procedeu-se a uma atualização do *Glossário*, a qual compreende a inclusão de informações relativas ao atual referente do topônimo, bem como sua taxonomia e etimologia.

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo proporcionaram uma abordagem sistemática para a análise do *Glossário*, combinando revisão bibliográfica, Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) e organização dos dados em uma planilha do Excel. A revisão bibliográfica forneceu uma base sólida, enquanto o OCR facilitou a manipulação do conteúdo em formato PDF. A organização das entradas do *Glossário* permitiu uma análise detalhada e comparativa, categorizando-as de acordo com toponímia, taxa e elementos morfossemânticos. A avaliação do grau de preservação dos topônimos na geografia atual do estado de Sergipe adicionou uma dimensão prática ao estudo. A comparação entre a grafia dos topônimos no *Glossário* e sua forma atual identificou possíveis divergências, contribuindo para a compreensão das mudanças ao longo do tempo.

Assim, a combinação dessas etapas metodológicas proporcionou uma análise abrangente e fundamentada dos topônimos presentes no *Glossário*, enriquecendo o entendimento da história e da geografia da região. Estes procedimentos metodológicos contribuem para a confiabilidade e relevância dos resultados obtidos,

fortalecendo a base para interpretações e conclusões no âmbito desta pesquisa.

4.2 FONTES DE CONSULTA: DICIONÁRIOS TUPI-PORTUGUÊS

Uma das principais fontes de consulta para a análise do corpus foram dicionários tupi-português. Esses dicionários foram fundamentais para fornecer suporte e embasamento necessário para uma análise precisa dos topônimos registrados no *Glossário* em estudo. Eles ajudaram a comprovar que a grande maioria do corpus é sim de origem indígena, visto que 78% dos topônimos foram encontrados nos dicionários, além de trazer informações adicionais à etimologia apresentada por Guaraná e até mesmo divergências.

A partir disso, é válido destacar que as etimologias estão sempre em construção,

[...] as soluções de étimo são múltiplas e sujeitas a revisão. A situação, perante uma profusão de étimos (quando bons e dignos de avaliação) é apresentá-los sem uma solução definitiva, da mesma forma que muitas ciências o fazem seriamente com hipóteses não excludentes (Viaro, 2011, p. 97-98)

Assim, compreende-se que pode haver várias interpretações ou explicações para a origem de uma palavra e essas soluções estão sujeitas à revisão à medida que novas informações ou perspectivas surgem. Diante da complexidade das origens das palavras e das diversas interpretações possíveis, não se deve afirmar uma solução etimológica como definitiva.

Os dicionários de língua Tupi são valiosas ferramentas para o estudo e preservação dessa rica e ancestral língua. Compostos por um vasto conjunto de palavras, significados e expressões, esses dicionários nos permitem compreender e reconstruir parte da história e cultura dos povos indígenas que falavam e ainda falam línguas da família Tupi. Esses dicionários são organizados de forma a apresentar as palavras e seus significados de maneira clara e acessível. Além disso, eles também podem incluir informações sobre a fonética, a gramática e a estrutura da língua, facilitando o estudo e a compreensão do idioma.

Essas obras são importantes não apenas para pesquisadores e acadêmicos, mas também para as próprias comunidades indígenas. Elas ajudam a fortalecer a identidade cultural do povo Tupi, permitindo que eles conheçam e resgatem sua língua ancestral. Ademais também são uma forma de valorizar e reconhecer a diversidade

linguística e cultural do Brasil.

Inicialmente, serão utilizados os dicionários *Vocabulário Tupi-Guarani, Português* de Silveira Bueno e *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* de Antônio Geraldo da Cunha (1994 [1978]). O *Vocabulário Tupi-Guarani, Português* teve sua primeira edição publicada em 1982, seguida por uma segunda edição em 1983. A terceira edição, que será utilizada neste trabalho, foi publicada em 1984. No prefácio da terceira edição, Silveira ressalta a importância dada aos topônimos. Vale ressaltar que o dicionário está dividido em quatro partes. A primeira parte contém uma breve introdução, enquanto a segunda apresenta o vocabulário geral, em que são apresentados os verbetes, seguidos da sua classe gramatical e seu significado. A terceira parte inclui o *Dicionário da Língua Tupi: chamada língua geral dos indígenas do Brasil – Tupi-Português*, trabalho de Gonçalves Dias, publicado em 1858. Nessa seção, também são apresentados os verbetes, suas classes gramaticais e significados. A quarta e última parte refere-se ao trabalho *Les langues indigenes du Brésil et leur influences sur le portugais*, apresentado no Primeiro Congresso Internacional de Dialetoлогия Geral na Bélgica em 1960 pelo professor Francisco.

Em relação ao *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, escrito por Antônio Geraldo da Cunha e publicado pela primeira vez em 1978, esta pesquisa utilizará a sua quarta edição, lançada em 1998. O dicionário é composto por um prefácio-estudo escrito por Antônio Houaiss e é dividido em sete partes: 1) introdução; 2) bibliografia; 3) abreviaturas; 4) sinais convencionais; 5) recapitulação das siglas; 6) o dicionário; e 7) índices. Neste dicionário, os verbetes seguem a seguinte estrutura: a) título do verbo; b) categoria gramatical; c) cronologia das variantes; d) etimologia; e) definição; f) digressão enciclopédica; g) passagens abonatórias.

É válido evidenciar que esta obra, além de fornecer as definições e etimologia das palavras, apresenta, em cada verbo, informações históricas e culturais relacionadas às palavras. Isso permite ao leitor entender melhor o contexto em que as palavras surgiram e foram utilizadas. Além disso, o dicionário também inclui passagens abonatórias, que são citações de trechos de textos ou obras literárias que exemplificam o uso das palavras em questão. Essas passagens ajudam a ilustrar o uso real das palavras ao longo do tempo, fornecendo uma base sólida para o entendimento de seu significado e uso.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentadas a descrição e a análise dos dados de natureza físico-natural da toponímia sergipana de origem tupi. Dentro desse contexto, exploram-se categorias específicas, tais como fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos e litotopônimos, a fim de uma compreensão abrangente das influências indígenas na nomenclatura geográfica de Sergipe. Além disso, a seção explora a presença contínua dos topônimos indígenas na geografia contemporânea de Sergipe, especificamente os nomes dos municípios, rios e praias, destacando sua permanência na geografia contemporânea.

5.1 QUADRO FÍSICO-NATURAL DA TOPONÍMIA SERGIPANA DE ORIGEM TUPI

O *Glossário Etimológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe*, publicado em 1916 por Armino Guaraniá, abrange 341 topônimos, dos quais 28 são remissivos e cinco têm a etimologia indicada como duvidosa. Os topônimos que o compõem refletem as características físicas de Sergipe, incluindo suas paisagens, flora e fauna. A partir desses nomes, é possível observar as particularidades do ambiente físico e natural do estado durante a época de produção e publicação do *Glossário*, destacando elementos como hidrografia, fauna e flora, entre outros aspectos relacionados ao ambiente físico e natural. Todos os topônimos foram analisados, conforme evidenciado no Apêndice A, de acordo com a classificação de Dick (1987). Contudo, algumas dúvidas surgiram em relação à classificação de alguns topônimos e a presença dessas incertezas foi indicada pelo símbolo #.

Dick (1987, p. 38-40) propôs uma taxonomia para os topônimos nacionais – vide Quadro 7 a seguir, considerado o principal no país e também foi aplicado ao corpus desta pesquisa. Em relação à terminologia, Dick utilizou a estrutura binominal de Vasconcellos, na qual cada taxonomia é composta por um radical de origem grega ou latina, que é combinado com o termo "topônimo" para especificar a área geográfica em questão (Santos, 2019, p. 82).

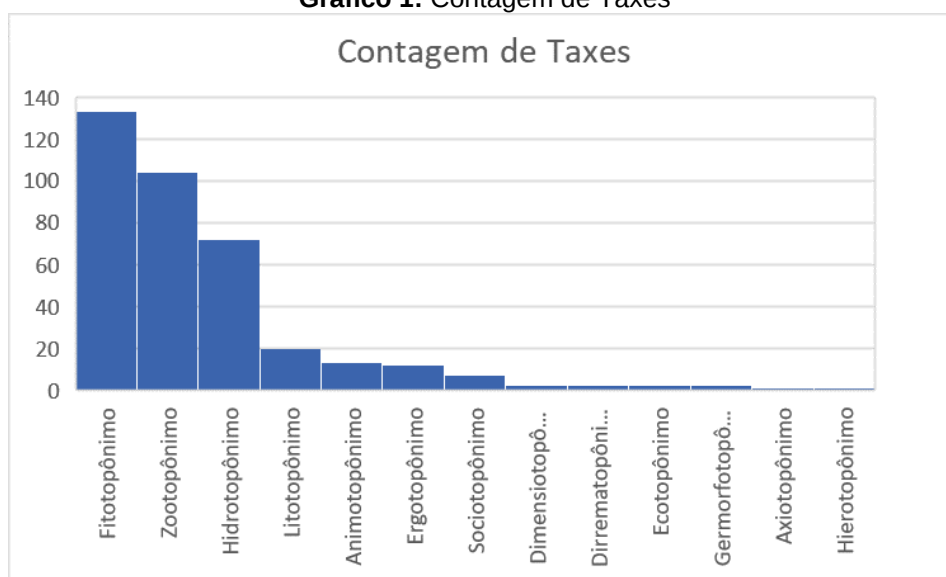
Quadro 7– Taxonomias toponímicas propostas por Dick (1990)

TAXONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA	
Classificação	Topônimos referentes à(s)/ao(s)
Astrotopônimos	Nomes de corpos celestes em geral.
Cardinotopônimos	Posições geográficas em geral.
Cromotopônimos	Escala cromática.
Dimensiotopônimos	Características dimensionais do acidente geográfico.
Fitotopônimos	Nomes de vegetais.
Germorfotopônimos	Formas topográficas.
Hidrotopônimos	Acidentes hidrográficos.
Litotopônimos	Nomes de minerais, relativos também à condição do solo.
Meteorotopônimos	Fenômenos atmosféricos.
Morfotopônimos	Formas geométricas em geral.
Zootopônimos	Nomes de animais em geral.
TAXONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL	
Classificação	Topônimos referentes à(s)/ao(s)
Animotopônimos	Vida psíquica e à vida cultural e espiritual.
Antrotopônimos	Nomes próprios e individuais.
Axiotopônimos	Títulos e dignidades que se fazem acompanhar dos nomes próprios.
Corotopônimos	Nomes de cidades, países, regiões ou continentes.
Cronotopônimos	Indicações cronológicas.
Dirrematopônimos	Topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos.
Ecotopônimos	Habitação em geral.
Ergotopônimos	Elementos da cultura.
Etnotopônimos	Elementos étnicos isolados ou não.
Hagiotopônimos	Nomes sagrados do hagiológico romano.
Hierotopônimos	Nomes sagrados de diferentes crenças, associados a locais de culto.
Historiotopônimos	Movimentos histórico-sociais, às suas datas e seus membros.
Hodotopônimos	Vias de comunicação rural, urbana ou não.
Mitotopônimos	Entidades mitológicas.
Numerotopônimos	Adjetivos numerais.
Poliotopônimos	Topônimos constituídos pelos vocábulos aldeia, vila, povoação e arraial.
Sociotopônimos	Atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontros locais.
Somatopônimos	Relações metafóricas das partes do humano ou animal.

Fonte: Adaptado de Dick (1987, p. 38-40).

Na classificação, foram identificadas diversas taxonomias, tais como animotopônimo, axiotopônimo, dimensiotopônimo, dirrematopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, fitotopônimo, geomorfotopônimo, hidrotopônimo, hierotopônimo, litotopônimo, sociotopônimo e zootopônimo, como pode ser observado no *Gráfico 1*.

Gráfico 1: Contagem de Taxes



Elaboração própria.
Fonte: Guaraná (1916)

Dentre essas categorias, destacam-se os fitotopônimos, que se referem a plantas e frutas. Estes nomes carregam consigo a essência da vegetação local, evidenciando a estreita relação entre a natureza e a vida cotidiana dos povos indígenas que habitavam essas regiões.

No corpus de Santos (2019, p. 113), composto por topônimos sergipanos, os fitotopônimos emergem como o grupo mais prolífico, abrangendo tanto elementos de natureza física quanto antropológico-cultural. Este destaque sugere que a vegetação exerceu uma influência marcante nas denominações geográficas em Sergipe. Esse fenômeno não apenas evidencia a relevância da flora local para a identidade regional, mas também ilustra como a natureza moldou a vida das comunidades que ocupavam esses territórios.

Além dos fitotopônimos, merecem atenção os zootopônimos, que indicam a presença de animais característicos da região. Estes nomes podem revelar a importância da fauna local na vida das comunidades. Outra categoria de topônimos muito encontrada são os hidrotopônimos, que se relacionam aos corpos de água presentes na região, descrevendo características específicas da água ou elementos que cercam esses cursos hídricos.

Através desses dados, é possível observar a relação entre a língua e o meio ambiente. A ecolinguística explica essa relação, uma vez que, segundo Couto (2007, p. 39-40), a ecolinguística é “o estudo das relações entre língua e meio ambiente”. O meio ambiente (MA) está ligado ao ecossistema, que é definido como o conjunto de

organismos em um determinado território e suas inter-relações. Essas interações envolvem não apenas os organismos entre si, mas também o próprio território ou meio ambiente. O ecossistema é essencial na ecologia, sendo o conceito central para compreender as relações entre populações de organismos, território e suas interações (Couto, 2009, p. 127).

O conceito de ecossistema linguístico proposto por Couto (2009, p. 127) abrange a interação entre população (P), território (T) e língua (L). Analogamente à ecologia, a população representa os falantes de uma língua específica, o território é a área geográfica onde essa língua é utilizada e a língua em si é o sistema que estabelece os padrões de interação entre os membros da população. Esses três elementos formam o ecossistema linguístico, destacando a interdependência entre a comunidade de falantes, o local geográfico e o sistema linguístico compartilhado.

Dessa maneira, é possível estabelecer uma conexão entre a toponímia e a ecolinguística, considerando as interações verbais que acontecem no ecossistema linguístico. Ao atribuir nomes aos lugares, os membros da comunidade expressam elementos do(s) ambiente(s) que fazem parte do ecossistema linguístico, desse modo, a toponímia é vista como uma parte integral desse ecossistema, evidenciando a interação entre as pessoas e o ambiente através da língua, uma vez que os nomes de lugares representam registros linguísticos das relações entre os indivíduos e o ambiente (Siqueira; Neto; Araújo, p. 57-58).

No contexto específico da toponímia tupi em Sergipe, fica evidente que as descrições físicas do ambiente – suas características geográficas e elementos naturais – tiveram influência na determinação dos nomes dos lugares. Ainda que a predominância da taxonomia de natureza física seja notável na toponímia tupi em Sergipe, é preciso reconhecer que os fatores sociais também exerceram um papel de extrema relevância. A cultura, a sociedade e os valores do povo tupi que habitava aquela região mostram a forma como eles percebiam e nomeavam o ambiente que os cercava. Cada nome é um fragmento da memória coletiva das comunidades locais, um testemunho da relação profunda entre o ser humano e o meio ambiente que o cerca. A ecolinguística traz uma lente complementar para compreender a interseção entre linguagem, cultura e ambiente, considerando não apenas os elementos físicos descritos nos topônimos, mas também como as palavras refletem a relação entre a comunidade e seu ambiente. Assim, a toponímia, junto com a ecolinguística, se torna

uma valiosa fonte de conhecimento e respeito à natureza e às culturas que moldam o nosso país.

Outro ponto encontrado no *Glossário*, são os elementos geográficos nomeados, como pode ser visto no Quadro 8.

Quadro 8: Elementos geográficos presentes no *Glossário*

ELEMENTO GEOGRÁFICO	QUANTIDADE	DEFINIÇÃO GUERRA (1993); IBGE (2015); MICHAELIS (on-line)
Afluente de rio	9	Curso d'água, cujo volume ou descarga contribui para aumentar outro no qual desemboca (GUERRA, 1993, p. 05)
Aldeia	2	No Brasil, equivale a aldeia indígena (IBGE, 2015, p. 13)
Arrabalde	2	Região localizada nas cercanias de uma cidade ou de outra povoação qualquer; arredor(es), rebalde, subúrbio (MICHAELIS)
Arraial	16	Pequena povoação; aldeola, lugarejo, real (MICHAELIS)
Braço de rio	11	Trecho de rio ou de mar que adentra na terra (IBGE, 2015, p. 14)
Canal entre rio	2	Local por onde escoam as águas fluviais. Os canais apresentam-se em diferentes formas na superfície terrestre não havendo, entretanto, uma classificação detalhada dos tipos de canais, tendo George H. Divy apresentado a seguinte classificação: meandrante, anastomosado, reta, deltaico, ramificado, reticulado e irregular (GUERRA, 1993, p. 70)
Canal obstruído entre rio	1	Canal (significado da palavra precedente) que está obstruído, ou seja, bloqueado.
Capital	1	Localidade onde se situa a sede do governo de Unidade da Federação (IBGE, 2015, p. 36)
Cidade	3	Localidade com o mesmo nome do município a que pertence (sede municipal) e onde está sediada a respectiva prefeitura, excluídos os municípios das capitais (IBGE, 2015, p. 36)
Comarca	4	Região ou território situado junto a fronteiras; ponto confinante de territórios de povos limítrofes, confins (MICHAELIS)
Confluente de rio	7	Diz-se do local onde dois ou mais rios se encontram (GUERRA, 1993, p. 103)
Engenho	80	Propriedade agrícola onde se cultiva e se industrializa a cana-de-açúcar para o fabrico de açúcar, aguardente e rapadura; usina (MICHAELIS)
Estação da Estrada de Ferro	6	Local com edificações, preparado para o estacionamento de trens em plataformas, para embarque e desembarque de passageiros, e, ainda, com guarita para comercialização de ingressos para transporte ferroviário (IBGE, 2015, p. 19)
Estado	1	Cada um dos territórios de certos países (MICHAELIS)
Fazenda	24	Propriedade rural de dimensões consideráveis, de lavoura ou de criação de gado (IBGE, 2015, p. 20)
Ilha	10	porções relativamente pequenas de terras emersas circundadas de água doce ou salgada (GUERRA, 1993, p. 234)
Ilhota	1	ilha pequena constituída de rochedos, o mesmo que ilhota (GUERRA, 1993, p. 235)
Lagoa	32	Depressão de formas variadas - principalmente tendendo a circulares - de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada (GUERRA, 1993, p. 253)
Lugarejo	62	Localidade sem caráter privado ou empresarial, que possui característica definidora de aglomerado rural isolado e não dispõe, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos enunciados para o povoado (IBGE, 2015, p. 36)
Manacial	1	O mesmo que nascente (vide) (GUERRA, 1993, p. 272); Nascente: o mesmo que cabeceira (vide) de um rio. Geralmente não é um ponto e sim uma zona considerável da superfície da terra (GUERRA, 1993, p. 301); Cabeceira: área onde os olhos d'água que dão origem a um curso fluvial, é o oposto de foz (GUERRA, 1993, p. 64)
Monte	1	Grande elevação do terreno, sem se considerar a sua origem. Apenas se leva em conta o aspecto topográfico, ao descrever-se a região onde aparecem estes tipos de acidentes de relevo (GUERRA, 1993, p. 298)

Morro	5	Monte pouco elevado, cuja altitude é aproximadamente de 100 a 200 metro (GUERRA, 1993, p. 299)
Município	3	Circunscrição territorial administrada nos seus próprios interesses por um prefeito, à frente da Prefeitura, que executa as leis emanadas do corpo de vereadores eleitos pelo povo, que compõem a Câmara Municipal (MICHAELIS)
Oiteiro	3	Monte pouco elevado; colina (MICHAELIS)
Passagem em rio	1	Trecho de rio (MICHAELIS)
Ponta de braço de rio	1	Extremidade do braço de rio.
Ponto de junção de rios	1	Onde dois rios se juntam.
Porto	13	Lugar de abrigo e ancoradouro de navios, na costa ou junto à foz de um rio, provido de infraestrutura própria (cais, píer, armazéns, docas etc.), destinada à atracação de navios e embarcações, movimentação de passageiros e/ou cargas, e que provê proteção para navegação e atracação de navios e embarcações (IBGE, 2015, p. 25)
Povoado	37	Localidade que tem a característica definidora de aglomerado rural isolado e possui pelo menos um estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e dois dos seguintes serviços ou equipamento: um estabelecimento de ensino fundamental do 1o ao 9o ano em funcionamento regular; um posto de saúde, com atendimento regular; e um templo religioso de qualquer credo para atender aos moradores de aglomerados e/ou áreas rurais próximas (IBGE, 2015, p. 37)
Praia	1	Depósito de areias acumuladas pelos agentes de transportes fluviais ou marinhos (GUERRA, 1993, p. 344)
Riacho	127	Termo regional de ocorrência na Região Nordeste e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutro curso de água (IBGE, 2015, p. 28)
Ribeiro	9	Pequeno rio; riacho, ribeira, regato (MICHAELIS)
Rio	54	Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale (GUERRA, 1993, p. 372)
Serra	37	Termo usado na descrição da paisagem física de terrenos acidentados com fortes desníveis (GUERRA, 1993, p. 391)
Sítio	17	Propriedade rural equivalente a fazenda, com dimensões de valor de área menor, quando comparado ao valor de área da fazenda (IBGE, 2015, p. 30)
Subúrbio	1	Cercania de cidade ou de outra povoação qualquer; arrabalde, arredor (MICHAELIS)
Usina	1	Estabelecimento industrial equipado com máquinas, onde se processa a transformação de matéria-prima em produtos finais ou semiacabados; fábrica; estabelecimento industrial em zona canavieira (IBGE, 2015, 30)
Vila	7	Localidade com o mesmo nome do distrito a que pertence (sede distrital) e onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais (IBGE, 2015, p. 37)

Elaboração própria.
Fonte: Guaraná (1916)

Foram encontrados 38 elementos geográficos diferentes, é válido destacar que muitos topônimos nomeiam mais de um elemento. O quadro apresenta a diversidade de elementos geográficos, abrangendo desde formações naturais, como rios, lagoas e montanhas, até áreas habitadas, como cidades, aldeias e usinas. Essa variedade reflete a heterogeneidade do ambiente geográfico, destacando os diferentes aspectos da região. Há uma predominância de termos relacionados a recursos hídricos, como

rios, afluentes e lagoas, além da presença marcante de termos relacionados a estabelecimentos humanos, como cidade, vila, povoado, lugarejo e arraial.

Também há muitos termos relacionados há comunidades rurais, evidenciadas por palavras como fazenda, sítio e engenho, sugerindo uma considerável presença de áreas rurais na região. Observa-se o elemento: estação de estrada de ferro, apontando a presença do transporte ferroviário. A inclusão de termos topográficos, como monte, morro e serra, destaca características significativas da paisagem, sugerindo uma topografia acidentada na região.

Nas próximas subseções, serão analisadas as taxonomias mais encontradas no *Glossário*: fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos e litotopônimos.

5.1.1 Fitotopônimos

Conforme mencionado por Dick (1987, p. 38), os fitotopônimos dizem respeito aos topônimos relacionados à vegetação. Como mencionado anteriormente, a taxa de ocorrência de fitotopônimos foi a mais predominante no corpus, representando aproximadamente 39% do total, isso pode refletir a conexão do povo tupi com a natureza. A escolha de nomes baseados em plantas sugere não apenas uma identificação prática de recursos locais, mas também uma expressão cultural significativa.

Os fitotopônimos podem ter sido selecionados para transmitir não apenas características geográficas, mas também o valor cultural atribuído a certas plantas. Essa prática não apenas facilitava a comunicação e a orientação dentro do território, mas também preservava tradições e conhecimentos locais. Assim, a predominância de fitotopônimos no *Glossário* revela como a vegetação desempenhava um papel central na nomeação e identificação dos lugares, destacando a íntima relação entre o povo tupi e o ambiente natural no estado de Sergipe.

O estudo da vegetação é complexo e desafiador, especialmente para pessoas não especializadas no assunto. “O estudo da vegetação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em proporções delimitadas do espaço geográfico analisado” (Dick, 1990, p. 145). Essa dificuldade é atribuída à grande variedade de espécies vegetais que coexistem em proporções específicas em determinadas áreas

geográficas, por exemplo, Sergipe. De acordo com Santos (2019, p. 114-115), um exame da flora em Sergipe, que leve em conta seus elementos e siga classificações fitogeográficas específicas, ultrapassa significativamente os limites e as capacidades de uma pesquisa de natureza linguística.

A partir dos topônimos presentes no corpus, é possível observar a variedade da vegetação sergipana, como pode ser visto no Quadro 9, em que foram listados os 133 fitotopônimos dispostos (39% do total do corpus).

Quadro 9: Fitotopônimos listados no *Glossário*

TOPÔNIMOS	Elementos morfossemânticos	
	Guaraná (1916)	Outros dicionários
Aguapetipa	Aguapé- nome dado às plantas que vegetam na superfície das lagoas; aguá-redondo; pé contração de péba- chato; tyba- sufixo exprimindo abundância (lugar de aguapés, aguapezal)	Aguape- planta aquática/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Aguapy	Contração de Aguapehy - Aguapé-y: rio de aguapés	Aguape- planta aquática/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Aningas	Nome de uma espécie de aroideae que nasce nas margens dos lagos e rios	Planta da família das aráceas (CUNHA, 1998)
Aparahyú	A- fruta; apara- encurvada; yú- amarela (nome de uma fruta silvestre semelhante à massaranduba)	Apara- torto, curvo/ Yu- amarelo (BUENO, 1984)
Aracajú	Ará- papagaio; acayú- caju ou cajueiro (os cajus ou cajueiros dos papagaios)	Ara- tempo, estação/ Caju- fruta amarela (BUENO, 1984)
Araçá	Fruta do araçareiro	Fruto do araçareiro (CUNHA, 1998)
Arapiraca	árvore; pi- casca; aca- desligado, solto (árvore de casca que se solta)	O pau de casca solta (BUENO, 1984)
Araticum ou Araticú	a- fruta; r- letra eufônica; aticú- mole, rala	Fruta conhecida também por cabeça de negro, de consistência mole, grumosa e de sabor adocicado (BUENO, 1984)
Arauary	Arauari- sardinha; y- rio (rio das sardinhas)	Peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1998)
Aricuriroba	Iricuri-roba (aricuri amargoso)	Não encontrado
Ariticuiba	araticu-yba/ árvore: pé de araticum	Araticu- Fruta conhecida também por cabeça de negro, de consistência mole, grumosa e de sabor adocicado/ Yba- árvore (BUENO, 1984)
Babú	Se não for onomatopeia, parece ser a contração de ybá ou ubá- o que se colhe da árvore, fruta; bú- sufixo, significando sair, brotar (fruta que nasce)	Ybá- fruta, pé de fruta (BUENO, 1984)
Baburubú	ybá ou ubá-árvore, fruta; urubu (árvore ou fruta de urubu)	Ybá- fruta, pé de fruta/ Urubu- o corvo (BUENO, 1984)
Bacupari	ibá-curú-pari (fruta cheia de pontas)	Determinada árvore da Amazônia (BUENO, 1984)
Batinga	ybá-fruto; tinga- branco	O pau, a madeira branca (BUENO, 1984)
Biriba	Mbir- casca; yba- árvore (árvore de casca)	Árvore da família das anonáceas que produz frutas amarelas saborosas (BUENO, 1984)
Bury	Buri- palmeira do gênero <i>Diplothemium</i> ; y- rio (rio dos buris)	Espécie de palmeira (BUENO, 1984)
Cabuta	Cama—peito; buta—que sai, saliente. Em sesmaria de 1603 lê-se— Cajabuta e cajaibuta. Neste caso a etimologia será : acayá-buta: o cajá nascendo.	Cajá- fruta da cajazeira (BUENO, 1984)
Caçurú	Cacá- folha, planta; çuru- escorregadia	Não encontrado
Cahype	Caá-mata; y-rio; pe-no (no rio da mata)	O caminho do rio da mata (BUENO, 1984)
Caiçá	Contração de Caiçara. Cai- queimada; ara- tempo; ou caá-mata; jussara- palmeira deste nome (Enterpes): mata de jussaras. Theodoro Sampaio dá a seguinte interpretação: caá-içá, galhos de mato.	O cercado de paus a pique (BUENO, 1984)
Caiçara ou Caissara*	A mesma significação da palavra precedente	A mesma significação da palavra precedente
Cajá	Acã-yá- fruto cheio de caroço: o cajá	Cajá- fruta da cajazeira (BUENO, 1984)
Cajahiba	Acayá-yba- árvore (árvore do cajá, cajazeiro)	A árvore que dá cajá (BUENO, 1984)
Cajarana	Acayá-rana- falso cajá, fruto parecido com o cajá	O falso cajá, fruta semelhante ao cajá (BUENO, 1984)
Cajú	Acã- pomo, fruto; yú- amarelo	A fruta amarela (BUENO, 1984)

Cajuipe	Acayú-y- rio; pe- preposição no (no rio dos cajús)	Caju+ y- rio + pe- preposição em (BUENO, 1984)
Calumby	Caá- mato, folha; ombi- azul (planta classificada entre as Mimosaceas)	Não encontrado
Camaçari	Cama- peito; eçari- lágrima, para significar gota de leite (árvore de construção cujos cortes na casca verte leite)	Leite que escorre em fio (BUENO, 1984)
Camadanta	Com-mandá- feijão; antã- duro	Não encontrado
Camará	Árvore do gênero Lantana	Designação comum a diversas plantas das famílias da verbenáceas e das solanáceas (CUNHA, 1998)
Camaratuba	Camará-tuba ou tyba- abundância (muito camará ou camarás em quantidade)	Lugar onde há cambará (BUENO, 1984)
Cambanda	Etimologia duvidosa	Não encontrado
Cambuatá	tambú- barulho, rumor; atá- andar: nome de um peixe d'água doce, que tem a propriedade de andar em terra, fazendo ruído. É também uma árvore da família das Sapindaceas, segundo o Doutor Rebouças	Peixe que se transporta, através do mato, de uma lagoa a outra, na época da seca (BUENO, 1984)
Cambuhy	Cambú-y: água que se suga (nome da fruta de uma planta da família das myrtaceas)	Arbusto que produz fruta deliciosa, pequenina e redonda (BUENO, 1984)
Cananga	Caá- mata; nhanga- cheiroso (planta cheirosa)	Árvore odorífera da Amazônia (BUENO, 1984)
Canapum	Canã- chocalho; u- contração de puba, mole; nome de uma fruta silvestre	Árvore cujo fruto é comestível (BUENO, 1984)
Canguandá	Acã- caroço; quã- mole; andá- amêndoa (fruto do caroço mole)	Não encontrado
Canhoba	Canhî- esconder, murchar; oba- folha (folha que se fecha)	Não encontrado
Capaum	Caá- mato; paú- ilha (ilha de mato)	A ilha do mato (BUENO, 1984)
Capim-assú	Caá- mato; pyi- fino; assú- grande (grama alta)	Capim-gramínea, erva/ Assú- grande (BUENO, 1984)
Capunga	Caá-pun-ga- cortando (mato que rasga, fere)	Pau, madeira que, percutida, ressoa (BUENO, 1984)
Caramindó	Cará- inhame; mindó- tirado, colhido	Cará- raiz, tubérculo comestível (BUENO, 1984)
Caripáo	Caá- mata; r- letra euphonica; y- rio; paû- no meio, entre (o rio no meio da mata)	Caá- mato, erva e planta em geral (BUENO, 1984)
Carira	Caá- ira (mel de páo)	Caá- mato, erva e planta em geral/ Ira- mel (BUENO, 1984)
Carnahyba	Caraná- nome dado a diversas espécies de palmeiras do gênero Mauritia; yba- planta, árvore	Nome de uma palmeira mais conhecida por carnaúba (BUENO, 1984)
Carnaúba	Caraná-uba- palmeira que se extrai a cera com que se fazem velas para dar luz	A mesma significação da palavra precedente
Caróba	Caá-roba- folha que trava, amargosa	Planta medicinal de propriedades purificativas do organismo (1984)
Catolé	Nome comum a diversos gêneros de palmeiras (há dúvida sobre ser de origem tupi)	Nome de uma das muitas variedades de palmeiras do norte do Brasil (BUENO, 1984)
Caúnga	Caa- mata; u- preto, escuro; anga- alma, vulto (o duende preto da mata)	Caá- mato, erva e planto no geral/ U- preto, negro/ Anga- alma, visão, sombra, assombração (BUENO, 1984)
Cipó	Yci-pó- galho que se agarra	A mão do galho, liana, sarmento de plantas que faz as vezes de corda para amarrar (BUENO, 1984)
Coité	Corruptela de cui-êê- vaso real, cuja boa (fruta da cuitezeira)	Cuia excelente, vasilha boa (BUENO, 1984)
Comendaroba	Comandá- feijão; róba- amargoso	Comandá- toda e qualquer fava, feijão/ Roba- amargo (BUENO, 1984)
Coroatá	Coroá por carauá; tâ- duro, forte (o crauá rijo, forte)	Carauá- bromélia, cujas fibras são aproveitadas no fabrico de cordas, barbantes etc (BUENO, 1984)
Curituba	Curi por licury ou nicury, corruptela de iricury; tyba ou tuba- frequência, abundância (lugar de aricurizeiros)	Curi- pinhão, pinheiro que dá o pinhão/ tyba- lugar onde há muitos pinheiros (BUENO, 1984)
Embira	Corruptela de mbir- casca de árvore. Ybirá- árvore	Designação comum a várias plantas, particularmente as da família das anonáceas, que fornecem material para cordas e estopa; fibra vegetal usada como corda (CUNHA, 1998)

Ganhamoroba	Guaiaimû- crustáceo conhecido; óba- folha (folha com que os guaiamuns se alimentam)	Guaiaimû- caranguejo da família dos gecarcinídeos (CUNHA, 1998)/ Oba- folha (BUENO, 1984)
Garangáu	A não ser corr. De carandá- palmeira deste nome; u- rio, não há como interpretar	Não encontrado
Genipapo	Corr. De yá-ndi-paba (frutos muitos estância - referência à grande quantidade de frutas que o genipapeiro carrega)	Fruto das extremidades que dá suco (BUENO, 1984)
Genipatuba	Genipatyba- onde abundam genipapos	Genipapo- fruto das extremidades que dá suco/ Tyba- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984) (BUENO, 1984)
Gitimana	Giti por yety- batata; mana- feixe, porção (braçado de batatas)	De jetic- batata (BUENO, 1984)
Gitirana	Yety- batata; rana- semelhante, igual (parecido com batatas) Significação alusiva às folhas dessas duas plantas que muito se assemelham	De jetic- batata; rana- semelhante, semelhante à batata (BUENO, 1984)
Goiaba	Acoyá- muito caroço, grande quantidade de grãos	O agregado de caroços (BUENO, 1984)
Gravatá	Contração de Carauá- espécie de bromelia; atá- forte, rijo	Forma vulgar de caraguatá/ Caraguatá- planta espinhosa que produz frutas amarelas em cachos fortemente ácidos.
Guajerú	Corr. De guá- o que, o indivíduo; yarú- cacho, penca (a árvore de cachos)	Nome de uma palmeira muito rica em cachos do seu fruto (BUENO, 1984)
Guararema	Guára- o que, certa coisa; rema- que exala mau cheiro (indivíduo fétido, alusivo à planta comumente conhecida por pau d'alho)	A madeira fétida, o pau d'álho (BUENO, 1984)
Guaxuma	Corr. De guácyma, o que é liso, sedoso. Nome de diversas espécies de plantas da família das malvaceas	Guaxima- nome comum a numerosas espécies de plantas de diversas famílias afins, que fornecem fibras têxteis utilizadas para cabos, cordas, vassouras etc (CUNHA, 1998)
Ibararema	Mesmo que Guararema, segundo o autor da "História de Sergipe". Ybyrá- pau, madeira; rêma- fétida	A mesma significação da palavra Guararema
Imbaúba	Mbá-ubá- árvore do tronco furado, oco	Não encontrado
Imbirussú	Mbir- casca; uçú- grossa	Imbira grossa, grande (BUENO, 1984)
Inajaroba	Inajá-roba- inajá amargoso	Inajá- uma das muitas espécies de palmeiras/ Roba- amargo (BUENO, 1984)
Indaiatuba	Indaiá-tuba- abundância de palmeiras indaiás	Indayá- uma das muitas espécies de palmeiras (BUENO, 1984)
Indiaroba	Corruptela de indayá-roba- indayá armagose, espécie de palmeira indyá	Indayá- uma das muitas espécies de palmeiras/ Roba- amargo (BUENO, 1984)
Ingá	Y-igá- o que é úmido, ensopado, espécie de palmeira indayá	Árvore que produz fruto dentro de uma bainha, brancos e adocicados (BUENO, 1984)
Iriquitiba	Mesmo que Ariticuiba	Mesmo significado de Ariticuiba
Itaquahy	Y- água; taquar- taquara i- sinal de diminutivo (rio das taquaras pequenas, isto é dos taquaris)	Itaquá- a ponta da pedra, o pico/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Jaboatão	Ya-poatã- tronco linheiro (nome de uma árvore que dá mastro para embarcação)	Árvore de tronco reto de que faziam mastros para a canoa (BUENO, 1984)
Jaboticaba	Yauti-guaba- comida de cágado; iapoticaba- frutas em botão, aludindo à aderência dessa fruta no tronco, em forma de botão)	O fruto em forma de botão (BUENO, 1984)
Jaciobá	Vide Jassubá	Não encontrado
Jacóca	Yá-cóca- fruta nutriente; ou por outra: yú-á-coca- a roça de frutas de espinhos, isto é, juás	Não encontrado
Jassubá ou Jaciobá	Vide este último nome. Yas-subá: yá-cybá (fruto liso)	Não encontrado
Jatahy	Corr. De yá- fruto; atã- rijo; yb- árvore (árvore de fruto duro)	A árvore de fruto duro (BUENO, 1984)
Jatobá	Iatay-yba- á- sufixo, o que procede da árvore do jatahi, isto é, o fruto do jatahi	O mesmo que jatay (BUENO, 1984)

Jiquiry	Yiki-(r)-y: rio de jiquis. Sendo corr. De Juqueri significa- espinheiro deitado, esgalhado, como expressão dos termos- yu-ker-i	Não encontrado
Jiquitibá	Yiki-jique; -(t)-ybá- fruto.	Árvore de grande porte (BUENO, 1984)
Jurema	Yu- espinho; rema-fedorento; ou de outro modo; yu- espinheiro; -(r)-ema- que dá suco. Leguminosa do gênero Acacia	Árvore espinhosa muito comum na Bahia (BUENO, 1984)
Lucú	Corr. De Urucú, nome dado à polpa avermelhada da semente do urucuzeiro, arbusto da família Bixa.	Urucu- planta de que fazem um pó vermelho usado como corante (BUENO, 1984)
Macambira	Mã-cambira, molho áspero, que espinha; Elementos de botânica geral e médica	Nome de uma planta espinhosa (BUENO, 1984)
Mandacarú	Manda-molho; curú-espinho (o molho, o feixe de espinhos)	Fruto espinhoso a que muitos dão o nome de figo-da-Índia (BUENO, 1984)
Mangaba	Corr. de mongaba-coisa pegajosa (propriedade que tem a mangabeira de destilar um suco leitoso)	Fruto da mangabeira (BUENO, 1984)
Mangabeira	Mesmo significado da palavra precedente com a posposição do sufixo português - eira- para designar a árvore da mangaba, a mangabeira	Mesmo significado da palavra precedente com a posposição do sufixo português - eira- para designar a árvore da mangaba, a mangabeira
Maniçoba	Many-(ç)óba- folha (a folha da maniva)	Arbusto de euforbiáceo de cujo látex se fazia a borracha (BUENO, 1984)
Maracujá	Corr. De Ma-raú-ya; Ma-rã-ú- o que se toma aos sorvos; yá-fructo (fruta que se ingere chupando)	Fruto do maracujazeiro, planta trepadeira que produz primeiramente uma flor cujas tintas lembram a cara de um gato; depois um fruto arredondado, ora verde, ora roxo escuro cujo conteúdo, de um leve sabor agridoce é muito apreciado (BUENO, 1984)
Marahú	Etimologia da palavra precedente na primeira parte da decomposição; Maraú (planta que produz o maracujá, maracujazeiro)	Não encontrado
Maratahy	Ymirá-árvore; itá-rocha, o que é duro; hy-rio (rio do pau-ferro)	Não encontrado
Mari	Corr. De ymari- árvore que dá água (planta da família das leguminosas)	Árvore espinhosa (BUENO, 1984)
Marianga	Mari-anga (a sombra do Mari)	Mari- árvore espinhosa/ Anga- alma, visão, sombra, assombração (BUENO, 1984)
Massaranduba	Corr. De mo-çarandy-yba (pau que faz escorregar - refere-se ao uso que os índios faziam do tronco desta árvore, por cima do qual rolavam a madeira que tinham de transportar)	Não encontrado
Mucunanduba	Mucunã-planta brasileira; diba-abundância (mucunãs em quantidade)	Mucunã- planta trepadeira, parasita de árvores e cujas favas embora venenosas, são comidas pelos indígenas/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Murici	Mô-rici- o que dá resina; Família de plantas de diversas espécies	Árvore ou arbusto da família das malpighiáceas que produzem frutos de sabor agradável (BUENO, 1984)
Oiti	Ui- massa; ti- dura, comprimida (fruta cuja polpa é compacta e úmida)	Árvore rosácea (BUENO, 1984)
Ouricury	Corr. De aricuri; Ari por iri- cacho; curii- amudado (o que dá cacho contínuo, cacho de frutos muito juntos apinhados)	Nome de uma palmeira que dá sempre cachos de coquinhos (BUENO, 1984)
Paty	Palmeira do gênero Syagrus	Nome de uma palmeira de cujas fibras faziam as cordas das redes de dormir (BUENO, 1984)
Patióba	Pati-oba - a folha do pati	Pati- nome de uma palmeira de cujas fibras faziam as cordas das redes de dormir/ Oba- folha, coberta, roupa (BUENO, 1984)
Periperi	Piri-piri- aumentativo de piri- junco (junco alto, comprido)	Pírf- junco aquático de que se faziam esteiras (BUENO, 1984)
Payé- pagé; yá- contração de yara- hábil, esperto	Nome dado à fibra da palmeira do gênero Attalea. Corr. Deapé-açaba que, em tupi, significa saída do caminho	Planta fibrosa de que se fazem vários utensílios caseiros como vassoura, "pincel" para asseio dos vasos sanitários etc (BUENO, 1984)
Pindoba	Pind- contração de pindá- anzol; oba- folha	A folha da palmeira da qual faziam as físgas, os anzóis (BUENO, 1984)

Pitanga	Pi-tanga o mesmo que piranga- vermelho, contração de ybá-pitanga, fruta vermelha; hy-pitanga- água vermelha	Fruto da pitangueira que se qualifica pela sua cor vermelha; que tem a pele, a cutis vermelha, corada (BUENO, 1984)
Quiribas	Quiri-yba- a árvore do quiri	Quiri - planta da família das borragináceas, que fornece madeira de boa qualidade para construção naval (CUNHA, 1998)
Quiribeira	Termo híbrido formado de quiri, nome de uma árvore e madeira de construção, e do sufixo português -beira	Mesma significação da palavra precedente mais sufixo português beira
Quixada	Dr. Th. Sampaio julga possível proceder de quiçaba, dormida, ninho, visto ser bastante frondosa a quixabeira, onde as aves preferem aninhar-se	Planta da família das sapotáceas, quixabeira (CUNHA, 1998)
Sambaiba	Çaimbé- áspero; yba- árvore (a árvore de folhas ásperas, o pau de lixa)	Planta da família das dileniáceas (CUNHA, 1998)
Sambambaia	O mesmo que Samambaia	Nome de uma planta ornamental cujos ramos muito delgados se projetam em grande extensão (BUENO, 1984)
Sapé	Eçá-pé- o que alumia (gramínea que serve para cobrir casas e fazer fachos)	Gramínea de folhas compridas e resistentes com as quais se fazem cobertas de casas pobres (BUENO, 1984)
Sapucaia	Corr. De çapucaia- o grito, o clamor; sendo verbo significa gritar, clamar; como substantivo quer dizer o galo, a galinha; corr. De yaçapucaí- o grito conhecido por sapucaia	Árvore frutífera da família das Lecitidáceas/Gritar, clamar. Figur. Galo, galinha que vivem gritando (BUENO, 1984)
Sucupira	Çapó- rais; pyra-profunda (árvore da família das leguminosas)	Nome comum a várias árvores da família das leguminosas, que fornece madeira de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (BUENO, 1984)
Taioba	Taiá-oba - a folha do taiá	A folha do tajá. Erva comestível da família das aráceas (BUENO, 1984)
Tamburil	Corruptela de Tambury	Mesmo que Tambury
Tambury	Ta-tronco; amby- goma, resina; -(r)-y- escorre, destila (tronco que dá goma)	Planta leguminosa, cujo caule, se cortado, verte líquido (BUENO, 1984)
Taquara	Tã-coara - haste furada	Bambu. A haste furada, oca (BUENO, 1984)
Taquary	Taquer-y - rio das taquaras	O rio das taquaras (BUENO, 1984)
Tatú	Ta-tú- casco grosso	O casco encorpado, encouraçado (BUENO, 1984)
Tayaoba	A mesma significação de Taioba	Mesmo que Taioba
Timbaúba	Timbó-yba- árvore de espuma	Planta da família das leguminosas (CUNHA, 1998)
Timbó	Planta cuja propriedade tóxica se servem os pescadores para matar o peixe	Planta de cujo suco venenoso se valiam os indígenas para matar os peixes (BUENO, 1984)
Timbózinho	A mesma significação anterior com desinência portuguesa	Mesma significação da palavra precedente mais diminutivo português
Tingui	Ty- água, líquido; gui- que sai, que escorre; o sumo, a espuma. Outro vegetal com a mesma propriedade do tombó e que depositado no rio mata o peixe	Espuma (BUENO, 1984)
Tiririca	Planta cyperacea, deriva-se do verbo tiriri, que quer dizer cortar, ferir	Não encontrado
Tramandahy	Tara- espiga; manda- feixe; y- rio (rio do feixe de espiga)	Rio sinuoso, cheio de curvas e meandros (BUENO, 1984)
Umbaúba	Mbá-yba - árvore do tronco oco	Não encontrado
Urucú	Vide o vocábulo Lucú	Mesmo que Lucú
Xinduba	Corruptela provável de Guaxinduba. Guaci-yba, árvore de guaximas	Guaxenduba- o sítio das vassouras, o vassoural/ Guaxima- planta malvácea de fibras têxteis (BUENO, 1984)
Yrapiranga	Yrá por ybirá- madeira, pau; piranga- vermelho (o pau-brasil)	Ybyrapytanga- o pau vermelho, o pau-brasil (BUENO, 1984)

Elaboração própria.

Fonte: GUARANÁ (1916); Bueno (1984); Cunha (1998)

Nota-se elementos morfológicos comuns em muitas palavras, como *yba* (árvore), *roba* (amargoso), *tyba* (abundância), *y* (rio). Esses elementos são exemplos da morfologia Tupi, que utiliza raízes e sufixos para formar palavras com significados diversos, uma vez que é uma língua aglutinante, isto é, língua em que os morfemas, as unidades mínimas de significado, são geralmente adicionados uns aos outros para formar palavras. “A palavra se compõe de morfes, sendo que cada um representa um morfema, havendo conservação da identidade fonológica dos morfe” (Pria, 2006, p. 115). Em línguas aglutinantes, cada morfema geralmente representa uma unidade gramatical ou de significado específico e esses morfemas são adicionados de maneira sequencial para criar palavras. Isso ficou evidente ao decorrer do corpus, como em *Camaratuba*: *Camará-tuba* ou *tyba*- *abundância* (*muito camará* ou *camarás em quantidade*).

Os fitotopônimos mostram a diversidade botânica existente na região Sergipe, abrangendo desde árvores até arbustos, frutas, palmeiras e plantas adaptadas a ambientes aquáticos, como lagoas e rios. A presença de termos como *Aguapetipa* e *Aningas* sugere uma adaptação significativa das plantas aos ambientes aquáticos locais, apontando para uma diversidade de flora que prospera nas margens de corpos d'água. A vegetação parece estar intrinsecamente ligada à hidrologia da região.

Também foram encontrados muitos nomes relacionados a frutas, como *Aparahyú*, *Araçá*, *Bacupari*, *Cajá*, *Genipapo*, *Jaboticaba* e *Maracujá*, isso denota uma grande quantidade de árvores frutíferas, o que não apenas contribui para a biodiversidade local, mas também apresentam a relevância da flora na subsistência e na cultura da comunidade. Alguns termos, como *Capunga* (mato que rasga, fere) e *Sucupira* (árvore de raízes profundas), indicam características físicas específicas das plantas ou do ambiente em que crescem.

Além disso, há uma presença recorrente de palavras associadas a palmeiras, como *Carnaúba*, *Ouricury*, *Paty*, *Buri* e *Indaiatuba*, sugerindo a sua forte presença na paisagem local. Ademais, termos como *Carnaúba*, que é utilizada para fazer velas, indicam uma relação prática e utilitária com a vegetação. Outros termos, como *Caiçá* (queimada de mata), *Quiribas* (árvore do quiri) e *Timbó* (planta usada por pescadores para matar peixe), sugerem uma conexão entre a comunidade local e a flora circundante, refletindo uma interação entre cultura e natureza.

Dick (1990, p. 195-196) destaca a importância da vegetação na toponímia,

evidenciando que os nomes geográficos refletem não apenas a diversidade de fatores determinantes, mas também a distribuição em áreas específicas com base no elemento predominante e que o estudo científico dos topônimos é mais relevante quando a espécie vegetal mencionada está em sintonia com a área geográfica, pois isso fornece informações sobre a história e ecologia da região. Isso se evidencia no presente estudo, uma vez que, através dos nomes registrados no *Glossário*, é possível ter uma percepção sobre a paisagem antiga de Sergipe. Esse enfoque ressalta a relevância da vegetação na toponímia, conforme destacado por Dick (1990, p. 195-196).

5.1.2 Zootopônimos

Zootopônimos são designações geográficas relacionadas a animais, englobando tanto seres domesticados quanto selvagens Dick (1987, p. 39). Os zootopônimos, assim como os fitotopônimos, compreendem uma parcela significativa do *Glossário*, representando aproximadamente 31% dos topônimos identificados. Essa nomenclatura destaca a influência direta dos animais na cultura e na identidade geográfica da região. Enquanto os fitotopônimos refletem a influência das plantas na geografia toponímica, os zootopônimos ampliam essa perspectiva ao incorporar os animais, evidenciando a relação entre o indígena e a fauna que o cerca.

Segundo Dick (1990, p. 256), é notável que um nome dessa categoria dificilmente estaria dissociado da existência real da espécie na localidade. No entanto, vale destacar que a presença de um animal em uma determinada área não implica automaticamente que essa área seja seu habitat natural. O encontro do denominador com o animal pode ocorrer meramente de forma ocasional, e a designação do local no momento da nomeação não necessariamente indica que ele faça parte do habitat característico do animal em questão. O termo apropriado para descrever o resultado desse encontro seria "incidente nome" (Dick, 1990, p. 256).

No quadro 10, é possível observar os zootopônimos encontrados no corpus.

Quadro 10: Zootopônimos listados no Glossário

TOPÔNIMOS	Elementos morfossemânticos	
	Guaraná (1916)	Outros dicionários
Anhumas*	A-nhã-un, a ave preta (nome comum a duas espécies de aves ribeirinhas do gênero Palamede)	O mesmo que anhyma- ave (BUENO, 1984)
Aracaré	Ará- papagaio; caré- torto	Não encontrado
Arambi	sernambi- molusco do gênero Lucina; çuru-namby- orelha muito aberta; pé-chata; ou arambi-pé: no topete, na ponta	Não encontrado
Araquan	ave pertencente à ordem das galináceas	Não encontrado
Arara	ará- papagaio (papagaio grande)	Ave psitacídea, maior que o papagaio, de plumagem multicolorida (BUENO, 1984)
Aratú	Espécie de caranguejo	Variedade de caranguejo (BUENO, 1984)
Arauá	ará-guá- baixada dos papagaios	Não encontrado
Baiacú	Mbãe-cu- coisa quente (nome de um peixe venenoso)	Pequeno peixe venenoso (BUENO, 1984)
Buira	Bu- alteração de yby-terra, chão; ira- mel, abelha (mel de abelha em cortiço feito no chão)	Yby- terra/ ira- mel (BUENO, 1984)
Cabobé	Caba-u- alt. de una bé: vespa negra que mora, isto é, lugar onde se encontram, onde existem vespas negras	Caba- vespa, marimbondo (BUENO, 1984)
Cabussú	Caba-uçu: vespa grande, marimbondo	Caba- vespa, marimbondo/ Assú- grande (BUENO, 1984)
Caetetú ou Caititú	tây- dente; titú- aguçado (mamífero da ordem dos Pachidermes.	Porco do mato (BUENO, 1984)
Cambuata	tambú- barulho, rumor; atá- andar: nome de um peixe d'água doce, que tem a propriedade de andar em terra, fazendo ruído. É também uma árvore da família das Sapindaceas, segundo o Doutor Rebouças	Peixe que se transporta, através do mato, de uma lagoa a outra, na época da seca (BUENO, 1984)
Camoropim	Deriva-se de popopi-poropi: vem de longe (nome de um peixe conhecido)	Não encontrado
Cancamunhé	Cancan- ave aquática, moen- fatigado, cansado (cancão cansado)	Cancã- pássaro cujo nome é tirado do seu canto
Canindé	Can-ndê- retinto, escuro (nome de uma espécie de arara de cor azul)	Arara (BUENO, 1984)
Capivara	Capyi-uara- comedor, o que se sustenta de capim; o maior roedor do Brasil	Animal semelhante ao porco e que se alimenta de capim (BUENO, 1984)
Carapitanga	A-cará- cabeça áspera, peixe escamoso d'água doce; pitanga- vermelho (acarás vermelhos, carapitangas)	Cará- de acará- o cascudo, nome de um peixe revestido de uma espécie de couraça/ Pitanga- fruto da pitangueira, que se qualifica pela sua cor vermelha (BUENO, 1984)
Caruara	Nome de uma moléstia, espécie de paralisia, segundo o General Visconde de Beaurepaire Rohan, ou comichão, sarna, na opinião do Dr. T. Sampaio. É também o nome de uma formiga.	Aguada que provoca comichões, coceiras, sarna, boubá (BUENO, 1984)
Cassunguê	Ca-çun-guê- vespas extintas	Cassununga- vespa, espécie de marimbondo (BUENO, 1984)
Catête	Segundo T. Sampaio, corruptela de tãe-tetu, comumente chamado de caitetú. Vide este nome.	O mesmo que cateto, caitetu, o porco do mato, a queixada (BUENO, 1984)
Cobocó	Corruptela de Capa, ocó- indicativo da existência de alguma coisa (lugar em que há vespas)	Não encontrado
Cotegipe	Acuti- cotia; gy- rio; pe- no (no rio das cotias)	Aguti- pequeno roedor conhecido por cotia/ Pe- preposição em
Curimatá	Corruptela de curumbatá (nome conhecido peixe semelhante ao salmão)	Peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1998)
Cururú	Curú-rú- sapo grande, roncador	Sapo (BUENO, 1984)

Emboaçada	Em-boá- corr. De amboá- centopeia; çabe- áspero, ardente (centopeia que arde, que queima, lagarto de fogo)	A passagem, lugar de atravessar (BUENO, 1984)
Gahú	Guaia-hú- rio dos caranguejos	Guaia- uma das espécies de caranguejo (BUENO, 1984)
Gararú	Gará- corr. De guará; (r) u- água (rio de guarás) / Sendo corr. De guarerú quer dizer: vasilha d'água	Guariru- Tina d'água, balde (BUENO, 1984)
Garatuba	Gara por guará; tuba ou tyba- abundância (lugar frequentado por guarás)	Guará- a garça; Tyba- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984)
Gerú	Corr. De ajudar- pescoço; u- preto, escuro: ájurú ou agerú (nome de uma espécie de papagaios)	Nome de uma variedade de papagaio que aprende a falar, que tem boca que fala (BUENO, 1984)
Giboia	Gyi- rã grande; mboy- cobra (anfíbio que se alimenta de gias e tás)	Cobra de grande volume e força constrictora com a qual quebra os ossos da vítima para depois a engolir (BUENO, 1984)
Gongá	Nome de uma espécie de sabiá (pode ser de origem africana)	Não encontrado
Guandú ou Gandú	Corr. De Coandú ou Quandú (pequeno mamífero da família dos roedores)	Quandú- porco-espinho, ouriço (BUENO, 1984)
Guarujahy	Guarú-yá-hy- rio onde vivem os guarús, peixe pequeno conhecido pelo nome barrigudinho	Guarujá- viveiro de garús/ y- rio (BUENO, 1984)
Inhumas ou Anhumas	A-nhã-un, a ave preta (nome comum a duas espécies de aves ribeirinhas do gênero Palamede)	Mesmo significado de Anhumas
Itaguahy	Taguá-hy- rio do tauá, também denominado Taguahy	O rio de itaguaba (BUENO, 1984)
Itaparaguá	Corr. De Taperoá	Não encontrado
Itaberoá	Vide Taperoá	Não encontrado
Jabibery	Corr. De Ya-pe-bira-y (rio do indivíduos de pele áspera, isto é, rio das arraías)	Jabebyra- o que a pele áspera ou pele de lixo. Nome do peixe arraia (BUENO, 1984)
Jabotiana	Corr. De Yá-ú-ti- animal que não bebe, cágado; ana- semelhante (parecido com cágado)	Não encontrado
Jaburú	Ya-abirú- indivíduo, animal farto, de papo cheio	O que tem o papo cheio e é o mesmo que jabiru (BUENO, 1984)
Jacaré	Y-a-carê- o indivíduo torto, sinuoso. Também pode ser y-echá-caré- o que olha de banda. Nome de diversas espécies de crocodilos	Aquele que olha de lado, aquele que é torto (BUENO, 1984)
Jacarecica	Yacaré-íca (baba do jacaré)	Não encontrado
Jacú	Y-a-cú- o que se alimenta de frutos	Nome de uma ave galinácea de carne apreciada pelos caçadores (BUENO, 1984)
Jacúruna	Yacú-(r)- letra eufônica; uma- preto (o jacú preto)	Jacuruna- o jacu preto (BUENO, 1984)
Jaguaribe ou Jaguaripe	Jaguar ou yaguar; y-rio; bé ou pé (rio das onças)	No rio das onças (BUENO, 1984)
Jaguary-mirim	Yaguar- onça; y- rio; mirim- pequeno	Jaguary- o rio das onças/ Mirim- pequeno (BUENO, 1984)
Jundiá	Yu-ndi-á, o que tem a cabeça cheia de espinhos (peixe de água doce, a que também dão o nome de bagre)	Nome de peixe bagre (BUENO, 1984)
Jundiatá	Jundiá, êta- sinal de pluralidade: os jundiás	Jundiá- nome de peixe bagre/ Etá- sufixo que indica plural (BUENO, 1984)
Macuna	Possível que seja uma alteração de macã-uma - o pato escuro	Não encontrado
Mandaçaia	Manda-ninho; çãia-saliente (referência à entrada saliente do cortiço feito pela abelha deste nome)	Variedade de abelhas que fazem o ninho de barro (BUENO, 1984)
Mandins	Madiy-bagre (espécie de peixe fluvial)	Mandi- bagre (BUENO, 1984)
Maracanahy	Ma-racá-nã- que imita o maracá; hy- água (rio das maracanãs)	Maracanã- nome de uma arara, papagaio/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Maribondo	Corr. De mberú-ybô (mosca que fere como flecha)	Marimbondo- vespa agressiva (BUENO, 1984)

Maroim	Meru-mosca; i-pequena (mosquito)	Maruim- nome do mosquitinho pólvora ou borrachudo que se prolifera nos mangues, águas paradas, beira de rio (BUENO, 1984)
Mocoló	Mocoó- fazer arder, queimar, para designar certos mosquitos dos brejos	Mocoi- mosquitinho (BUENO, 1984)
Mocory	Mocó-(r)-y-rio (rio dos mocós)	Mocó- nome geral dos roedores/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Mucury	Mucur, corr. De mucura-gambá; y-rio (rio dos gambás)	Rio das raposas, dos gambás (BUENO, 1984)
Muribeca	Merú-beca - a mosca importuna	A mosca importuna (BUENO, 1984)
Muriçoca	Merú-çoca- mosca que dá picadas	Variedade de mosquito (CUNHA, 1998)
Mussuipe	Mocym-y-pe- no rio dos moçuns; Moçum quer dizer faz que escorregue, mô-cym. É uma espécie de enguia (peixe) com a mesma propriedade de ter a pele escorregadia	Não encontrado
Niquim	Nhi-qui- ponta que encrespa, o que se arrepia; Nome de um peixe pequeno de cor negra armado de esporões com que fere a quem o pisa produzindo febre e dores de cabeça	Peixe do mar (BUENO, 1984)
Pacatuba	Paca-tyba ou tuba - pacas em abundância, lugar em que há pacas	Paca- mamífero roedor cuja carne tem sabor de carne de porco/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Paratigy	Parati- tainha; gy- rio (rio das tainhas)	O rio das tainhas (BUENO, 1984)
Paruhy	Parú- peixe; hy- rio (rio de parús)	Paru- peixe-enxada/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Piabanha	Piá-bãi- o que é pintado, o que tem mancha	Piaba pintada, salmilhada (BUENO, 1984)
Piabussú	Piaba- peixe d'água doce; assú ou açú- grande (piaba grande)	Piaba- peixe da água doce/ Assú- grande (BUENO, 1984)
Piáu	Py- pele; yáu- manchada (peixe d'água doce)	De pele suja, manchada, falando-se de peixes (BUENO, 1984)
Piauhy	Piau- peixe; hy- água (rio de piáus)	O rios dos pias (BUENO, 1984)]
Piauhytina	Piau-hy; tinga- claro (rio claro de piáus)	Piauhy- rio dos pias/ Tinga- branco, alvo, claro (BUENO, 1984)
Pirá	Pirá- peixe	Peixe, mas o peixe de pele ou de couro, que não tem escamas (BUENO, 1984)
Pirambú	Pirá-mbur, que faz vir peixe, lugar onde se reúne ou se pesca peixe	Peixe sargo (BUENO, 1984)
Piranema	Pirá-nema - peixe fedorento	Pira- Peixe, mas o peixe de pele ou de couro, que não tem escamas/ Nema- fedor, mau cheiro (BUENO, 1984)
Pirangy	Piran-gy- rio das piranhas	Peixe- tesoura, terrível peixe devorador, dos rios/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Piranha	Pirá-tanha, peixe dente ou pir-pele; ãi- que rasga, corta (peixe de rio e lagoa, conhecido pela sua voracidade)	Peixe- tesoura, terrível peixe devorador, dos rios (BUENO, 1984)
Pitú	Py-t-ú- pele escura; camarão	Não encontrado
Pituhy	Pitu-hy- rio de pitús, camarões	Não encontrado
Potihypeba	Poti- camarão; hy- rio; peba- raso (rio raso de camarões)	Potim- camarão/ Y- água, rio/ Peba- chato, de pequena altura (BUENO, 1984)
Potitiba	Poti-tyba (camarão em abundância, lugar de muito camarão)	Potim- camarão/ Tyba- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984)
Preapú	Preá por Apereá- conhecido por roedor; pú- barulho, rumor	Preá- certa espécie de coelho selvagem/ Pú- onomatopeia de estambido, tiro, explosão, forte (BUENO, 1984)
Sabiá	Corr. De çoó- animal; biá- agradável	Mavioso, cantador. É o pássaro de canto admirável (BUENO, 1984)
Sabiázinha	Hibridismo com a significação da palavra precedente no diminutivo português	Mesma significação da palavra precedente mais diminutivo português
Saguim	Ça- olhos; gui- vivos. Também pode ser çoó- animal, bicho; im-pequeno	Bugiu, macaco pequeno e muito vivo (BUENO, 1984)
Sapucaia	Corr. De çapucaia- o grito, o clamor; sendo verbo significa gritar, clamar; como substantivo quer dizer o galo, a galinha; corr. De yaçapucaia- o grito conhecido por sapucaia	Árvore frutífera da família das Lecitidáceas/Gritar, clamar. Figur. Galo, galinha que vivem gritando (BUENO, 1984)

Sapucahy	Sapucaí-y - rio das sapucaias	O rio das sapucaias (BUENO, 1984)
Sapucary	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente
Sergipe	Cyri-gy-pe (no rio dos siris)	No rio dos siris (BUENO, 1984)
Siriry	Ciri-r-y (rio dos siris)	o rio dos siris (BUENO, 1984)
Siriry-morto	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente
Siris	Ciri- o que corre (nome dado a diversas espécies de crustáceos)	Pequeno inseto alado que precede o aparecimento dos iças (BUENO, 1984)
Sucuruiú	Çuucuri- cobre; yu- contração de yuba- amarela	A sucuri amarela (BUENO, 1984)
Taguahy ou Tauáhy	Mesmo que Itaguahy	Mesmo que Itaguahy
Tamandaré	Tamanduá-ré - o que imita, o que se assemelha ao tamanduá	Para T. Sampaio é o mesmo que Noé da lenda do dilúvio entre os gentios. Para B. Caetano, deriva-se de Tamoidaré e significa: aquele que fundou o povo, isto é, o repovoador da terra. Para Thevet, citado por Fred. Edelweiss, procede de Tamanduá-ré, insinuando vestígios de totemismo entre os tupis (BUENO, 1984)
Tamanduá	Tã- alteração de tahy- formiga; mondoá- contração de mondoara- caçador. Mamífero de ordem dos desdentados, que se alimenta de formigas	O caçador de formigas (BUENO, 1984)
Taperabatú	Taper-nára-tú- o morador das ruínas; a queda do habitante da tapera; as andorinhas	Não encontrado
Taperaguá	Tapera-guá- morador da aldeia abandonada, a andorinha	Não encontrado
Taperoá	Tapér contração de tapera-aldeia extinta; oá- cont. de uára- vidente (habitante da tapera, a andorinha)	Não encontrado
Tapireté	Tapir- anta; etê- verdadeira	A anta legítima (BUENO, 1984)
Tejupeba	Teyú- lagarto; peba- não verdadeiro, inferior (o teiú de qualidade inferior)	Teyú- lagarto/ Pebas- chato, de pequena altura (BUENO, 1984)
Trahiras	Nome de um peixe d'água doce	Peixe d'água doce (BUENO, 1984)
Traripe	Trayr- trahira; y-rio; pe-logar onde (no rio das trahiras)	No rio das tarairas (BUENO, 1984)
Tuim	Nome onomatopaico de uma espécie de periquito	Periquito (BUENO, 1984)
Urubú	Urú- ave; bû- preta	O corvo (BUENO, 1984)
Urubutinga	Urubú-tinga- urubú branco, ave de rapina	Urubu- o corvo/ Branco, alvo, claro (BUENO, 1984)

Elaboração própria.

Fonte: Guaraná (1916); Bueno (1984); Cunha (1998)

Foram encontrados 105 zootopônimos ao total, dentre eles, foram identificadas diversas categorias de animais, refletindo a diversidade da fauna. Na categoria de aves, encontram-se nomes como *Arara*, *Canindé*, *Gerú*, *Jacu*, *Sabiá* e *Urubú*, evidenciando a presença marcante da avifauna na região. Os corpos d'água são representados por zootopônimos relacionados a peixes, como *Baiacú*, *Curimatá*, *Jabibery*, *Piabanha*, *Pirá* e *Pirambú*. Mamíferos, como *Capivara*, *Caetetú* ou *Caititú*, *Cotegipe*, *Guandú* ou *Gandú*, *Mucury* e *Pacatuba*, estão associados a diferentes localidades. Répteis também marcam presença, com zootopônimos como *Giboia*, *Jacaré*, *Sucuruiú* e *Tejupeba*. A categoria de insetos é representada por nomes como *Maribondo*, *Mandaçaia* e *Maroim*.

No *Glossário*, diversas referências a elementos da fauna e geografia são apresentadas, sendo algumas delas também mencionadas na tese de Dick (1990, 255-285). As araras, em especial, são identificadas como aves psitacídeas de grande porte e plumagem multicolorida, com presença em ambas as fontes. As araras *Canindé* são descritas no *Glossário* com coloração azul, correlacionando-se com a menção específica na tese de Dick. Além disso, o *Jaguaripe*, referido no *Glossário* como o *rio das onças*, também é citado por Dick (1990), embora sem detalhes específicos sobre sua natureza. Outros elementos como *Inhumas* ou *Anhumas*, *Jacaré*, *Jaburú*, *Mocory*, *Piranha*, *Pituhý*, *Sucuruiú*, *Urubú* e *Urubutinga* são compartilhados entre o *Glossário* e a tese de Dick, ainda que em alguns casos apenas o nome seja mencionado na obra de 1990, sem uma descrição detalhada.

A presença marcante de zootopônimos na toponímia de Sergipe revela não apenas a biodiversidade na região, mas também a interação entre a fauna local e as atividades humanas cotidianas. Nomes como *Cabobé*, que significa *lugar onde existem vespas negras*, e *Cancamunhé*, associado a um *cancão cansado*, evidenciam a influência da fauna na vida das comunidades locais, sugerindo possíveis encontros frequentes ou até mesmo a existência de tradições relacionadas a esses animais. Além disso, a toponímia revela uma prática de identificação de lugares com base em características naturais específicas de animais, como cor, tamanho e comportamento, indicando que esses elementos eram notáveis e serviam como pontos de referência geográfica para os habitantes locais. A variedade de nomes relacionados a rios, córregos e lagos destaca a importância dos diferentes ambientes aquáticos na identificação geográfica, refletindo a riqueza de ecossistemas presentes na região.

Os 105 zootopônimos evidenciam a ligação entre a fauna e a vida cotidiana das comunidades. A consistência na abordagem ao longo do tempo, como indicado pela interseção de termos entre o *Glossário* e a tese de Dick, ressalta a importância duradoura desses elementos na identidade geográfica. Essa prática revela não apenas a abundância de biodiversidade, mas também destaca a influência dos animais na cultura e tradição das comunidades sergipanas.

5.1.3 Hidrotopônimos

Os hidrotopônimos foi a terceira taxa mais encontrada no corpus, representando, aproximadamente, 22% dele. Eles são definidos como “topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (Dick, 1987, p. 38), ou seja, nomes de lugares ou características geográficas que são derivados de elementos relacionados a corpos d'água, como rios, lagos, riachos, entre outros.

Quadro 11: Hidrotopônimos listados no *Glossário*

TOPÔNIMOS	Elementos morfossemânticos	
	Guaraná (1916)	Outros dicionários
Abahy	Abá- gente, homem; hy- água (rio da gente)	Abá- homem, o índio, pessoa/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Aguapy	Contração de Aguapehy - Aguapé-y: rio de aguapés	Aguape- planta aquática/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Arauary	Arauari- sardinha; y- rio (rio das sardinhas)	Peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1998)
Bongue	pong- baque, barulho	Não encontrado
Bossaranha	Ybú-ça-rãi- saída do olho d'água	Não encontrado
Brumburum	Onomatopeia do ruído d'água	Não encontrado
Cahype	Caá-mata; y-rio; pe-no (no rio da mata)	O caminho do rio da mata (BUENO, 1984)
Cajupe	Acayú-y- rio; pe- preposição no (no rio dos cajús)	Caju+ y- rio + pe- preposição em (BUENO, 1984)
Cangui	Acang- cabeça; guí- que vem, que sai (procedente, vindo da nascente)	Não encontrado
Caripão	Caá- mata; r- letra euphonica; y- rio; paû- no meio, entre (o rio no meio da mata)	Caá- mato, erva e planta em geral (BUENO, 1984)
Cotegipe	Acuti- cotia; gy- rio; pe- no (no rio das cotias)	Aguti- pequeno roedor conhecido por cotia/ Pe- preposição em
Cuhy	Cui-y- rio das cuias	Cuí- pó, areia, farinha, de uy, cuy/ y- rio (BUENO, 1984)
Gahú	Guaia-hú- rio dos caranguejos	Guaia- uma das espécies de caranguejo (BUENO, 1984)
Garangáu	A não ser corr. De carandá- palmeira deste nome; u- rio, não há como interpretar	Não encontrado
Gararú	Gará- corr. De guará; (r) u- água (rio de guarás) / Sendo corr. De guarerú quer dizer: vasilha d'água	Guariru- Tina d'água, balde (BUENO, 1984)
Guarujahy	Guarú-yá-hy- rio onde vivem os guarús, peixe pequeno conhecido pelo nome barrigudinho	Guarujá- viveiro de garús/ y- rio (BUENO, 1984)
Ibura	Y- água; bu ou bura- que borbulha (minadouro, olho d'água)	Água que surge, fonte, manancial (BUENO, 1984)
Imbura	A mesma etimologia de Ibura	A mesma significação da palavra Ibura
Ipanema	Y-água; panema- ruim	A água ruim, o rio sem peixes (BUENO, 1984)
Itacanema	Y- água; taca- ruidoso; nema- fetido (água fetida em bulício, encrespada)	Não encontrado
Itaguahy	Taguá-hy- rio do tauá, também denominado Taguahy	O rio de itaguaba (BUENO, 1984)
Itamirim ou Tahyimirim	Itan-hy-mirim- rio pequeno dos itans	Pedrinha, pedregulho, seixo (BUENO, 1984)
Itanhy	Itan-hy- rio das conchas das itans	Itã- concha/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Itapicurú	Itapé-lage; curú- seixo, lage formada de seixos. Itá- pedra; pucu- comprida, longa; (r) ú- rio (rio da pedra comprida exprime melhor o que indica este nome)	A laje formada de cascalhos ou seixos (BUENO, 1984)
Itaquahy	Y- água; taquar- taquara i- sinal de diminutivo (rio das taquaras pequenas, isto é dos taquaris)	Itaquá- a ponta da pedra, o pico/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Jabibery	Corr. De Ya-pe-bira-y (rio do indivíduos de pele áspera, isto é, rio das arraias)	Jabebyra- o que a pele áspera ou pele de lixo. Nome do peixe arraia (BUENO, 1984)
Jaguaribe ou Jaguaripe	Jaguar ou yaguar; y-rio; bé ou pé (rio das onças)	No rio das onças (BUENO, 1984)
Jaguary-mirim	Yaguar- onça; y- rio; mirim- pequeno	Jaguary- o rio das onças/ Mirim- pequeno (BUENO, 1984)
Japaratuba	Y- rio; apara- volta; tuba- frequência (rio de muitas voltas)	Y- água, rio/ Apara- torto, curva, entevado, paralítico/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Japaratuba-mirim	Acrescente à explicação precedente a palavra mirim- pequeno	Mesma significação da palavra precedente mais a palavra mirim

Jiquiry	Yiki-(r)-y: rio de jiquis. Sendo corr. De Juqueri significa- espinheiro deitado, esgalhado, como expressão dos termos- yu-ker-i	Não encontrado
Maracanhay	Ma-racá-nã- que imita o maracá; hy- água (rio das maracanãs)	Maracanã- nome de uma arara, papagaio/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Mocory	Mocó-(r)-y-rio (rio dos mocós)	Mocó- nome geral dos roedores/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Mucury	Mucur, corr. De mucura-gambá; y-rio (rio dos gambás)	Rio das raposas, dos gambás (BUENO, 1984)
Mussuipe	Mocym-y-pe- no rio dos moçuns; Moçum quer dizer faz que escorregue, mô-cym. É uma espécie de enguia (peixe) com a mesma propriedade de ter a pele escorregadia	Não encontrado
Nitheroy	Corruptela de nhê- abrigar; terô-coisa encurvada, fazendo seio; y-água (seio d'água abrigado)	Água que se esconde (BUENO, 1984)
Opara	Hibridismo formado do artigo português -o- com o vocábulo tupi -pará- para exprimir a grandeza desse rio	Perdido, vago, errante, tonto (BUENO, 1984)
Para-mirim ou parna-mirim	Pará-mirim - mar pequeno	Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Mirim- pequeno (BUENO, 1984)
Parapitinga	Pará- rio; petinga- branco	Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Petynga- salmilhado de branco (BUENO, 1984)
Parapuca	Pará- rio; puca- partido (entrada, braço de rio)	Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Pucá- furar, esburacar, rachar, fender (BUENO, 1984)
Paratigy	Parati- tainha; gy- rio (rio das tainhas)	O rio das tainhas (BUENO, 1984)
Paraúna	Pará- rio; uma- negro, escuro	Rio preto (BUENO, 1984)
Paruhy	Parú- peixe; hy- rio (rio de parús)	Paru- peixe-enxada/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Piauhay	Piau- peixe; hy- água (rio de piáus)	O rios dos pias (BUENO, 1984)
Piauhytina	Piau-hy; tinga- claro (rio claro de piáus)	Piauhy- rio dos pias/ Tinga- branco, alvo, claro (BUENO, 1984)
Pirambuê	Pará- mar; mbo- feito; é- de modo diferente (grande tanque, represa)	Não encontrado
Pirangy	Piran-gy- rio das piranhas	Peixe- tesoura, terrível peixe devorador, dos rios/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Pitanga	Pi-tanga o mesmo que piranga- vermelho, contração de ybá-pitanga, fruta vermelha; hy-pitanga- água vermelha	Fruto da pitangueira que se qualifica pela sua cor vermelha; que tem a pele, a cutis vermelha, corada (BUENO, 1984)
Pituhay	Pitu-hy- rio de pitús, camarões	Não encontrado
Potihypeba	Poti- camarão; hy- rio; peba- raso (rio raso de camarões)	Potim- camarão/ Y- água, rio/ Pebas- chato, de pequena altura (BUENO, 1984)
Poxim	Y- rio; puchi- feio (rio feio, água ruim)	Pochí- feio, ruim, mau, sujo, torpe/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Poxim-mirim	Diminutivo do precedente	Diminutivo do precedente
Pucahy	Puca- entrada, furo; y- água (o rio do furo)	Pucá- furar, esburacar, rachar, fender/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Quebrari	Origem duvidosa. A admitir como a alteração de qui-pará- r-y, significa água do mar suja	Não encontrado
Quity	Quiti- corte; y- rio (rio do corte)	Quyti- cortar com faca, machado/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Sapucahy	Sapucaí-y - rio das sapucaias	O rio das sapucaias (BUENO, 1984)
Sapucary	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente
Sergipe	Cyri-gy-pe (no rio dos siris)	No rio dos siris (BUENO, 1984)
Siriry	Ciri-r-y (rio dos siris)	o rio dos siris (BUENO, 1984)
Siriry-morto	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente
Taguahy ou Tauáhy	Mesmo que Itaguahy	Mesmo que Itaguahy

Taquary	Taquar-y - rio das taquaras	O rio das taquaras (BUENO, 1984)
Tauáhy	Tauá-y - rio do tauá	Tauá- argila/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Tijuco	Ti- água; yuca- podre (lama)	O lameiro, o brejo, lamaçal (BUENO, 1998)
Tingui	Ty- água, líquido; gui- que sai, que escorre; o sumo, a espuma. Outro vegetal com a mesma propriedade do tombó e que depositado no rio mata o peixe	Espuma (BUENO, 1984)
Tinharé	Ty- água; nhã- correr; tê- tendência (o que avança para a água)	O que penetra na água (BUENO, 1984)
Tororó	Voz onomatopaica do rumor das águas nas fortes correntezas	O que produz barulho, o que é rumorejante, sussurrante. Aplica-se a águas, rios de correnteza marulhenta (BUENO, 1984)
Traipú	Ityra- morro; ipú- fonte (a fonte do morro)	O olho d'água do monte; a fonte do morro (BUENO, 1984)
Tramandahy	Tara- espiga; manda- feixe; y- rio (rio do feixe de espiga)	Rio sinuoso, cheio de curvas e meandros (BUENO, 1984)
Traripe	Trayr- trahira; y-rio; pe-logar onde (no rio das trahiras)	No rio das tarairas (BUENO, 1984)
Uruba	Y-rub - contém água	Não encontrado
Vasaringuy	De ordem incerta, a não ser que se derive de yba-ça-rangu-y, com significação de- rio por onde se tira madeira	Não encontrado

Elaboração própria
Fonte: Guaraná (1916); Bueno (1984); Cunha (1998).

A origem dos topônimos com natureza hidronímica está diretamente relacionada à importância dos cursos d'água para as condições de vida humanas (Dick, 1990, p. 196). A denominação de lugares associada a corpos d'água reflete a importância vital que esses cursos desempenham na subsistência e organização das comunidades. Ao longo da história, os assentamentos humanos muitas vezes surgiram nas proximidades de rios, lagos e outros recursos hídricos, pois tais locais ofereciam não apenas fontes essenciais de água potável, mas também facilitavam atividades como agricultura, pesca e transporte.

No *Glossário*, foram encontrados 68 hidrotopônimos, apresentados no quadro 11. É possível perceber a presença do sintagma tupi *y*, que, de acordo com Bueno (1984), significa “água, rio”, em cerca de 74% dos hidrotopônimos, encontrado, na maior parte dos topônimos, no final da palavra. Cada hidrotopônimo reflete detalhes específicos sobre as características geográficas, fauna, flora e até mesmo a qualidade da água presente na região. Essa abordagem linguística demonstra não apenas uma designação funcional, mas uma narrativa que destaca a observação minuciosa do povo tupi em relação ao ambiente ao seu redor.

Observa-se que expressões como *Aguapy* e *Arauary*, indicativas de plantas aquáticas, e referências a espécies específicas, como *Jabibery* e *Jaguary-mirim*, revelam a observação da flora e da fauna local pelos tupis. A inclusão de termos geográficos, como *Itapicurú*, destaca uma compreensão da topografia regional. A designação de nomes como *Pituhý* e *Potihypeba*, referentes a rios com presença abundante de camarões, evidencia a biodiversidade aquática. Há a presença de termos negativos, como *Ipanema* (água ruim) e *Poxim* (água feia, ruim), sugerindo possíveis implicações ambientais ou históricas relacionadas à qualidade da água ao longo do tempo.

Além disso, há os topônimos *Bongue*, *Brumburum* e *Tororó*, embora suas etimologias não estejam disponíveis, a presença de elementos onomatopeicos sugere uma possível associação com sons naturais. *Bongue* e *Brumburum* podem estar relacionados ao ruído da água, enquanto *Tororó*, uma voz onomatopeica, pode indicar a representação sonora das fortes correntezas ou marulhos presentes na região. A utilização de onomatopeias destaca a habilidade do povo tupi de incorporar características sensoriais específicas na nomenclatura de seus ambientes.

Além de ser o elemento essencial para a vida humana, a água oferece meios

de locomoção e serve como "caminhos que andam" nos rios, possibilitando um dinâmico intercâmbio cultural. Sua utilidade não se restringe apenas às necessidades básicas, estendendo-se ao fascínio aventuresco que grandes volumes líquidos despertam, gerando lendas, mitos e sagas que refletem a admiração pelo desconhecido. A água, assim, não apenas sustenta a existência, mas também molda as narrativas culturais, simbolizando um elo essencial entre a vida e a natureza (Dick, 1990, p. 196-197).

5.1.4 Litotopônimos

Uma categoria que também despertou atenção é a dos litotopônimos, classificados por Dick (1987, p. 38) como "topônimos de natureza mineral, relacionados à composição do solo". Na perspectiva de Dick (1990, p. 124-125), esses topônimos que indicam as características dos solos e terrenos, estão vinculados a dois elementos: um de natureza genérica e ambiental, relacionado à composição das regiões da terra, como areia, barro, lama e pedra; o outro mais específico, ligado a momentos significativos na história de um povo. No contexto sociocultural brasileiro, esses fatores encontram-se entrelaçados, tornando desafiador abordar um sem mencionar o outro. Dentre os topônimos do *Glossário*, cerca de 6% pertencem a essa taxonomia, como pode ser visto no Quadro 12.

Quadro 12: Litotopônimos listados no *Glossário*

TOPÔNIMOS	Elementos morfossemânticos	
	Guaraná (1916)	Outros dicionários
Cotinguiba	ybi- terra; caui- pó; tinga- branco; tyba- lugar (lugar de pó branco de terra, isto é, areal)	Yby- terra/ Tinga- branco, alvo, claro/ Tyba-palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984)
Cruanha	Curu- seixo, cascalho; ãe- áspero	Não encontrado
Cruará	Curú-ará- seixos reunidos, empilhados	Não encontrado
Curuba	O mesmo que curú-seixo. Também significa sarna, tumores	Espinha do rosto, bolha de pele, sarna: bolota, caroço (BUENO, 1984)
Intans	Corr. De Itan, deriva dos termos y-despegar; tâ- metade (espécie de conchas bivalvez, que se abrem em duas metades iguais)	Itã- concha (BUENO, 1984)
Itabaiana	Itá- pedra; toba- aldeia; oane-alguém (naquela pedra mora alguém, há uma aldeia com gente)	Nome de serra (BUENO, 1984)
Itabaianinha	Etimologia da palavra precedente	Mesmo significado da palavra precedente
Itacotiara	Itá- pedra; cuatiára- pintada, escrita	Itacutiara- Pedra desenhada (BUENO, 1984)
Itamirim ou Tahyimirim	Itan-hy-mirim- rio pequeno dos itans	Pedrinha, pedregulho, seixo (BUENO, 1984)
Itanhhy	Itan-hy- rio das conchas das itans	Itã- concha/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Itapicurú	Itapé-lage; curú- seixo, lage formada de seixos. Itá- pedra; pucu- comprida, longa; (r) ú- rio (rio da pedra comprida exprime melhor o que indica este nome)	A laje formada de cascalhos ou seixos (BUENO, 1984)
Itaporanga	Itá- pedra; poranga- bonita	Pedra bonita (BUENO, 1984)

Itapuama	Itá, poã- levantar (pedra erguida, em pé)	Itá- pedra, rocha, penedo, rochedo/ Poã- dedo da mão (BUENO, 1984)
Itaquahy	Y- água; taquar- taquara i- sinal de diminutivo (rio das taquaras pequenas, isto é dos taquaris)	Itaquá- a ponta da pedra, o pico/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Tabanga	Itá-b-anga (pedra lisa)	Aldeia das almas (BUENO, 1984)
Tabatinga	Tauá- barro; tinga- branco	Argila branca, barro branco (BUENO, 1984)
Tabuna	Tab- pelo; uma- escuro, ou itá-b-u-na - pedra preta, ferro	Tab- cabelo, pelo, felpa, penugem/ Una- preto, negro (BUENO, 1984)
Tahymirim	Vide Itamirim	Mesmo que Itamirim
Tauá	O mesmo que Taguá- itá- barro; guaba- que se come	Argila (BUENO, 1984)
Tauáhy	Tauá-y - rio do tauá	Tauá- argila/ Y- água, rio (BUENO, 1984)

Elaboração própria.

Fonte: Guaraná (1916); Bueno (1984)

Nota-se, nesse quadro, a presença de cinco elementos de índole mineral, terra, seixo/cascalho, concha, pedra, argila. Isso vai de encontro com o trabalho de Dick (1990, p. 138), quando ela confirma que os litotopônimos mais comuns, que incorporam elementos como barro, lama, terra ou pedra, apresentam-se em proporções significativas na nomenclatura geográfica brasileira. A presença desses elementos nos topônimos que compõem o corpus pode destacar a variedade de características minerais presentes na região.

É importante destacar a excessiva presença das construções *Tauá*, argila, segundo Bueno (1984), e *Ita*, pedra, rocha, penedo, rochedo (Bueno, 1984). Segundo Dick (1990, p. 138), “a toponímia brasileira incorporou a terminologia indígena correspondente a barro, registrando os seguintes termos: Tabatinga, Tauá, Tauá Miri e Tauapiranga”. No que diz respeito ao termo *Ita*, constatou-se que esta construção foi a mais prevalente entre os litotopônimos identificados no *Glossário*. Santos (2012, p. 160) também observou uma significativa presença dessa estrutura em seu corpus, destacando que “os signos iniciados por Ita, e sua variante Ta, compreendem quase a totalidade dos litotopônimos coletados” (Santos, 2012, p. 160). Dick (1990, p. 143) destaca que

De fato, os estratos designativos formados por Itá atingem uma amplitude considerável, levando em conta que o seu primitivo significado, ‘pedra’, viu-se acrescido de outro traço semântico por força dos contactos interculturais, na época da colonização, dentro da fase linguística conhecida como ‘língua geral’. (Dick, 1990, p. 143)

Ela ainda destaca que só a presença exclusiva dessa tipologia denominativa na nomenclatura geográfica do Brasil demandaria uma investigação detalhada dos litotopônimos e a identificação da função motivadora preponderante que desempenham na toponímia nacional (Dick, 1990, p. 145). Dessa forma, torna-se evidente a significativa influência do povo tupi em todo o território brasileiro, visto que,

assim como no Estado de Sergipe, observa-se a presença de topônimos com origem tupi em todo o Brasil.

5.2 A PERMANÊNCIA DA TOPONÍMIA TUPI NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA DE SERGIPE

O *Glossário* em análise foi publicado em 1916, levantando questionamentos sobre quais dos termos presentes naquela época ainda subsistem na geografia atual de Sergipe. Com base em informações disponíveis no site do IBGE e em fontes não oficiais que enumeram nomes de municípios, rios e praias, foi possível identificar quais toponímias presentes no corpus continuam a designar localidades geográficas em Sergipe. Dessa forma, estabelecemos uma conexão entre os nomes registrados no *Glossário* e a configuração atual do estado.

Dos 341 topônimos registrados no *Glossário*, 42 ainda são utilizados para denominar localidades em Sergipe, abrangendo municípios, rios e praias. Esta persistência na nomenclatura reflete não apenas uma continuidade linguística, mas também evidencia a relevância histórica e cultural desses topônimos na região, uma vez que servem como testemunhas da memória histórica. No Quadro 13, é possível observar tanto os nomes que permaneceram inalterados quanto aqueles que passaram por modificações. O quadro oferece uma visão clara das variações e continuidades na nomenclatura, permitindo uma análise detalhada das mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Quadro 13: Topônimos remanescentes em municípios, rios e praias sergipanas

TOPÔNIMO LISTADO NO GLOSSÁRIO	ELEMENTO(S) GEOGRÁFICO(S) LISTADO(S) NO GLOSSÁRIO (1916)	TOPÔNIMO CONTEMPORÂNEO (IBGE, 2023)	ELEMENTO GEOGRÁFICO NA ATUALIDADE
<i>Abahy</i>	Lagoa/Riacho	Abaís	Praia
<i>Aracajú</i>	Capital	Aracaju	Município
<i>Arauá</i>	Vila/Ribeiro	Arauá	Município
<i>Caiçá</i>	Confluente de rio	Caiçá	Rio
<i>Canhoba</i>	Povoado	Canhoba	Município
<i>Canindé</i>	Serra/Lagoa/Povoado	Canindé de São Francisco	Município
<i>Capivara</i>	Riacho/Lugarejo/Fazenda	Capivara	Rio
<i>Carira</i>	Povoado	Carira	Município
<i>Cotinguiba</i>	Rio	Cotinguiba	Rio
<i>Ganhamoroba</i>	Afluente de rio	Ganhamoroba	Rio

<i>Gararú</i>	Riacho/Comarca	Gararu	Município
<i>Gerú</i>	Aldeia/Vila/Estação da Estrada de Ferro	Tomar do Geru	Município
<i>Indiaroba</i>	Riacho/Engenho	Indiaroba	Município
<i>Itabaiana</i>	Serra/Cidade/Comarca	Itabaiana	Município
<i>Itabaianinha</i>	Vila/Estação da Estrada de Ferro	Itabaianinha	Município
<i>Itanhy</i>	Rio	Santa Luzia do Itanhy	Município
<i>Itaporanga</i>	Vila/Estação da Estrada de Ferro	Itaporanga d'Ajuda	Município
<i>Jacaré</i>	Serra/Lagoa/Afluente de rio	Jacaré	Rio
<i>Jacarecica</i>	Rio	Jacarecica	Rio
<i>Jacóca</i>	Afluente de rio	Jacoca	Rio
<i>Japaratuba</i>	Rio/Vila/Estação da Estrada de Ferro	Japaratuba	Município/Rio
<i>Japaratuba-mirim</i>	Afluente de rio	Japaratuba-mirim	Rio
<i>Jatobá</i>	Confluente de rio/Engenho	Jatobá	Praia
<i>Macambira</i>	Serra/Povoado/Engenho	Macambira	Município
<i>Maroim</i>	Cidade/Comarca/Estação da Estrada de Ferro	Maruim	Município
<i>Muribeca</i>	Serra/Riacho	Muribeca	Município
<i>Pacatuba</i>	Serra/Vila/Riacho	Pacatuba	Município
<i>Para-mirim ou parna-mirim</i>	Braço de rio	Parnamirim	Rio
<i>Paramopama</i>	Afluente de rio	Paramopama	Rio
<i>Piauhy</i>	Rio	Piauí	Rio
<i>Piauhytinga</i>	Confluente de rio	Piauitinga	Rio
<i>Pirambú</i>	Povoado	Pirambu	Município/Praia
<i>Pitanga</i>	Rio	Pitanga	Rio
<i>Pomonga</i>	Canal entre rios	Pomonga	Rio
<i>Poxim</i>	Riacho	Poxim	Rio
<i>Poxim-mirim</i>	Afluente de rio	Poxim-mirim	Rio
<i>Propriá</i>	Cidade/Comarca/Porto/Riacho	Propriá	Município/Praia
<i>Sapucaia</i>	Riacho/Engenho	Sapucaia	Rio
<i>Sergipe</i>	Estado/Rio	Sergipe	Estado/Rio
<i>Siriry</i>	Rio/Riacho	Siriri	Município/Rio
<i>Tejupeba</i>	Riacho/Lugarejo	Tejupeba	Rio
<i>Umbaúba</i>	Povoado/Monte	Umbaúba	Município

Elaboração própria.

A lista de toponímicos contemporâneos do estado de Sergipe apresenta variações gráficas e mudanças lexicais em nomes de municípios, rios e praias. Essas variações podem ser interpretadas como reflexo de diferentes influências culturais, ortográficas e administrativas ao longo do tempo.

Na análise atual dos municípios, rios e praias de Sergipe, observou-se que 21

municípios possuem nomes derivados de palavras tupis presentes no *Glossário*, acompanhados por 20 rios e quatro praias. Dentre o conjunto total, 14 topônimos tiveram alterações na grafia, conforme evidenciado no quadro abaixo.

Quadro 14: Topônimos do corpus com alteração gráfica

SIGNO TOPONÍMICO EM GUARANÁ (1916)	FORMA ATUAL DO TOPÔNIMO (2024)	DESCRIÇÃO DA ALTERAÇÃO
<i>Abahy</i>	<i>Abaís</i>	Eliminação da letra "h" Substituição da letra "y" por "í" Adição da letra "s"
<i>Aracajú</i>	<i>Aracaju</i>	Remoção do acento agudo sobre a letra "u"
<i>Canindé</i>	<i>Canindé de São Francisco</i>	Adição do "de São Francisco", o topônimo "Canindé" permaneceu igual
<i>Gararú</i>	<i>Gararu</i>	Remoção do acento agudo sobre a letra "u"
<i>Gerú</i>	<i>Tomar do Geru</i>	Adição de "Tomar do" Remoção do acento agudo sobre a letra "u" no topônimo "Geru"
<i>Itanhy</i>	<i>Santa Luzia do Itanhy</i>	Adição de "Santa Luzia do", o topônimo "Itanhy" permaneceu igual
<i>Itaporanga</i>	<i>Itaporanga d'Ajuda</i>	Adição de "d'Ajuda", o topônimo "Itaporanga" permaneceu igual
<i>Jacóca</i>	<i>Jacoca</i>	Remoção do acento agudo sobre a letra "o"
<i>Maroim</i>	<i>Maruim</i>	Substituição da letra "o" por "u"
<i>Para-mirim ou parna-mirim</i>	<i>Parnamirim</i>	Eliminação do hífen e junção das palavras
<i>Piauhy</i>	<i>Piauí</i>	Eliminação da letra "h" Substituição da letra "y" por "í"
<i>Piauhytinga</i>	<i>Piauitinga</i>	Eliminação da letra "h" Substituição da letra "y" por "í"
<i>Pirambú</i>	<i>Pirambu</i>	Remoção do acento agudo sobre a letra "u"
<i>Siriry</i>	<i>Siriri</i>	Substituição da letra "y" por "í"

Elaboração própria.

A análise das alterações nos topônimos de 1916 para 2024 revela principalmente modificações ortográficas e adições de termos descritivos. Em alguns casos, o nome foi preservado, mesmo com modificações. Por exemplo, *Canindé* permaneceu uma parte integral do novo nome *Canindé de São Francisco*, enquanto *Itanhy* persistiu em *Santa Luzia do Itanhy*. A inclusão de termos descritivos está presente em algumas alterações, como a adição de *de São Francisco* em *Canindé* e *Santa Luzia do* em *Itanhy*. É possível que esses termos adicionais forneçam mais informações geográficas ou históricas para diferenciar as localidades.

A unificação de palavras, exemplificada pela transformação de *Para-mirim ou parna-mirim* para *Parnamirim*, sugere uma simplificação e padronização dos nomes das cidades. Além disso, há a troca de *hy* por *í* em vários topônimos (*Abahy-Abaís*, *Piauhy-Piauí*, *Piauhytinga-Piauitinga*). A remoção de acentos agudos, como em *Aracajú* para *Aracaju*, *Gararú* para *Gararu*, *Pirambú* para *Pirambu*, ressalta a

conformidade com as regras de acentuação da língua portuguesa.

No Quadro 14, percebe-se diferentes tipos de mudanças. Essas mudanças foram implementadas, em grande parte, para se adequarem à norma da língua portuguesa, que é o caso dos topônimos *Aracaju*, *Gararu*, *Jacoca*, *Parnamirim*, *Piauí*, *Piauitinga*, *Pirambu* e *Siriri*. Na língua portuguesa, palavras oxítonas terminadas em *u* não são acentuadas e paroxítonas terminadas em *a* também não recebem acento. Além disso, notou-se a substituição da construção *hy* pela vogal *i*, já que a forma *hy* não é comum na língua portuguesa.

Nas localidades de Canindé de São Francisco, Tomar do Geru, Santa Luzia do Itanhhy e Itaporanga d'Ajuda, foram introduzidas palavras da língua portuguesa nos topônimos tupis. Em *Canindé*, o acréscimo de *de São Francisco* justifica-se pela localização do município nas margens do Rio São Francisco (Santos, 2019, p. 131-132). Já em *Gerú*, além da retirada do acento na letra *u*, o termo *Tomar* foi incorporado, remetendo à “cidade portuguesa de origem dos jesuítas que chegaram para catequizar os nativos da etnia Kiriri na região do Geru no século XVII” (Santos, 2019, p. 168). *Itanhhy* e *Itaporanga* foram transformadas em Santa Luzia do Itanhhy e Itaporanga d'Ajuda, respectivamente, incluindo os nomes das padroeiras dos municípios, Santa Luzia e Nossa Senhora da Ajuda.

Diferentemente dos casos anteriores, as alterações em Abaís e Maruim podem ter ocorrido devido à variação linguística na região, refletindo mudanças na pronúncia. Em Abaís, observa-se a presença de paragoge, um processo fonológico em que é acrescentado ao final da palavra um segmento sonoro, nesse caso, o /s/. Já em Maruim, houve o alteamento da vogal posterior /o/ para /u/. Isso pode ser explicado através da sociolinguística, visto que a língua, na perspectiva dessa área, é entendida como um sistema heterogêneo, sujeito a variações e relacionado a fatores extralinguísticos. Ela reconhece que a língua não é uniforme, mas sim diversificada devido a uma série de fatores, como contexto social, econômico, cultural e histórico. As variações linguísticas podem ocorrer em diferentes níveis, como fonético, lexical, gramatical e semântico. Ademais, a língua está sujeita a mudanças e adaptações ao longo do tempo, sendo influenciada por diversos fatores, assim, sendo vista como dinâmica e em constante evolução, refletindo as mudanças na sociedade.

5.3 TOPÔNIMOS TUPI DO ESTADO DE SERGIPE: UM OLHAR COMPARATIVO ENTRE 1916 E 2024

O *Glossário Etimológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe*, publicado há 108 anos, mantém sua relevância ao longo do tempo por diversos motivos. Em primeiro lugar, destaca-se sua importância na preservação da cultura e da língua Tupi, uma vez que proporciona informações sobre a origem e o significado dos nomes geográficos na região sergipana. Além disso, o corpus serve como fonte de referência para a identidade local. A conexão entre as comunidades e sua história é fortalecida por meio do conhecimento da etimologia dos nomes geográficos, o que, por sua vez, contribui para a preservação da herança cultural.

Dessa forma, uma atualização lexicográfica a fim de identificar os topônimos que ainda persistem na geografia sergipana e são empregados na denominação de municípios, rios e praias proporciona mais entendimento sobre quais topônimos em tupi ainda existem na toponímia sergipana. No Quadro 15, é possível observar a atualização. Cada entrada está organizada da seguinte maneira: primeiro, o nome da localidade; em seguida, sua localização geográfica; após isso, a taxonomia associada, seguindo a classificação de Dick (1987, p. 38-40); por fim, a etimologia do topônimo.

Quadro 15: Atualização lexicográfica, focando em municípios, rios e praias

Abais: Praia localizada no litoral sul de Sergipe. Hidrotopônimo. Etim: Abá- gente, homem; hy- água - rio da gente (Guaraná, 1916); Abá- homem, o índio, pessoa/ Y- água, rio (Bueno, 1984).
Aracaju: Município localizado no leste de Sergipe, capital sergipana. Fitotopônimo. Etim: Ará- papagaio; acayú- caju ou cajueiro - os cajus ou cajueiros dos papagaios (Guaraná, 1916); Ara- tempo, estação/ Caju- fruta amarela (Bueno, 1984).
Araúá: Município localizado no litoral sul do estado. Zootopônimo. Etim: Ará-guá- baixada dos papagaios.
Caiçá: Rio que passa pelas cidades de Simão Dias e Lagarto. Fitotopônimo. Etim: Contração de Caiçara, Cai- queimada; ara- tempo; ou caá-mata; jussara- palmeira deste nome (Enterpes): mata de jussaras. Theodoro Sampaio dá a seguinte interpretação: caá-icá - galhos de mato (Guaraná, 1916); O cercado de paus a pique (Bueno, 1984).
Canhoba: Município localizado no Norte sergipano. Fitotopônimo. Etim: Canhî- esconder, murchar; oba- folha - folha que se fecha (Guaraná, 1916).
Canindé de São Francisco: Município localizado no noroeste de Sergipe. Zootopônimo. Etim: Can-ndê- retinto, escuro - nome de uma espécie de arara de cor azul (Guaraná, 1916); Arara (Bueno, 1984).
Capivara: Rio que banha o alto sertão sergipano. Zootopônimo. Etim: Capiy-uara- comedor, o que se sustenta de capim; o maior roedor do Brasil (Guaraná, 1916); Animal semelhante ao porco e que se alimenta de capim (Bueno, 1984).
Carira: Município localizado na região oeste de Sergipe. Fitotopônimo. Etim: Caá- ira - mel de páo (Guaraná, 1916); Caá- mato, erva e planta em geral/ Ira- mel (Bueno, 1984).
Cotinguiba: Rio que banha o estado. Litotopônimo. Etim: Ybi- terra; caui- pó; tinga- branco; tyba- lugar - lugar de pó branco de terra, isto é, areal (Guaraná, 1916); Yby- terra/ Tinga- branco, alvo, claro/ Tyba-palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (Bueno, 1984).
Ganhamoroba: Rio localizado em Sergipe, banha a cidade de Maruim. Fitotopônimo. Etim: Guaiamû- crustáceo conhecido; óba- folha - folha com que os guaiamuns se alimentam (Guaraná, 1916); Guaiaum- caranguejo da família dos gecarcinídeos (Cunha, 1998); Oba- folha (Bueno, 1984).
Gararu: Município situado na região noroeste de Sergipe. Zootopônimo/Hidrotopônimo; Gará- corr. De guará; (r) u- água, rio de guarás/ Sendo corr. De guarerú quer dizer: vasilha d'água (Guaraná, 1916); Guariru- Tina d'água, balde (Bueno, 1984).

Tomar do Geru: Município sergipano. Zootopônimo. Etim: Corr. De ajudar- pescoço; u- preto, escuro: ájurú ou agerú - nome de uma espécie de papagaios (Guaraná, 1916); Nome de uma variedade de papagaio que aprende a falar, que tem boca que fala (Bueno, 1984).
Indiaroba: Município localizado no litoral sul de Sergipe. Fitotopônimo. Etim: Corruptela de indayá-roba- indayá amargosa - espécie de palmeira indyá (Guaraná, 1916); Indayá- uma das muitas espécies de palmeiras/ Roba- amargo (Bueno, 1984).
Itabaiana: Município localizado na região agreste sergipana. Litotopônimo/Sociotopônimo. Etim: Itá- pedra; toba- aldeia; oane-alguém - aquela pedra mora alguém, há uma aldeia com gente (Guaraná, 1916); Nome de serra (Bueno, 1984).
Itabaianinha: Município sergipano. Litotopônimo/Sociotopônimo. Mesmo significado da palavra precedente.
Santa Luzia do Itanhhy: Município situado no litoral sul de Sergipe. Litotopônimo/Hidrotopônimo. Etim: tan-hy- rio das conchas, das itans (Guaraná, 1916); Itã- concha/ Y- água, rio (Bueno, 1984).
Itaporanga d'Ajuda: Município sergipano, localizado no leste do estado. Litotopônimo. Etim: Itá- pedra; poranga- bonita (Guaraná, 1916); Pedra bonita (Bueno, 1984).
Jacaré: Rio do estado de Sergipe, afluente do Rio São Francisco. Zootopônimo. Etim: Y-a-carê- o indivíduo torto, sinuoso. Também pode ser y-echá-caré- o que olha de banda. Nome de diversas espécies de crocodilos (Guaraná, 1916); Aquele que olha de lado, aquele que é torto (Bueno, 1984).
Jacarecica: Rio que banha o estado de Sergipe, um dos principais afluentes do Rio Sergipe. Zootopônimo. Etim: Yacaré- icica - baba do jacaré (Guaraná, 1916).
Jacoca: Rio que banha o estado de Sergipe. Fitotopônimo. Etim: Yá-cóca- fruta nutriente; ou por outra: yú-á-coca- a roça de frutas de espinhos, isto é, juás (Guaraná, 1916).
Japaratuba: Município localizado no agreste sergipano, rio que banha o estado de Sergipe. Hidrotopônimo. Etim: Y- rio; apara- volta; tuba- frequência - rio de muitas voltas (Guaraná, 1916); Y- água, rio/ Apara- torto, curva, entrevado, parálitico/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (Bueno, 1984).
Japaratuba-mirim: Rio do estado de Sergipe, afluente do rio Japaratuba. Hidrotopônimo. Mesma significação da palavra precedente mais a palavra mirim
Jatobá: Praia sergipana situada no município da Barra dos Coqueiros. Fitotopônimo; Etim: Latay-yba- á- sufixo - o que procede da árvore do jatahi, isto é, o fruto do jatahi (Guaraná, 1916); O mesmo que jatay (Bueno, 1984).
Macambira: Município sergipano. Fitotopônimo. Etim: Mã-cambira, molho áspero, que espinha; Elementos de botânica geral e médica (Guaraná, 1916); Nome de uma planta espinhosa (Bueno, 1984).
Maruim: Município localizado no leste do estado de Sergipe. Zootopônimo. Etim: Meru-mosca; i-pequena - mosquito (Guaraná, 1916); Maruim- nome do mosquitinho pólvora ou borrachudo que se prolifera nos mangues, águas paradas, beira de rio (Bueno, 1984).
Muribeca: Município sergipano situado no agreste do estado. Zootopônimo. Etim: Merú-beca - a mosca importuna (Guaraná, 1916); A mosca importuna (Bueno, 1984).
Pacatuba: Município localizado no litoral norte de Sergipe. Zootopônimo. Etim: Paca-tyba ou tuba - pacas em abundância, lugar em que há pacas (Guaraná, 1916); Paca- mamífero roedor cuja carne tem sabor de carne de porco/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (Bueno, 1984).
Parnamirim: Rio que banha o estado de Sergipe, localizado no município de Nossa Senhora do Socorro. Hidrotopônimo. Etim: Pará-mirim - mar pequeno (Guaraná, 1916); Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Mirim-pequeno (Bueno, 1984).
Paramopama: Rio sergipano situado no município de São Cristóvão. Dirrematopônimo. Etim: Pará por pirá- peixe; mopoam-enganar, iludir - o peixe enganou, frase que serve para indicar a ausência de pesca em certas marés, não obstante ser o rio abundante em peixes (Guaraná, 1916).
Piauí: Rio que banha o estado de Sergipe. Zootopônimo/Hidrotopônimo. Etim: Piau- peixe; hy- água - rio de piáus (Guaraná, 1916); O rios dos piaús (Bueno, 1984).
Piauitinga: Rio que banha Sergipe e tem seu curso entre os municípios de Lagarto e Estância. Zootopônimo/Hidrotopônimo. Etim: Piau-hy; tinga- claro - rio claro de piáus (Guaraná, 1916); Piauhhy- rio dos piaús/ Tinga- branco, alvo, claro (Bueno, 1984).
Pirambu: Município localizado no leste sergipano; praia sergipana. Sociotopônimo/Zootopônimo. Etim: Pirá-mbur, que faz vir peixe, lugar onde se reúne ou se pesca peixe (Guaraná, 1916); Peixe sargo (Bueno, 1984).
Pitanga: Rio que banha o estado de Sergipe. Fitotopônimo/Hidrotopônimo. Etim: Pi-tanga o mesmo que piranga-vermelho, contração de ybá-pitanga, fruta vermelha; hy-pitanga- água vermelha (Guaraná, 1916); Fruto da pitangueira que se qualifica pela sua cor vermelha; que tem a pele, a cutis vermelha, corada (Bueno, 1984).
Pomonga: Rio no estado de Sergipe. # Etim: Pomonda- visgo grude. Apomong em guarani significa espesso, pegajoso (Guaraná, 1916); Viscoso, pegajoso, grudento, mole (Bueno, 1984).
Poxim: Rio que banha o estado de Sergipe, localizado no leste do estado. Hidrotopônimo. Etim: Y- rio; puchi- feio - rio feio, água ruim (Guaraná, 1916); Poochí- feio, ruim, mau, sujo, torpe/ Y- água, rio (Bueno, 1984).
Poxim-mirim: Rio do estado de Sergipe. Hidrotopônimo; Diminutivo do precedente.

Propriá: Município sergipano; praia localizado no município de Propriá. Axiotopônimo. Etim: Corr. Do po-piá, significado ferrão, dente de cobra, segundo o Dr. Th. Sampaio. Nome de um chefe das tribos extintas então existentes no território sergipano (Guaraná, 1916); Alteração brasileira de popiá, o ferrão, o dente de cobra (Bueno, 1984).
Sapucaia: Rio sergipano. Fitotopônimo/Zootopônimo. Etim: Corr. De çapucaia- o grito, o clamor; sendo verbo significa gritar, clamar; como substantivo quer dizer o galo, a galinha; corr. De yaçapucaí- o gruto conhecido por sapucaia (Guaraná, 1916); Árvore frutífera da família das Lecitidáceas/Gritar, clamar. Figur. Galo, galinha que vive gritando (Bueno, 1984).
Sergipe: Estado localizado no nordeste brasileiro; rio que banha o estado sergipano. Zootopônimo/Hidrotopônimo. Etim: Cyri-gy-pe: no rio dos siris (Guaraná, 1916); No rio dos siris (Bueno, 1984).
Siriri: Município localizado no leste sergipano; rio do estado de Sergipe. Zootopônimo/Hidrotopônimo. Etim: Ciri-r-y: rio dos siris (Guaraná, 1916); o rio dos siris (Bueno, 1984).
Tejupeba: Rio do estado de Sergipe. Zootopônimo. Etim: Teyú- lagarto; peba- não verdadeiro, inferior - o teiú de qualidade inferior (Guaraná, 1916); Teyú- lagarto/ Peba- chato, de pequena altura (Bueno, 1984).
Umbaúba: Município situado no litoral sul de Sergipe. Fitotopônimo. Etim: Mbá-yba - árvore do tronco oco (Guaraná, 1916).

Elaboração própria.

Fonte: Guaraná (1916) e Bueno (1984).

Ao analisar as mudanças de categoria dos elementos geográficos entre o *Glossário* de 1916 e a atualização de 2024, notamos transformações significativas que refletem a evolução ao longo do tempo. Um exemplo é o termo "Jatobá", que, originalmente, era classificado como "Confluente de rio/Engenho" em 1916, foi posteriormente classificado como "Praia" em 2024. Outro caso é o termo "Parnamirim", que anteriormente era descrito como um "Braço de rio" e, na atualização de 2024, foi categorizado simplesmente como "Rio".

A evolução do termo "Pirambu" também é notável, passando de um "Povoado" em 1916 para a categoria de "Município/Praia" em 2024. Essa mudança reflete um crescimento substancial na área, indicando um aumento populacional e administrativo, que transformou o povoado em um município. Por fim, o caso do topônimo "Sergipe" destaca uma continuidade na importância do rio Sergipe para a região, embora a categoria tenha permanecido inalterada ao longo do tempo, mantendo a designação de "Estado/Rio". Essas mudanças de categoria não apenas refletem transformações geográficas, mas também aspectos sociais, econômicos e culturais que moldam a compreensão e organização dos elementos geográficos ao longo dos anos.

6 CONCLUSÕES

É válido afirmar que a toponímia permite, de forma singular, a compreensão e a preservação de raízes linguísticas, culturais e identitárias de uma comunidade. Os topônimos, como testemunhos etnolinguísticos e sócio-históricos, vão além do ato denominar, conseguindo contar aspectos intrínsecos à ocupação e à evolução das línguas e dos povos em questão. Essa relação entre toponímia e patrimônio cultural brasileiro, conforme delineado no Artigo 216 da Constituição Federal (Brasil, 1988), destaca a importância dos nomes de lugares como portadores dinâmicos na construção da identidade, da memória e da ação dos grupos sociais nacionais.

Considerando a importância de políticas públicas e de projetos de pesquisa voltados para a salvaguarda dos signos toponímicos, a fim de valorizar a história, a diversidade linguística e cultural, este estudo analisou um *Glossário* toponímico centenário, buscando preencher uma lacuna, no âmbito da toponímia de caráter linguístico. A descrição dessa toponímia tupi no contexto sergipano revelou um *modus nominandi et vivendi* que moldou a identidade do país. O tupi, como o substrato linguístico mais relevante do Português brasileiro, influenciou o léxico com termos ligados à fauna, flora, hidrografia, entre outros, cuja presença significativa de topônimos de origem tupi em Sergipe evidencia a influência desses povos indígenas na ocupação do território e na formação da identidade local.

A análise da toponímia tupi no Estado de Sergipe, com base no *Glossário Etimológico dos Nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado*, apresentou o esperado, que elementos da natureza físico-natural são predominantes, visto que se trata de um corpus indígena, sequencialmente os fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos e litotopônimos, tomando a taxonomia de Dick (1990). Os fitotopônimos revelaram a diversidade botânica, refletindo a ligação entre os povos indígenas e o ambiente natural e a importância da vegetação local na identidade regional. Os zootopônimos, por sua vez, mostraram biodiversidade, como aves, peixes, mamíferos, répteis e insetos, cuja presença sugere interações cotidianas e possíveis tradições culturais associadas a esses seres. Os hidrotopônimos representam a vital importância de cursos d'água na subsistência e na organização das comunidades humanas. Já os litotopônimos, relacionados à composição do solo, indicam não apenas as características minerais da região, mas também possíveis

momentos significativos na história de um povo tupi, como destacou Dick (1990, p.124-125). Aliás, a interseção entre o léxico disposto no *Glossário* e nos estudos de Santos (2012; 2019) e de Dick (1990) ressalta a duradoura importância desses elementos na identidade geográfica sergipana.

Após a classificação dos topônimos ficou evidente a importância do meio ambiente para os povos indígenas, isso se dá

[...] devido à sua profunda conexão e conhecimento tradicional da fauna e flora [...] Essas comunidades têm uma forte compreensão de seus ecossistemas circundantes, tendo desenvolvido relações complexas com plantas, animais e terra ao longo de milhares de anos. [...] os indígenas têm sido fundamentais para a preservação da natureza, tendo uma perspectiva singular sobre o meio ambiente, vendo-o como parte integrante de sua identidade cultural e meios de subsistência. Eles veem a natureza como um ser vivo, com o qual mantêm uma relação recíproca, e reconhecem a importância de protegê-la para as gerações futuras. (Kettle, 2023)

É possível concluir que essa perspectiva é evidente não apenas em suas práticas diárias, mas também na forma como percebem e nomeiam o mundo ao seu redor. A toponímia tupi reflete essa relação com a natureza. Os nomes dados a lugares incorporam elementos descritivos da fauna, flora e características geográficas locais. Essa abordagem toponímica revela não apenas a função prática de orientar-se no ambiente, mas também a reverência e respeito pelos elementos naturais.

Outro ponto foi o tratamento da permanência da toponímia tupi disposta nesse corpus na geografia contemporânea de Sergipe. Essa análise revelou não apenas a manutenção toponímica, mas também as mudanças no nível morfo-fonológico. Dos 341 topônimos registrados no *Glossário* (Guaraná, 1916), 42 ainda permanecem nomeando localidades no estado, abrangendo municípios, rios e praias. Dentre esses topônimos mantidos, observou-se mudança na grafia em 14 deles. A simplificação e padronização, como exemplificado na unificação de palavras em alguns topônimos, indica adaptações no sentido de padronização (orto)gráfica de signos toponímicos. A introdução, especialmente via composição, de itens descritivos em alguns signos indica essa dinâmica intercultural e sócio-histórica. Essas alterações têm, não raro, raízes em eventos históricos, como a presença dos jesuítas ou características geográficas, como a localização nas margens do Rio São Francisco, visto que as mudanças toponímicas não ocorrem isoladamente, mas ligadas aos contextos sociais, culturais e históricos das comunidades.

Assim, a toponímia tupi em Sergipe emerge como uma valiosa fonte de

conhecimento sobre a intersecção entre linguagem, cultura e ambiente, como um elo entre as comunidades locais e o meio ambiente, preservando a memória coletiva. Uma compreensão abrangente do modo como os grupos – não apenas indígenas – denominam os lugares em Sergipe contribui para a preservação cultural e linguística, lacuna investigativa que valoriza a toponímia como elemento patrimonial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco José. Mussuca, um topônimo sergipano de origem africana. **Sergipe Mais**, p. 38-9, Out. 2004.

ALVES, Francisco José. **Abais**: o que significa? Sergipe Mais, Aracaju, p. 40-40, 01 dez. 2003.

ALVES, Francisco José. Mocambos e quilombos na toponímia de Sergipe. **Jornal da Cidade**, Aracaju, Caderno B, p. 6B, 6-7 jul. 2000.

ALVES, Francisco José. Aracaju, o que significa?. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 04-04, 24 out. 1999.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Aspectos identitários e culturais na formação dos nomes de lugares: um estudo sob a ótica da geografia cultural e humanista. **Revista Desafios**, v. 4, n. 1, p. 141-151, 2017.

A PESQUISA Toponímica no Brasil: estudos contemporâneos. Mesa Redonda debatida por Aparecida Negri Isquerdo, Maria Candida Trindade da Costa Seabra e Alexandre Melo de Sousa [s.l., s.n.], 2020. 1 vídeo (2h 37 min 10s). Publicado pelo canal da **Associação Brasileira de Linguística**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8YcU-obkeuc>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

ARROYO-ILERA, Fernando. La toponimia como Patrimonio Cultural Inmaterial. **Boletín de la Real Sociedad Geográfica**, [S.l.], n. CLIII, p. 33-60, abr. 2019. Disponível em: <<https://boletinrsg.com/index.php/boletinrsg/article/view/56>>. Acesso em: 19 maio 2023.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARRETO, Evanice Ramos Lima. **Etnolinguística**: pressupostos e tarefas. P@rtes. (São Paulo). ISSN 1678-8419, 2010. Disponível em: <<https://www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguistica-pressupostos-e-tarefas/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da USP, 2004.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**: história externa das línguas. v. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BERTONHA, Fábio Henrique de Carvalho. **Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares**: proposta de etiquetagem em marcação dupla. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2022.

BERTONHA, Fábio Henrique de Carvalho. DMRV, DBFJ e DLAP: um decênio de pesquisas lexicográficas. In: ALMEIDA, Maria Aparecida Ribeiro de; SILVA, Maiune de Oliveira.; PIRES, Maria Gabriela Gomes. (org.). **Ciências do léxico e Filologia em foco**: contributos para a história da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Mares

Editores, 2020, v. 1. p. 78-113.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 2, p. 13-22, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Terminologia e Lexicografia**. TradTerm, v. 7, 2001, p. 153-181.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 18 maio 2023.

BUENO, Francisco da Silveira. **Vocabulário tupi-guarani, português**. Brasilvros Editora e Distribuidora, 1984.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

CARVALHINHOS, Patricia. Topônimo-monumento, herança imaterial em São Paulo (Brasil): Combatendo o apagamento toponímico. **apropos [Perspektiven auf die Romania]**, n. 8, p. 14-30, 2022.

CARVALHO, Fernando Lins de. **A pré-história sergipana**. Aracaju: Museu de Arqueologia de Xingó, 2003.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. DICIONARIZAÇÃO DE TOPÔNIMOS: A CONSTITUIÇÃO DO VERBETE. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. **ATEMS: caminhos metodológicos**. v. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2019. p. 175-204.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. **Verbetes toponímicos**: microestruturas para hidrônimos. Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 3, p. 1095-1122, 2018.

CASTIGLIONI, A. C. **Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul**: uma proposta de modelo. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP - São José do Rio Preto, 2014.

CENTURIÓN, Sara Concepción Chena. **Rastros Indígenas**: Busca pelos topônimos do tupi na cidade de Castanhal/PA. Castanhal-Pa. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguagens E Saberes Na Amazônia) - Universidade Federal do Pará. 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato; A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2 ed. Bertrand Brasil, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. Ecolinguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 125-152, 2009.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília -DF: Thesaurus, 2007.

CUNHA, A. G. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

DANTAS, Beatriz G. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana M. de Faro Leal. **Textos para a História de Sergipe**. 2.ed. Aracaju: IHGSE, 2013.

DANTAS, Beatriz Gois. A tupimania na historiografia sergipana. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 29, p. 38-50, 1983-1987.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso et al. **Toponímia dos primeiros municípios tocantinenses**. 2016.

DICK, M. V. de P. do A. Aspectos de etnolinguística – a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 180-191, 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas da FFLCH, USP, 1987.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição do Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1965.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Enforcados**: o índio em Sergipe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. v. 52. (Coleção Estudos Brasileiros).

FINATTO, Maria José Bocorny. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. **Organon**, v. 12, n. 26, 1998.

FINATTO, Maria José Bocony **Da lexicografia brasileira (1813-1991)**: A microestrutura dos dicionários gerais de língua. *Linguística – ALFAL*, v. 08, p. 53-87, 1996.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe (1575-1855)**. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1891.

GARCIA, Afrânio da Silva. O PORTUGUÊS DO BRASIL QUESTÕES DE SUBSTRATO, SUPERSTRATO E ADSTRATO. **Soletras**, n. 4, p. 70-80, 2002.

GUARANÁ, Armindo. Glossário Etimológico dos nomes da Língua Tupi na Geografia do Estado de Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, ano II, vol. II, n. 5, p. 297-326, 1916.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil**, volume 2. Rio de Janeiro, IBGE, Coordenação de Cartografia, 2015a, 40 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88835_v2.pdf>

ISQUERDO, Aparecida Negri. La recherche toponymique au Brésil: une perspective historiographique. **Cahiers de lexicologie**: Revue internationale de lexicologie et lexicographie, n. 101, p. 15-36, 2012.

KADMON, Naftali (Coordenador). **Glossário de termos para a padronização de nomes geográficos** (versão concisa em português). Edição por Naftali Kadmon. Grupo de Trabalho sobre Terminologia Toponímica. Seleção, tradução e redação por Ana Maria Goulart Bustamante. Projeto de pesquisa “Terminologia e toponímia” IBGE-USP 2008-2009. Supervisora: Prof. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

KETTLE, Wesley. A importância dos povos indígenas para a preservação da natureza. **Governo Federal**, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/a-importancia-dos-povos-indigenas-para-a-preservacao-da-natureza>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MELO, Pedro Antonio Gomes de; SILVA, Manoel Messias Alves da. DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DE ALAGOAS (DITAL)–MUNICÍPIOS: UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA. **Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, p. 121-141, 2019.

MENEZES, Wanderlei. Considerações sobre a etimologia da palavra “itabaiana”. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 6, 2008. p. 155-165.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>>.

MOURA, Fatiny Almeida; BARDINI, Gyovanna; Santos, Vanessa de Jesus. Variação e mudança linguística: do estruturalismo à sociolinguística. **Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos (ISSN: 2526-3455)**, v. 5, n. 1, 2021, p. 26-36.

NAVARRO, Eduardo de Almeida; JÚNIOR, Edgard Tessuto. BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA. **Revista Metalinguagens**, ISSN 2358.2790, n. 5, Maio 2016, p. 25-35.

PRIA, Albano Dalla. TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA LÍNGUAS ANALÍTICAS E LÍNGUAS SINTÉTICAS. **Soletas**, n. 11, p. 113-121, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTANA, Pedro Abelardo de. **Aldeamentos indígenas em Sergipe Colonial: subsídios para a investigação de Arqueologia Histórica**. Dissertação. UFS, São Cristóvão, 2004.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. **A TOPONÍMIA EM SERGIPE: DESCRIÇÃO E ANÁLISE**. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Cláudio João Barreto dos. **Geonímia do Brasil: A Padronização dos Nomes Geográficos num Estudo de Caso dos Municípios Fluminenses**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, IGEO, 2008.

SARTORI, Tríssia Ordovás. **Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico**. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (orgs.) **Dicionários na teoria e na prática como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 29-37.

SILVA, Odália Bispo de Souza e. **Dicionário: uma abordagem discursiva**. Dissertação. Mestrado em Literatura e Crítica Literária. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

SILVA, Sivaldo Correia de. **Toponímia afro-indígena do Vale do Ipojuca**. Recife: UFPE, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras).

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; NETO, Eraldo Medeiros Costa; ARAÚJO, Gilberto Paulino de. Toponímia dos municípios de alagoas sob a perspectiva da ecolinguística. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)**, v. 7, n. 3, p. 55-80, 2021.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Beatriz Góis Dantas e os Índios em Sergipe**. In: CESAD; Temas da História de Sergipe I. p. 183-191. Disponível em: <https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17303324022014Temas_de_Historia_de_Sergipe_I_aula_19.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**, v. 6, n. 1, p. 6-19, 2020.

TAVARES, Marilze; ISQUERDO, Aparecida Negri. Subsídios para um dicionário de topônimos: o registro da motivação na construção dos verbetes. **Alfa: Revista de Linguística**. São José do Rio Preto, v. 66, 2022.

TEIXEIRA, José. O léxico também usa prada?: léxico, cognição e publicidade. In: ALMEIDA, A. D.; SANTOS, E. S.; SOLEDADE, J. (ed.). **Saberes lexicais: Mundos, mentes e usos**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 279-314.

TENT, Jan; BLAIR, David. Motivations for naming: the development of a toponymic typology for Australian placenames. **Names**. v. 59, n. 2, p. 67-89, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários: uma pequena introdução a lexicografia**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZAVAGLIA, Claudia. Metodologias em ciências das linguagens: lexicografia. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (org.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** vol. 1. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.

APÊNDICE A

CLASSIFICAÇÃO COMPLETA DOS TOPÔNIMOS

TOPÔNIMO	TAXE	ELEMENTOS MORFOSSEMÂNTICOS	
		GUARANÁ (1916)	OUTROS DICIONÁRIOS
Abahy	Hidrotópônimo	Abá- gente, homem; hy- água (rio da gente)	Abá- homem, o índio, pessoa/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Aguapetipa	Fitotópônimo	Aguapé- nome dado às plantas que vegetam na superfície das lagoas; aguá- redondo; pé- contração de péba chato; tyba- sufixo exprimindo abundância (lugar de aguapés, aguapezal)	Aguape- planta aquática/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Aguapy	Fitotópônimo/Hidrotópônimo	Contração de Aguapehy - Aguapé-y: rio de aguapés	Aguape- planta aquática/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Anhumas*	Zootópônimo	A-nhã-un, a ave preta (nome comum a duas espécies de aves ribeirinhas do gênero Palamede)	O mesmo que anhyma- ave (BUENO, 1984)
Aningas	Fitotópônimo	Nome de uma espécie de aroideae que nasce nas margens dos lagos e rios	Planta da família das aráceas (CUNHA, 1998)
Aparahyú	Fitotópônimo	A- fruta; apara- encurvada; yú- amarela (nome de uma fruta silvestre semelhante à massaranduba)	Apara- torto, curvo/ Yu- amarelo (BUENO, 1984)
Aracajú	Fitotópônimo	Ará- papagaio; acayú- caju ou cajueiro (os caju ou cajueiros dos papagaios)	Ara- tempo, estação/ Caju- fruta amarela (BUENO, 1984)
Aracaré	Zootópônimo	Ará- papagaio; caré- torto	Não encontrado
Araçá	Fitotópônimo	Fruta do araçareiro	Fruto do araçareiro (CUNHA, 1998)
Arambipe	Zootópônimo	Sernambi- molusco do gênero Lucina; çuru-namby- orelha muito aberta; pé-chata; ou arambi-pé: no topete, na ponta	Não encontrado
Arapiraca	Fitotópônimo	Árvore; pi- casca; aca- desligado, solto (árvore de casca que se solta)	O pau de casca solta (BUENO, 1984)
Araquan	Zootópônimo	Ave pertencente à ordem das galináceas	Não encontrado
Arara	Zootópônimo	Ará- papagaio (papagaio grande)	Ave psitacídea, maior que o papagaio, de plumagem multicolorida (BUENO, 1984)
Araticum ou Araticú	Fitotópônimo	A- fruta; r- letra eufônica; aticú- mole, rala	Fruta conhecida também por cabeça de negro, de consistência mole, grumosa e de sabor adocicado (BUENO, 1984)
Aratú	Zootópônimo	Espécie de caranguejo	Variedade de caranguejo (BUENO, 1984)
Araúá	Zootópônimo	Ará-guá- baixada dos papagaios	Não encontrado
Arauary	Fitotópônimo/Hidrotópônimo	Arauari- sardinha; y- rio (rio das sardinhas)	Peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1998)
Aricuriroba	Fitotópônimo	Iricuri-roba (aricuri amargoso)	Não encontrado
Ariticuiiba	Fitotópônimo	Araticu-yba/ árvore: pé de araticum	Araticu- Fruta conhecida também por cabeça de negro, de consistência mole, grumosa e de sabor adocicado/ Yba- árvore (BUENO, 1984)
Assú	Dimensiotópônimo	Açu- grande	Grande (BUENO, 1984)
Ayó	Germorfotópônimo	A- prefixo, cabeça, altura; ihó- seco (lugar alto seco, enxuto)	Não encontrado
Babú	Fitotópônimo	Se não for onomatopeia, parece ser a contração de ybá ou ubá-	Ybá- fruta, pé de fruta (BUENO, 1984)

		o que se colhe da árvore, fruta; bú- sufixo, significando sair, brotar (fruta que nasce)	
Baburubú	Fitotopônimo	Ybá ou ubá-árvore, fruta; urubu (árvore ou fruta de urubu)	Ybá- fruta, pé de fruta/ Urubu- o corvo (BUENO, 1984)
Bacupari	Fitotopônimo	Ibá-curú-pari (fruta cheia de pontas)	Determinada árvore da Amazônia (BUENO, 1984)
Baiacú	Zootopônimo	Mbãe-cu- coisa quente (nome de um peixe venenoso)	Pequeno peixe venenoso (BUENO, 1984)
Batinga	Fitotopônimo	Ybá-fruto; tinga- branco	O pau, a madeira branca (BUENO, 1984)
Biriba	Fitotopônimo	Mbir- casca; yba- árvore (árvore de casca)	Árvore da família das anonáceas que produz frutas amarelas saborosas (BUENO, 1984)
Bongue	Hidrotopônimo	Pong- baque, barulho	Não encontrado
Borburema	Ecotopônimo	Pora- gente; eyhma- sufixo negativo, significando- a falta de (sem gente, deserto)	Lugar deserto, sem habitantes (BUENO, 1984)
Bossaranha	Hidrotopônimo	Ybú-ça-rãi- saída do olho d'água	Não encontrado
Brumburum	Hidrotopônimo	Onomatopeia do ruído d'água	Não encontrado
Buira	Zootopônimo	Bu- alteração de yby-terra, chão; ira- mel, abelha (mel de abelha em cortiço feito no chão)	Yby- terra/ ira- mel (BUENO, 1984)
Bury	Fitotopônimo	Buri- palmeira do gênero Diploterium; y- rio (rio dos buris)	Espécie de palmeira (BUENO, 1984)
Cabobé	Zootopônimo	Caba-u- alt. De una bé: vespa negra que mora, isto é, lugar onde se encontram, onde existem vespas negras	Caba- vespa, marimbondo (BUENO, 1984)
Cabussú	Zootopônimo	Caba-uçu: vespa grande, marimbondo	Caba- vespa, marimbondo/ Assú- grande (BUENO, 1984)
Cabuta	Fitotopônimo	Cama—peito; buta—que sai, saliente. Em sesmaria de 1603 lê-se— Cajabuta e Cajabuta. Neste caso a etimologia será : acayá-buta: o cajá nascendo.	Cajá- fruta da cajazeira (BUENO, 1984)
Caçurú	Fitotopônimo	Cacá- folha, planta; çuru- escorregadia	Não encontrado
Caetetú ou Caititú	Zootopônimo	Tây- dente; titú- aguçado (mamífero da ordem dos Pachidermes).	Porco do mato (BUENO, 1984)
Cahype	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Caá-mata; y-rio; pe-no (no rio da mata)	O caminho do rio da mata (BUENO, 1984)
Caiçá	Fitotopônimo	Contração de Caiçara. Cai- queimada; ara- tempo; ou caá-mata; jussara- palmeira deste nome (Enterpes): mata de jussaras. Theodoro Sampaio dá a seguinte interpretação: caá-içá, galhos de mato.	O cercado de paus a pique (BUENO, 1984)
Caiçara ou Caissara*	Fitotopônimo	A mesma significação da palavra precedente	A mesma significação da palavra precedente
Cajá	Fitotopônimo	Acã-yá- fruto cheio de caroço: o cajá	Cajá- fruta da cajazeira (BUENO, 1984)
Cajahiba	Fitotopônimo	Acayá-yba- árvore (árvore do cajá, cajazeiro)	A árvore que dá cajá (BUENO, 1984)
Cajarana	Fitotopônimo	Acayá-rana- falso cajá, fruto parecido com o cajá	O falso cajá, fruta semelhante ao cajá (BUENO, 1984)
Cajú	Fitotopônimo	Acã- pomo, fruto; yú- amarelo	A fruta amarela (BUENO, 1984)

Cajuipe	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Acayú-y- rio; pe- preposição no (no rio dos cajús)	Caju+ y- rio + pe- preposição em (BUENO, 1984)
Calumby	Fitotopônimo	Caá- mato, folha; ombi- azul (planta classificada entre as Mimosaceas)	Não encontrado
Camaçari	Fitotopônimo	Cama- peito; eçari- lágrima, para significar gota de leite (árvore de construção cujos cortes na casca verte leite)	Leite que escorre em fio (BUENO, 1984)
Camadanta	Fitotopônimo	Com-mandá- feijão; antã- duro	Não encontrado
Camará	Fitotopônimo	Árvore do gênero Lantana	Designação comum a diversas plantas das famílias da verbenáceas e das solaráceas (CUNHA, 1998)
Camaratuba	Fitotopônimo	Camará-tuba ou tyba- abundância (muito camará ou camarás em quantidade)	Lugar onde há cambará (BUENO, 1984)
Cambanda	Fitotopônimo	Etimologia duvidosa	Não encontrado
Cambuata	Fitotopônimo/Zootopônimo	Tambú- barulho, rumor; atã- andar: nome de um peixe d'água doce, que tem a propriedade de andar em terra, fazendo ruído. É também uma árvore da família das sapindaceas, segundo o doutor rebouças	Peixe que se transporta, através do mato, de uma lagoa a outra, na época da seca (BUENO, 1984)
Cambuhy	Fitotopônimo	Cambú-y: água que se suga (nome da fruta de uma planta da família das myrtaceas)	Arbusto que produz fruta deliciosa, pequenina e redonda (BUENO, 1984)
Camoropim	Zootopônimo	Deriva-se de popopi-poropi: vem de longe (nome de um peixe conhecido)	Não encontrado
Cananga	Fitotopônimo	Caá- mata; nhanga- cheiroso (planta cheirosa)	Árvore odorífera da Amazônia (BUENO, 1984)
Canapum	Fitotopônimo	Canã- chocalho; u- contração de puba, mole; nome de uma fruta silvestre	Árvore cujo fruto é comestível (BUENO, 1984)
Cancamunhé	Zootopônimo	Cancan- ave aquática, moen- fatigado, cansado (cancão cansado)	Cancã- pássaro cujo nome é tirado do seu canto
Canguandá	Fitotopônimo	Acã- caroço; quã- mole; andã- amêndoa (fruto do caroço mole)	Não encontrado
Cangui	Hidrotopônimo	Acang- cabeça; guí- que vem, que saí (procedente, vindo da nascente)	Não encontrado
Canhoba	Fitotopônimo	Canhã- esconder, murchar; oba- folha (folha que se fecha)	Não encontrado
Canindé	Zootopônimo	Can-ndê- retinto, escuro (nome de uma espécie de arara de cor azul)	Arara (BUENO, 1984)
Canine	Sociotopônimo	Canhen- a fugida; lugar de esconder, esconderijo	Não encontrado
Capaum	Fitotopônimo	Caá- mato; paú- ilha (ilha de mato)	A ilha do mato (BUENO, 1984)
Capim-assú	Fitotopônimo	Caá- mato; pyi- fino; assú- grande (grama alta)	Capim-gramínea, erva/ Assú- grande (BUENO, 1984)
Capivara	Zootopônimo	Capyi-uara- comedor, o que se sustenta de capim; o maior roedor do Brasil	Animal semelhante ao porco e que se alimenta de capim (BUENO, 1984)
Capunga	Fitotopônimo	Caá-pun-ga- cortando (mato que rasga, fere)	Pau, madeira que, percutida, ressoa (BUENO, 1984)

Carahyba	Animotopônimo	Alteração de caray- forte, valente	O europeu, o sábio, o santo (BUENO, 1984)
Carahybas	Animotopônimo	A mesma significação da palavra precedente (os tupis davam aos brancos o nome de Carahybas)	A mesma significação da palavra precedente
Caramindó	Fitotopônimo	Cará- inhame; mindó- tirado, colhido	Cará- raiz, tubérculo comestível (BUENO, 1984)
Carapitanga	Zootopônimo	A-cará- cabeça áspera, peixe escamoso d'água doce; pitanga- vermelho (acarás vermelhos, carapitangas)	Cará- de acará- o cascudo, nome de um peixe revestido de uma espécie de couraça/ Pitanga- fruto da pitangueira, que se qualifica pela sua cor vermelha (BUENO, 1984)
Caripáo	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Caá- mata; r- letra euphonica; y- rio; paû- no meio, entre (o rio no meio da mata)	Caá- mato, erva e planta em geral (BUENO, 1984)
Carira	Fitotopônimo	Caá- ira (mel de páo)	Caá- mato, erva e planta em geral/ Ira- mel (BUENO, 1984)
Carité	Germorfotopônimo	Car- alteração de ; quara- buraco; ité- feio (buraco muito fundo, abismo)	Quara- o buraco, a cova, o esconderijo, o refúgio/ Ité-verdolengo, não bem amadurecido (BUENO, 1984)
Carnahyba	Fitotopônimo	Caraná- nome dado a diversas espécies de palmeiras do gênero Mauritia; yba- planta, árvore	Nome de uma palmeira mais conhecida por carnaúba (BUENO, 1984)
Carnaúba	Fitotopônimo	Caraná-uba- palmeira que se extrai a cera com que se fazem velas para dar luz	A mesma significação da palavra precedente
Caróba	Fitotopônimo	Caá-roba- folha que trava, amargosa	Planta medicinal de propriedades purificativas do organismo (1984)
Caruara	Zootopônimo	Nome de uma moléstia, espécie de paralisia, segundo o General Visconde de Beaurepaire Rohan, ou comichão, sarna, na opinião do Dr. T. Sampaio. É também o nome de uma formiga.	Aguada que provoca comichões, coceiras, sarna, boubá (BUENO, 1984)
Cassunguê	Zootopônimo	Ca-çun-guê- vespas extintas	Cassununga- vespa, espécie de marimbondo (BUENO, 1984)
Catambra	#	Significação incerta	Não encontrado
Catête	Zootopônimo	Segundo T. Sampaio, corruptela de tãe-tetu, comumente chamado de caitetú. Vide este nome.	O mesmo que cateto, caitetu, o porco do mato, a queixada (BUENO, 1984)
Catolé	Fitotopônimo	Nome comum a diversos gêneros de palmeiras (há dúvida sobre ser de origem tupi)	Nome de uma das muitas variedades de palmeiras do norte do Brasil (BUENO, 1984)
Catú	Animotopônimo	Catú- bom, bonito	Bom, bonito (BUENO, 1984)
Caúnga	Fitotopônimo/Ergotopônimo	Caa- mata; u- preto, escuro; anga- alma, vulto (o duende preto da mata)	Caá- mato, erva e planto no geral/ U- preto, negro/ Anga- alma, visão, sombra, assombração (BUENO, 1984)
Cipó	Fitotopônimo	Yci-pó- galho que se agarra	A mão do galho, liana, sarmento de plantas que faz as vezes de corda para amarrar (BUENO, 1984)
Cobocó	Zootopônimo	Corruptela de Capa, ocó- indicativo da existência de alguma coisa (lugar em que há vespas)	Não encontrado
Coité	Fitotopônimo	Corruptela de cui-ê- vaso real, cuia boa (fruta da cuitezeira)	Cuia excelente, vasilha boa (BUENO, 1984)
Comendaroba	Fitotopônimo	Comandá- feijão; róba- amargoso	Comandá- toda e qualquer fava, feijão/ Roba- amargo (BUENO, 1984)

Conga	#	Particípio passado do verbo cong- engolir	Não encontrado
Coroatá	Fitotopônimo	Coroá por carauá; tâ- duro, forte (o crauá rijo, forte)	Carauá- bromélia, cujas fibras são aproveitadas no fabrico de cordas, barbantes etc (BUENO, 1984)
Cotegipe	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Acuti- cotia; gy- rio; pe- no (no rio das cotias)	Aguti- pequeno roedor conhecido por cotia/ Pe- preposição em
Cotinguiba	Litotopônimo	Ybi- terra; caui- pó; tinga- branco; tyba- lugar (lugar de pó branco de terra, isto é, areal)	Yby- terra/ Tinga- branco, alvo, claro/ Tyba-palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984)
Cramucé	Ergotopônimo	Carã-mocé (arco que atira, que expele)	Não encontrado
Cruanha	Litotopônimo	Curu- seixo, cascalho; ãe- áspero	Não encontrado
Cruará	Litotopônimo	Curú-ará- seixos reunidos, empilhados	Não encontrado
Cuhy	Hidrotopônimo	Cui-y- rio das cuias	Cuí- pó, areia, farinha, de uy, cuy/ y- rio (BUENO, 1984)
Cuiabá	Animotopônimo	Cuy-abá- gente forte, valente	Cuy- o mesmo que cuí/ abá- homem, o índio, pessoa (BUENO, 1984)
Curimatá	Zootopônimo	Corruptela de curumbatá (nome conhecido peixe semelhante ao salmão)	Peixe da família dos caracídeos (CUNHA, 1998)
Curituba	Fitotopônimo	Curi por licury ou nicury, corruptela de iricury; tyba ou tuba- frequência, abundância (lugar de aricurizeiros)	Curi- pinhão, pinheiro que dá o pinhão/ tyba- lugar onde há muitos pinheiros (BUENO, 1984)
Curuba	Litotopônimo	O mesmo que curú-seixo. Também significa sarna, tumores	Espinha do rosto, bolha de pele, sarna: bolota, caroço (BUENO, 1984)
Cururú	Zootopônimo	Curú-rú- sapo grande, roncador	Sapo (BUENO, 1984)
Dangy	Animotopônimo	Corresponde ao diminutivo tangy- novinho, fresquinho	Não encontrado
Embira	Fitotopônimo	Corruptela de mbir- casca de árvore. Ybirá- árvore	Designação comum a várias plantas, particularmente as da família das anonáceas, que fornecem material para cordas e estopa; fibra vegetal usada como corda (CUNHA, 1998)
Emboaçada	Zootopônimo	Em-boá- corr. De amboá- centopeia; çabe- áspero, ardente (centopeia que arde, que queima, lagarto de fogo)	A passagem, lugar de atravessar (BUENO, 1984)
Gahú	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Guaia-hú- rio dos caranguejos	Guaia- uma das espécies de caranguejo (BUENO, 1984)
Ganhamoroba	Fitotopônimo	Guaiamû- crustáceo conhecido; óba- folha (folha com que os guaiamuns se alimentam)	Guaiamum- caranguejo da família dos gecarcinídeos (CUNHA, 1998)/ Oba- folha (BUENO, 1984)
Garajáu	#	Duvidosa a origem indígena deste vocábulo	Não encontrado
Garangáu	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	A não ser corr. De carandá- palmeira deste nome; u- rio, não há como interpretar	Não encontrado
Gararú	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Gará- corr. De guará; (r) u- água (rio de guarás) / Sendo corr. De guarerú quer dizer: vasilha d'água	Guariru- Tina d'água, balde (BUENO, 1984)
Garatuba	Zootopônimo	Gara por guará; tuba ou tyba- abundância (lugar frequentado por guarás)	Guará- a garça; Tyba- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984)

Genipapo	Fitotopônimo	Corr. De yá-ndi-paba (frutos muitos estância - referência à grande quantidade de frutas que o genipapeiro carrega)	Fruto das extremidades que dá suco (BUENO, 1984)
Genipatuba	Fitotopônimo	Genipatyba- onde abundam genipapos	Genipapo- fruto das extremidades que dá suco/ Tyba- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984) (BUENO, 1984)
Gerú	Zootopônimo	Corr. De ajudar- pescoço; u- preto, escuro: ájurú ou agerú (nome de uma espécie de papagaios)	Nome de uma variedade de papagaio que aprende a falar, que tem boca que fala (BUENO, 1984)
Giboia	Zootopônimo	Gyi- rã grande; mboy- cobra (anfíbio que se alimenta de gias e tás)	Cobra de grande volume e força constrictora com a qual quebra os ossos da vítima para depois a engolir (BUENO, 1984)
Gitimana	Fitotopônimo	Giti por yety- batata; mana- feixe, porção (braçado de batatas)	De jetic- batata (BUENO, 1984)
Gitirana	Fitotopônimo	Yety- batata; rana- semelhante, igual (parecido com batatas) Significação alusiva às folhas dessas duas plantas que muito se assemelham	De jetic- batata; rana- semelhante, semelhante à batata (BUENO, 1984)
Goiaba	Fitotopônimo	Acoyá- muito caroço, grande quantidade de grãos	O agregado de caroços (BUENO, 1984)
Gongá	Zootopônimo	Nome de uma espécie de sabiá (pode ser de origem africana)	Não encontrado
Gravatá	Fitotopônimo	Contração de Carauá- espécie de bromelia; atá- forte, rijo	Forma vulgar de caraguatá/ Caraguatá- planta espinhosa que produz frutas amarelas em cachos fortemente ácidos.
Guajerú	Fitotopônimo	Corr. De guá- o que, o indivíduo; yarú- cacho, penca (a árvore de cachos)	Nome de uma palmeira muito rica em cachos do seu fruto (BUENO, 1984)
Guandú ou Gandú	Zootopônimo	Corr. De Coandú ou Quandú (pequeno mamífero da família dos roedores)	Quandú- porco-espinho, ouriço (BUENO, 1984)
Guararema	Animotopônimo/Fitotopônimo	Guára- o que, certa coisa; rema- que exala mau cheiro (indivíduo fetido, alusivo à planta comumente conhecida por pau d'álho)	A madeira fétida, o pau d'álho (BUENO, 1984)
Guarujahy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Guarú-yá-hy- rio onde vivem os guarús, peixe pequeno conhecido pelo nome barrigudinho	Guarujá- viveiro de garús/ y- rio (BUENO, 1984)
Guaxuma	Fitotopônimo	Corr. De guácyma, o que é liso, sedoso. Nome de diversas espécies de plantas da família das malvaceas	Guaxima- nome comum a numerosas espécies de plantas de diversas famílias afins, que fornecem fibras têxteis utilizadas para cabos, cordas, vassouras etc (CUNHA, 1998)
Ibararema	Fitotopônimo	Mesmo que Guararema, segundo o autor da "História de Sergipe". Ybyrá- pau, madeira; rêma- fetida	A mesma significação da palavra Guararema
Ibura	Hidrotopônimo	Y- água; bu ou bura- que borbulha (minadouro, olho d'água)	Água que surge, fonte, manancial (BUENO, 1984)
Imbaúba	Fitotopônimo	Mbá-ubá- árvore do tronco furado, oco	Não encontrado
Imbirussú	Fitotopônimo	Mbir- casca; uçú- grossa	Imbira grossa, grande (BUENO, 1984)
Imbucury	Dirrematopônimo	Corrupção de mbo-curi, construindo a frase: forma-se de repente/ faz-se depressa	Não encontrado
Imbura	Hidrotopônimo	A mesma etimologia de Ibura	A mesma significação da palavra Ibura
Inajaroba	Fitotopônimo	Inajá-roba- inajá amargoso	Inajá- uma das muitas espécies de palmeiras/ Roba- amargo

			(BUENO, 1984)
Indaiatuba	Fitotopônimo	Indaiá-tuba- abundância de palmeiras indaiás	Indayá- uma das muitas espécies de palmeiras (BUENO, 1984)
Indiaroba	Fitotopônimo	Corruptela de indayá-roba- indayá armagose, espécie de palmeira indyá	Indayá- uma das muitas espécies de palmeiras/ Roba- amargo (BUENO, 1984)
Ingá	Fitotopônimo	Y-igá- o que é úmido, ensopado, espécie de palmeira indayá	Árvore que produz fruto dentro de uma bainha, brancos e adocicados (BUENO, 1984)
Inhumas ou Anhumas	Zootopônimo	A-nhã-un, a ave preta (nome comum a duas espécies de aves ribeirinhas do gênero Palamede)	Mesmo significado de Anhumas
Intans	Litotopônimo	Corr. De Itan, deriva dos termos y-despegar; tã-metade (espécie de conchas bivalvez, que se abrem em duas metades iguais)	Itã- concha (BUENO, 1984)
Ipanema	Hidrotopônimo	Y-água; panema- ruim	A água ruim, o rio sem peixes (BUENO, 1984)
Iriquitiba	Fitotopônimo	Mesmo que Ariticuiba	Mesmo significado de Ariticuiba
Itabaiana	Litotopônimo/Sociotopônimo	Itã- pedra; toba- aldeia; oane-alguém (naquela pedra mora alguém, há uma aldeia com gente)	Nome de serra (BUENO, 1984)
Itabaianinha	Litotopônimo/Sociotopônimo	Etimologia da palavra precedente	Mesmo significado da palavra precedente
Itacanema	Hidrotopônimo	Y- água; taca- ruidoso; nema- fetido (água fetida em bulício, encrespada)	Não encontrado
Itacotiara	Litotopônimo	Itã- pedra; cuatiára- pintada, escrita	Itacutiara- Pedra desenhada (BUENO, 1984)
Itaguahy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Taguá-hy- rio do tauá, também denominado Taguahy	O rio de itaguaba (BUENO, 1984)
Itamirim ou Tahymirim	Litotopônimo/Hidrotopônimo	Itan-hy-mirim- rio pequeno dos itans	Pedrinha, pedregulho, seixo (BUENO, 1984)
Itanhy	Litotopônimo/Hidrotopônimo	Itan-hy- rio das conchas das itans	Itã- concha/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Itaparaguá	Zootopônimo	Corr. De taperoá	Não encontrado
Itaberoá	Zootopônimo	Vide taperoá	Não encontrado
Itapicurú	Litotopônimo/Hidrotopônimo	Itapé-lage; curú- seixo, lage formada de seixos. Itã- pedra; pucu- comprida, longa; (r) ú- rio (rio da pedra comprida exprime melhor o que indica este nome)	A laje formada de cascalhos ou seixos (BUENO, 1984)
Itaporanga	Litotopônimo	Itã- pedra; poranga- bonita	Pedra bonita (BUENO, 1984)
Itapuama	Litotopônimo	Itã, poã- levantar (pedra erguida, em pé)	Itã- pedra, rocha, penedo, rochedo/ Poã- dedo da mão (BUENO, 1984)
Itaquahy	Hidrotopônimo/Fitotopônimo/ Litotopônimo	Y- água; taquar- taquara i- sinal de diminutivo (rio das taquaras pequenas, isto é, dos taquaris)	Itaquá- a ponta da pedra, o pico/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Itiôca	#	Iti-ôca- sítio onde amontoa o cisco, o paradeiro do cisco	Não encontrado
Jabibery	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Corr. De Ya-pe-bira-y (rio dos indivíduos de pele áspera, isto é, rio das arraias)	Jabebyra- o que a pele áspera ou pele de lixo. Nome do peixe arraia (BUENO, 1984)
Jaboatão	Fitotopônimo	Ya-poatã- tronco linheiro (nome de uma árvore que dá mastro	Árvore de tronco reto de que faziam mastros para a canoa

		para embarcação	(BUENO, 1984)
Jabotiana	Zootopônimo	Corr. De Yá-ú-ti- animal que não bebe, cágado; ana- semelhante (parecido com cágado)	Não encontrado
Jaboticaba	Fitotopônimo	Yauti-guaba- comida de cágado; iapoticaba- frutas em botão, aludindo à aderência dessa fruta no tronco, em forma de botão)	O fruto em forma de botão (BUENO, 1984)
Jaburú	Zootopônimo	Ya-abirú- indivíduo, animal farto, de papo cheio	O que tem o papo cheio e é o mesmo que jabiru (BUENO, 1984)
Jacaré	Zootopônimo	Y-a-carê- o indivíduo torto, sinuoso. Também pode ser y-echá-caré- o que olha de banda. Nome de diversas espécies de crocodilos	Aquele que olha de lado, aquele que é torto (BUENO, 1984)
Jacarecica	Zootopônimo	Yacaré-icica (baba do jacaré)	Não encontrado
Jaciobá	Fitotopônimo	Vide jassubá	Não encontrado
Jacóca	Fitotopônimo	Yá-cóca- fruta nutriente; ou por outra: yú-á-coca- a roça de frutas de espinhos, isto é, juás	Não encontrado
Jacú	Zootopônimo	Y-a-cú- o que se alimenta de frutos	Nome de uma ave galinácea de carne apreciada pelos caçadores (BUENO, 1984)
Jacúruna	Zootopônimo	Yacú-(r)- letra eufônica; uma- preto (o jacú preto)	Jacuruna- o jacu preto (BUENO, 1984)
Jaguaribe ou Jaguaripe	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Jaguar ou yaguar; y-rio; bé ou pé (rio das onças)	No rio das onças (BUENO, 1984)
Jaguary-mirim	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Yaguar- onça; y- rio; mirim- pequeno	Jaguary- o rio das onças/ Mirim- pequeno (BUENO, 1984)
Japaratuba	Hidrotopônimo	Y- rio; apara- volta; tuba- frequência (rio de muitas voltas)	Y- água, rio/ Apara- torto, curva, entrevado, paralítico/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Japaratuba-mirim	Hidrotopônimo	Acrescente à explicação precedente a palavra mirim- pequeno	Mesma significação da palavra precedente mais a palavra mirim
Jaramataia	Ergotopônimo	Jara por uara- o que come; mã- forma contraída de mbaê- coisa, objeto; taia- picante, ardente (o comedor de coisas, de alimentos picantes)	Não encontrado
Jassubá ou Jaciobá	Fitotopônimo	Vide este último nome. Yas-subá: yá-cybá (fruto liso)	Não encontrado
Jatahy	Fitotopônimo	Corr. De yá- fruto; atã- rijo; yb- árvore (árvore de fruto duro)	A árvore de fruto duro (BUENO, 1984)
Jatobá	Fitotopônimo	Iatay-yba- á- sufixo, o que procede da árvore do jatahi, isto é, o fruto do jatahi	O mesmo que jatay (BUENO, 1984)
Jiqui	Ergotopônimo	Y-iké-i: aquilo em que se entra, isto é, artifício de apanhar peixes	O covo de pescar (BUENO, 1984)
Jiquiry	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Yiki-(r)-y: rio de jiquis. Sendo corr. De Juqueri significa- espinheiro deitado, esgalhado, como expressão dos termos- yu-ker-i	Não encontrado
Jiquitibá	Fitotopônimo	Yiki-jique; -(t)-ybá- fruto.	Árvore de grande porte (BUENO, 1984)

Jundiá	Zootopônimo	Yu-ndi-á, o que tem a cabeça cheia de espinhos (peixe de água doce, a que também dão o nome de bagre)	Nome de peixe bagre (BUENO, 1984)
Jundiata	Zootopônimo	Jundiá, êta- signal de pluralidade: os jundiás	Jundiá- nome de peixe bagre/ Etá- sufixo que indica plural (BUENO, 1984)
Jurema	Fitotopônimo	Yu- espinho; rema-fedorento; ou de outro modo; yu- espinheiro; -(r)-ema- que dá suco. Leguminosa do gênero Acacia	Árvore espinhosa muito comum na Bahia (BUENO, 1984)
Lucú	Fitotopônimo	Corr. De Urucú, nome dado à polpa avermelhada da semente do urucuzeiro, arbusto da família Bixa.	Urucu- planta de que fazem um pó vermelho usado como corante (BUENO, 1984)
Macambira	Fitotopônimo	Mã-cambira, molho áspero, que espinha; Elementos de botânica geral e médica	Nome de uma planta espinhosa (BUENO, 1984)
Macuna	Zootopônimo	Possível que seja uma alteração de macã-uma - o pato escuro	Não encontrado
Mandaçaia	Ecotopônimo/Zootopônimo	Manda-ninho; çãia-saliente (referência à entrada saliente do cortiço feito pela abelha deste nome)	Variedade de abelhas que fazem o ninho de barro (BUENO, 1984)
Mandacarú	Fitotopônimo	Manda-molho; curú-espinho (o molho, o feixe de espinhos)	Fruto espinhoso a que muitos dão o nome de figo-da-Índia (BUENO, 1984)
Mandins	Zootopônimo	Madiy-bagre (espécie de peixe fluvial)	Mandi- bagre (BUENO, 1984)
Mangaba	Fitotopônimo	Corr. De mongaba-coisa pegajosa (propriedade que tem a mangabeira de destilar um suco leitoso)	Fruto da mangabeira (BUENO, 1984)
Mangabeira	Fitotopônimo	Mesmo significado da palavra precedente com a posposição do sufixo português -eira- para designar a árvore da mangaba, a mangabeira	Mesmo significado da palavra precedente com a posposição do sufixo português -eira- para designar a árvore da mangaba, a mangabeira
Maniçoba	Fitotopônimo	Many-(ç)óba- folha (a folha da maniva)	Arbusto de eufoorbiáceo de cujo látex se fazia a borracha (BUENO, 1984)
Maracanahy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Ma-racá-nã- que imita o maracá; hy- água (rio das maracanãs)	Maracanã- nome de uma arara, papagaio/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Maracujá	Fitotopônimo	Corr. De Ma-raú-ya; Ma-rã-ú- o que se toma aos sorvos; yá-fructo (fruta que se ingere chupando)	Fruto do maracujazeiro, planta trepadeira que produz primeiramente uma flor cujas tintas lembram a cara de um gato; depois um fruto arredondado, ora verde, ora roxo escuro cujo conteúdo, de um leve sabor agridoce é muito apreciado (BUENO, 1984)
Marahú	Fitotopônimo	Etimologia da palavra precedente na primeira parte da decomposição; Maraú (planta que produz o maracujá, maracujazeiro)	Não encontrado
Maratahy	Fitotopônimo	Ymirá-árvore; itá-rocha, o que é duro; hy-rio (rio do pau-ferro)	Não encontrado
Mari	Fitotopônimo	Corr. De ymari- árvore que dá água (planta da família das leguminosas)	Árvore espinhosa (BUENO, 1984)
Marianga	Fitotopônimo	Mari-anga (a sombra do Mari)	Mari- árvore espinhosa/ Anga- alma, visão, sombra,

			assombração (BUENO, 1984)
Maribondo	Zootopônimo	Corr. De mberú-ybô (mosca que fere como flecha)	Marimbondo- vespa agressiva (BUENO, 1984)
Maroim	Zootopônimo	Meru-mosca; i-pequena (mosquito)	Maruim- nome do mosquitinho pólvora ou borrachudo que se prolifera nos mangues, águas paradas, beira de rio (BUENO, 1984)
Massaranduba	Fitotopônimo	Corr. De mo-çarandy-yba (pau que faz escorregar - refere-se ao uso que os índios faziam do tronco desta árvore, por cima do qual rolavam a madeira que tinham de transportar)	Não encontrado
Matiapoan	Ergotopônimo	Matu- coisa insignificante; apoã- arredondada	Matuim- coisa pequena, insignificante/ Apoã- cabo, ponta de terra; ponta de árvore (BUENO, 1984)
Miaba	Ergotopônimo	Mbiaba- a prisão, o esconderijo	Não encontrado
Miauhy ou Miauhú	Dimensiotopônimo	Mbiáyhú- o escravo, o capturado; etimologia: ibi-terra; hy-água; pabaó-fugir (terra que sai d'água, ilha)	Não encontrado
Miranga	Animotopônimo	Mbir-pele; anda-tenra, macia	Não encontrado
Mocoló	Zootopônimo	Mocoó- fazer arder, queimar, para designar certos mosquitos dos brejos	Mocoi- mosquitinho (BUENO, 1984)
Mocory	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Mocó-(r)-y-rio (rio dos mocós)	Mocó- nome geral dos roedores/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Mombuca	#	Mô-fazer; buca-entrada, furo	Furar, rachar, fender, arrebentar (BUENO, 1984)
Mondé	#	Mô-ndé-cobrir, fazer cobrir (o alçapão, a armadilha)	Não encontrado
Moquem	Ergotopônimo	Mo-caê - o que faz assar; grelha feita de tóros de pau para assar carne; moquear	Mocae- tostar, queimar, superficialmente, assar na brasa, na grelha (BUENO, 1984)
Moquens	Ergotopônimo	Palavra precedente no plural	Mesma significação da palavra precedente no plural
Mucunanduba	Fitotopônimo	Mucunã-planta brasileira; diba-abundância (mucunãs em quantidade)	Mucunã- planta trepadeira, parasita de árvores e cujas favas embora venenosas, são comidas pelos indígenas/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Mucury	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Mucur, corr. De mucura-gambá; y-rio (rio dos gambás)	Rio das raposas, dos gambás (BUENO, 1984)
Muribeca	Zootopônimo	Merú-beca - a mosca importuna	A mosca importuna (BUENO, 1984)
Murici	Fitotopônimo	Mô-rici- o que dá resina; Família de plantas de diversas espécies	Árvore ou arbusto da família das malpighiáceas que produzem frutos de sabor agradável (BUENO, 1984)
Muriçoca	Zootopônimo	Merú-çoca- mosca que dá picadas	Variedade de mosquito (CUNHA, 1998)
Mussuca	Ergotopônimo	Corr. De mô-cyca- fazer chegar, puxar para si, exprimindo o modo de derrubar o gado na carreira, puxando-o pela cauda	Não encontrado
Mussuipe	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Mocym-y-pe- no rio dos moçuns; Moçum quer dizer faz que escorregue, mô-cym. É uma espécie de enguia (peixe) com a mesma propriedade de ter a pele escorregadia	Não encontrado

Mussununga	#	Mô- faz; cynynga- rumor (faz que ronca)	Não encontrado
Niquim	Zootopônimo	Nhi-qui- ponta que encrespa, o que se arrepia; Nome de um peixe pequeno de cor negra armado de esporões com que fere a quem o pisa produzindo febre e dores de cabeça	Peixe do mar (BUENO, 1984)
Nitheroy	Hidrotopônimo	Corruptela de nhê- abrigar; terô-coisa encurvada, fazendo seio; y-água (seio d'água abrigado)	Água que se esconde (BUENO, 1984)
Oiti	Fitotopônimo	Ui- massa; ti- dura, comprimida (fruta cuja polpa é compacta e úmida)	Árvore rosácea (BUENO, 1984)
Opara	Hidrotopônimo	Hibridismo formado do artigo português -o- com o vocábulo tupi -pará- para exprimir a grandeza desse rio	Perdido, vago, errante, tonto (BUENO, 1984)
Ouricury	Fitotopônimo	Corr. De arícuri; Ari por iri- cacho; curii- amiudado (o que dá cacho contínuo, cacho de frutos muito juntos apinhados)	Nome de uma palmeira que dá sempre cachos de coquinhos (BUENO, 1984)
Pacatuba	Zootopônimo	Paca-tyba ou tuba - pacas em abundância, lugar em que há pacas	Paca- mamífero roedor cuja carne tem sabor de carne de porco/ Typa- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas coisas (BUENO, 1984)
Para-mirim ou parna-mirim	Hidrotopônimo	Pará-mirim - mar pequeno	Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Mirim- pequeno (BUENO, 1984)
Paramopama	Dirrematopônimo	Pará por pirá- peixe; mopoam-enganar, iludir (o peixe enganou, frase que serve para indicar a ausência de pesca em certas marés, não obstante ser o rio abundante em peixes)	Não encontrado
Parapitinga	Hidrotopônimo	Pará- rio; petinga- branco	Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Petynga- salmilhado de branco (BUENO, 1984)
Parapuca	Hidrotopônimo	Pará- rio; puca- partido (entrada, braço de rio)	Pará- mar e também rio grande, de grande volume de água/ Pucá- furar, esburacar, rachar, fender (BUENO, 1984)
Paratigy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Parati- tainha; gy- rio (rio das tainhas)	O rio das tainhas (BUENO, 1984)
Paraúna	Hidrotopônimo	Pará- rio; uma- negro, escuro	Rio preto (BUENO, 1984)
Paruhy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Parú- peixe; hy- rio (rio de parús)	Paru- peixe-enxada/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Pary	Ergotopônimo	Pari- cercado para apanhar peixe, armadilha de pesca	Pesqueiro, lugar cercado para apanhar peixe, curral (BUENO, 1984)
Paty	Fitotopônimo	Palmeira do gênero Syagrus	Nome de uma palmeira de cujas fibras faziam as cordas das redes de dormir (BUENO, 1984)
Patióba	Fitotopônimo	Pati-oba - a folha do pati	Pati- nome de uma palmeira de cujas fibras faziam as cordas das redes de dormir/ Oba- folha, coberta, roupa (BUENO, 1984)
Payáyá	Animotopônimo	Payé- pagé; yá- contração de yara- hábil, esperto	Não encontrado
Periperi	Fitotopônimo	Piri-piri- aumentativo de piri- junco (junco alto, comprido)	Píri- junco aquático de que se faziam esteiras (BUENO, 1984)
Piabanha	Zootopônimo	Piá-bãi- o que é pintado, o que tem mancha	Piaba pintada, salmilhada (BUENO, 1984)
Piabussú	Zootopônimo	Piaba- peixe d'água doce; assú ou açú- grande (piaba grande)	Piaba- peixe da água doce/ Assú- grande (BUENO, 1984)

Payé- pagé; yá- contração de yara- hábil, esperto	Fitotopônimo	Nome dado à fibra da palmeira do gênero Attalea. Corr. Deapé- açaba que, em tupi, significa saída do caminho	Planta fibrosa de que se fazem vários utensílios caseiros como vassoura, "pincel" para asseio dos vasos sanitários etc (BUENO, 1984)
Piáu	Zootopônimo	Py- pele; yáu- manchada (peixe d'água doce)	De pele suja, manchada, falando-se de peixes (BUENO, 1984)
Piauhý	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Piau- peixe; hy- água (rio de piáus)	O rios dos pias (BUENO, 1984)
Piauhýtinga	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Piau-hy; tinga- claro (rio claro de piáus)	Piauhý- rio dos pias/ Tinga- branco, alvo, claro (BUENO, 1984)
Pindoba	Fitotopônimo	Pind- contração de pindá- anzol; oba- folha	A folha da palmeira da qual faziam as físgas, os anzóis (BUENO, 1984)
Pirá	Zootopônimo	Pirá- peixe	Peixe, mas o peixe de pele ou de couro, que não tem escamas (BUENO, 1984)
Pirambú	Sociotopônimo/Zootopônimo	Pirá-mbur, que faz vir peixe, lugar onde se reúne ou se pesca peixe	Peixe sargo (BUENO, 1984)
Pirambuê	Hidrotopônimo	Pará- mar; mbo- feito; é- de modo diferente (grande tanque, represa)	Não encontrado
Piranema	Zootopônimo	Pirá-nema - peixe fedorento	Pira- Peixe, mas o peixe de pele ou de couro, que não tem escamas/ Nema- fedor, mau cheiro (BUENO, 1984)
Pirangy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Piran-gy- rio das piranhas	Peixe- tesoura, terrível peixe devorador, dos rios/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Piranha	Zootopônimo	Pirá-tanha, peixe dente ou pir-pele; ãi- que rasga, corta (peixe de rio e lagoa, conhecido pela sua voracidade)	Peixe- tesoura, terrível peixe devorador, dos rios (BUENO, 1984)
Pitanga	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Pi-tanga o mesmo que piranga- vermelho, contração de ybá- pitanga, fruta vermelha; hy-pitanga- água vermelha	Fruto da pitangueira que se qualifica pela sua cor vermelha; que tem a pele, a cutis vermelha, corada (BUENO, 1984)
Pitú	Zootopônimo	Py-t-ú- pele escura; camarão	Não encontrado
Pituara	Animotopônimo	O cansado, o fatigado, exausto, sem forças	Pitubara- cansado, desfalecido, sem forças (BUENO, 1984)
Pituba	Animotopônimo	Significa o hálito, a respiração, o fôlego.É possível também ser a corr. De pitiú ou pitium, transformado em pituim, como se pronuncia neste Estado, e que quer dizer— cheiro incômodo, desagradável. Chama-se também pituba a pessoa preguiçosa	Tingir com urucu e azeite o corpo; foi aplicado pelos missionários na significação de ungir (BUENO, 1984)
Pituhý	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Pitu-hy- rio de pitús, camarões	Não encontrado
Pomonga	#	Pomonda- visgo grude. Apomong em guarani significa espesso, pegajoso	Viscoso, pegajoso, grudento, mole (BUENO, 1984)
Potihypeba	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Poti- camarão; hy- rio; peba- raso (rio raso de camarões)	Potim- camarão/ Y- água, rio/ Pebá- chato, de pequena altura (BUENO, 1984)
Potitiba	Zootopônimo	Poti-tyba (camarão em abundância, lugar de muito camarão)	Potim- camarão/ Tyba- palavra que entra na composição de outras com a ideia coletiva de muitas cousas (BUENO, 1984)
Poxi	Animotopônimo	Po-chii- feio, ruim	Poochí- feio, ruim, mau, sujo, torpe (BUENO, 1984)

Poxim	Hidrotópônimo	Y- rio; puchi- feio (rio feio, água ruim)	Poochí- feio, ruim, mau, sujo, torpe/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Poxim-mirim	Hidrotópônimo	Diminutivo do precedente	Diminutivo do precedente
Preapú	Zootópônimo	Preá por Apereá- conhecido por roedor; pú- barulho, rumor	Preá- certa espécie de coelho selvagem/ Pú- onomatopeia de estambido, tiro, explosão, forte (BUENO, 1984)
Propriá	Axiotópônimo	Corr. Do po-piá, significado ferrão, dente de cobra, segundo o Dr. Th. Sampaio. Nome de um chefe das tribos extintas então existentes no território sergipano	Alteração brasileira de popiá, o ferrão, o dente de cobra (BUENO, 1984)
Pucahy	Hidrotópônimo	Puca- entrada, furo; y- água (o rio do furo)	Pucá- furar, esburacar, rachar, fender/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Quebrari	Hidrotópônimo	Origem duvidosa. A admitir como a alteração de qui-pará- r-y, significa água do mar suja	Não encontrado
Quicê	Ergotópônimo	Kicê- faca	Não encontrado
Quimbirro	#	Qui-bur- a gota que surge, a lágrima	Não encontrado
Quindongá	#	Qui- ponta; ndongá- quebrada, abertura (a quebrada da ponta)	Não encontrado
Quiribas	Fitotópônimo	Quiri-yba- a árvore do quiri	Quiri - planta da família das borragináceas, que fornece madeira de boa qualidade para construção naval (CUNHA, 1998)
Quiribeira	Fitotópônimo	Termo híbrido formado de quiri, nome de uma árvore e madeira de construção, e do sufixo português -beira	Mesma significação da palavra precedente mais sufixo português beira
Quity	Hidrotópônimo	Quti- corte; y- rio (rio do corte)	Quyti- cortar com faca, machado/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Quixada	Fitotópônimo	Dr. Th. Sampaio julga possível proceder de quiçaba, dormida, ninho, visto ser bastante frondosa a quixabeira, onde as aves preferem aninhar-se	Planta da família das sapotáceas, quixabeira (CUNHA, 1998)
Sabiá	Zootópônimo	Corr. De çoó- animal; biá- agradável	Mavioso, cantador. É o pássaro de canto admirável (BUENO, 1984)
Sabiázinha	Zootópônimo	Hibridismo com a significação da palavra precedente no diminutivo português	Mesma significação da palavra precedente mais diminutivo português
Saguim	Zootópônimo	Ça- olhos; gui- vivos. Também pode ser çoó- animal, bicho; im-pequeno	Bugiu, macaco pequeno e muito vivo (BUENO, 1984)
Sambabira	Ergotópônimo	Çamba ou çama- a corda; byra- que liga (o amarrado)	Não encontrado
Sambaiba	Fitotópônimo	Çaimbé- áspero; yba- árvore (a árvore de folhas ásperas, o pau de lixa)	Planta da família das dileniáceas (CUNHA, 1998)
Sambambaia	Fitotópônimo	O mesmo que Samambaia	Nome de uma planta ornamental cujos ramos muito delgados se projetam em grande extensão (BUENO, 1984)
Sapé	Fitotópônimo	Eçá-pé- o que alumia (gramínea que serve para cobrir casas e fazer fachos)	Gramínea de folhas compridas e resistentes com as quais se fazem cobertas de casas pobres (BUENO, 1984)
Sapucaia	Fitotópônimo/Zootópônimo	Corr. De çapucaia- o grito, o clamor; sendo verbo significa gritar, clamar; como substantivo quer dizer o galo, a galinha; corr. De	Árvore frutífera da família das Lecitidáceas/Gritar, clamar. Figur. Galo, galinha que vivem gritando (BUENO, 1984)

		yaçapucaí- o grito conhecido por sapucaia	
Sapucahy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Sapucaí-y - rio das sapucaias	O rio das sapucaias (BUENO, 1984)
Sapucary	Zootopônimo/Hidrotopônimo	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente
Sendegue	#	Corr. De cen-d-enga- sai espalhado, espraído	Não encontrado
Sergipe	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Cyri-gy-pe (no rio dos siris)	No rio dos siris (BUENO, 1984)
Sinenga	#	Corr. De cyn-enga, liso, espraído	Não encontrado
Siriry	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Ciri-r-y (rio dos siris)	o rio dos siris (BUENO, 1984)
Siriry-morto	Zootopônimo/Hidrotopônimo	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente
Siris	Zootopônimo	Ciri- o que corre (nome dado a diversas espécies de crustáceos)	Pequeno inseto alado que precede o aparecimento dos içás (BUENO, 1984)
Sucupira	Fitotopônimo	Çapó- rais; pyra-profunda (árvore da família das leguminosas)	Nome comum a várias árvores da família das leguminosas, que forneceM madeira de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria (BUENO, 1984)
Sucuruiú	Zootopônimo	Çuucuri- cobre; yu- contração de yuba- amarela	A sucuri amarela (BUENO, 1984)
Tabanga	Litotopônimo	Itá-b-anga (pedra lisa)	Aldeia das almas (BUENO, 1984)
Tabatinga	Litotopônimo	Tauá- barro; tinga- branco	Argila branca, barro branco (BUENO, 1984)
Tabóca	#	Ta- haste; boc ou bog- furada, oca	A haste furada, o tronco ôco (BUENO, 1984)
Tabócas	#	A mesma significação da palavra precedente	Mesma significação da palavra precedente no plural
Tabuna	Litotopônimo	Tab- pelo; uma- escuro, ou itá-b-u-na - pedra preta, ferro	Tab- cabelo, pelo, felpa, penugem/ Una- preto, negro (BUENO, 1984)
Taguahy ou Tauáhy	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Mesmo que Itaguahy	Mesmo que Itaguahy
Tahymirim	Litotopônimo	Vide itamirim	Mesmo que Itamirim
Taimytiaia	#	Tãi-mbi-tiyai - mostra, arreganha os dentes	Tãi- dente (BUENO, 1984)
Taioba	Fitotopônimo	Taiá-oba - a folha do taiá	A folha do tajá. Erva comestível da família das aráceas (BUENO, 1984)
Taissóca	#	Tãi-sóca- dente partido	Tãi- dente/ Soca- quebrar, partir, reduzir a pedaços (BUENO, 1984)
Tamandaré	Zootopônimo	Tamanduá-ré - o que imita, o que se assemelha ao tamanduá	Para T. Sampaio é o mesmo que Noé da lenda do dilúvio entre os gentios. Para B. Caetano, deriva-se de Tamoidaré e significa: aquele que fundou o povo, isto é, o repovoador da terra. Para Thevet, citado por Fred. Edelweiss, procede de Tamanduá-ré, insinuando vestígios de totemismo entre os tupis (BUENO, 1984)
Tamanduá	Zootopônimo	Tã- alteração de tahy- formiga; mondoá- contração de mondoara- caçador. Mamífero de ordem dos desdentados, que se alimenta de formigas	O caçador de formigas (BUENO, 1984)

Tamburil	Fitotopônimo	Corruptela de Tambury	Mesmo que Tambury
Tambury	Fitotopônimo	Ta-tronco; amby- goma, resina; -(r)-y- escorre, destila (tronco que dá goma)	Planta leguminosa, cujo caule, se cortado, verte líquido (BUENO, 1984)
Tapera	Sociotopônimo	Taba- aldeia; oéra- velha, arruinada	A taba que foi taba, mas abandonada, em ruínas (BUENO, 1984)
Taperabatú	Zootopônimo	Taper-nára-tú- o morador das ruínas; a queda do habitante da tapera; as andorinhas	Não encontrado
Taperaguá	Zootopônimo	Tapera-guá- morador da aldeia abandonada, a andorinha	Não encontrado
Taperoá	Zootopônimo	Tapér contração de tapera-aldeia extinta; oá- cont. De uára- vidente (habitante da tapera, a andorinha)	Não encontrado
Taperussú	Sociotopônimo	Taper-uçú- ruína grande, tapera enorme	Tapera- taba que foi taba, mas abandonada, em ruínas/ Assu-grande (BUENO, 1984)
Tapireté	Zootopônimo	Tapir- anta; etê- verdadeira	A anta legítima (BUENO, 1984)
Tapuio	#	Tapuy-ú- o gentio come; o antropófago	Não encontrado
Tapuios	#	A mesma significação da palavra precedente	Não encontrado
Taquara	Fitotopônimo	Tã-coara - haste furada	Bambu. A haste furada, oca (BUENO, 1984)
Taquary	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Taquar-y - rio das taquaras	O rio das taquaras (BUENO, 1984)
Tatú	Fitotopônimo	Ta-tú- casco grosso	O casco encorpado, encouraçado (BUENO, 1984)
Tauá	Litotopônimo	O mesmo que Taguá- itá- barro; guaba- que se come	Argila (BUENO, 1984)
Tauáhy	Litotopônimo/Hidrotopônimo	Tauá-y - rio do tauá	Tauá- argila/ Y- água, rio (BUENO, 1984)
Tayaoba	Fitotopônimo	A mesma significação de Taioba	Mesmo que Taioba
Tejupares	Sociotopônimo	Tejú por teyi- reunião, ajuntamento; pares por paba- sítio, estância (lugar onde se estaciona um magote de povo)	Não encontrado
Tejupeba	Zootopônimo	Teyú- lagarto; peba- não verdadeiro, inferior (o teiú de qualidade inferior)	Teyú- lagarto/ Pebas- chato, de pequena altura (BUENO, 1984)
Tijuco	Hidrotopônimo	Ti- água; yuca- podre (lama)	O lameiro, o brejo, lamaçal (BUENO, 1998)
Timbaúba	Fitotopônimo	Timbó-yba- árvore de espuma	Planta da família das leguminosas (CUNHA, 1998)
Timbó	Fitotopônimo	Planta cuja propriedade tóxica se servem os pescadores para matar o peixe	Planta de cujo suco venenoso se valiam os indígenas para matar os peixes (BUENO, 1984)
Timbózinho	Fitotopônimo	A mesma significação anterior com desinência portuguesa	Mesma significação da palavra precedente mais diminutivo português
Tinga	Animotopônimo	Branco, claro	Branco, alvo, claro (BUENO, 1984)
Tingui	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Ty- água, líquido; gui- que sai, que escorre; o sumo, a espuma. Outro vegetal com a mesma propriedade do tombó e que depositado no rio mata o peixe	Espuma (BUENO, 1984)
Tinharé	Hidrotopônimo	Ty- água; nhã- correr; tê- tendência (o que avança para a água)	O que penetra na água (BUENO, 1984)
Tiririca	Fitotopônimo	Planta cyperacea, deriva-se do verbo tiriri, que quer dizer cortar,	Não encontrado

		ferir	
Tororó	Hidrotopônimo	Voz onomatopaica do rumor das águas nas fortes correntezas	O que produz barulho, o que é rumorejante, sussurrante. Aplica-se a águas, rios de correnteza marulhenta (BUENO, 1984)
Trahiras	Zootopônimo	Nome de um peixe d'água doce	Peixe d'água doce (BUENO, 1984)
Traipú	Hidrotopônimo	Ityra- morro; ipú- fonte (a fonte do morro)	O olho d'água do monte; a fonte do morro (BUENO, 1984)
Tramandahy	Fitotopônimo/Hidrotopônimo	Tara- espiga; manda- feixe; y- rio (rio do feixe de espiga)	Rio sinuoso, cheio de curvas e meandros (BUENO, 1984)
Traripe	Zootopônimo/Hidrotopônimo	Trayr- trahira; y-rio; pe-logar onde (no rio das trahiras)	No rio das tarairas (BUENO, 1984)
Tuim	Zootopônimo	Nome onomatopaico de uma espécie de periquito	Periquito (BUENO, 1984)
Tupaóca	Hierotopônimo	Tupá (tub-pai, ã-alto) Deus; oca- morada (casa de Deus, a igreja)	Tupã- Deus/ Oca- casa (BUENO, 1984)
Umbaúba	Fitotopônimo	Mbá-yba - árvore do tronco oco	Não encontrado
Una	Animotopônimo	Escuro, preto	Preto, negro (BUENO, 1984)
Uruba	Hidrotopônimo	Y-rub - contém água	Não encontrado
Urubú	Zootopônimo	Urú- ave; bû- preta	O corvo (BUENO, 1984)
Urubutinga	Zootopônimo	Urubú-tinga- urubú branco, ave de rapina	Urubu- o corvo/ Branco, alvo, claro (BUENO, 1984)
Urucú	Fitotopônimo	Vide o vocábulo Lucú	Mesmo que Lucú
Vasaringuy	Hidrotopônimo	De ordem incerta, a não ser que se derive de yba-ça-rangu-y, com significação de- rio por onde se tira madeira	Não encontrado
Xima	#	Chyma- liso, lustroso	Não encontrado
Xinduba	Fitotopônimo	Corruptela provável de Guaxinduba. Guaci-yba, árvore de guaximas	Guaxenduba- o sítio das vassouras, o vassoural/ Guaxima- planta malvácea de fibras têxteis (BUENO, 1984)
Yrapiranga	Fitotopônimo	Yrá por ybirá- madeira, pau; piranga- vermelho (o pau-brasil)	Ybyrapytanga- o pau vermelho, o pau-brasil (BUENO, 1984)
Zanguê	#	Talvez çam por çama- corda; guê sufixo plural (as cordas)	Não encontrado